

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA**

THIAGO FÉLIX MAURICIO

**O ESTÁDIO DO ESPELHO E A CONSTITUIÇÃO DO EU NA
ESQUIZOFRENIA**

Maceió

2016

THIAGO FÉLIX MAURICIO

**O ESTÁDIO DO ESPELHO E A CONSTITUIÇÃO DO EU NA
ESQUIZOFRENIA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Profa. Dra. Susane Vasconcelos Zanotti.

Maceió

2016

THIAGO FÉLIX MAURICIO

O ESTÁDIO DO ESPELHO E A CONSTITUIÇÃO DO EU NA ESQUIZOFRENIA

Dissertação de Thiago Félix Mauricio apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Data da aprovação: ____/____/____

Profa. Dra. Susane Vasconcelos Zanotti

Dra. em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Presidente da banca: Orientadora

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Alagoas

Prof. Dr. Charles Elias Lang

Dr. em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Componente da banca: membro interno titular

Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Alagoas

Profa. Dra. Edilene Freire de Queiroz

Dra. em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Componente da banca: membro externo titular

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica – Universidade Católica de Pernambuco

Dedico esta dissertação à minha mãe,
Carine, por todo o seu amor e seus
ensinamentos.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Carine e Aloisio, maiores incentivadores na minha formação acadêmica, que sempre zelaram pela minha educação e de meus irmãos. Minhas referências de vida.

À minha noiva Ianara, pela parceria, cumplicidade, companheirismo e paciência, e também pelas horas extras com nossa filha enquanto trabalhava na dissertação.

À minha filha, Sofia, que renovou minha vitalidade.

Aos meus irmãos, Caroline, Gustavo e Aloisio, meus melhores amigos. Obrigado por sempre acreditarem em mim.

À Professora Dra. Susane Vasconcelos Zanotti, professora na graduação e pós-graduação, orientadora em diversos momentos. Fundamental em minha formação acadêmica, no incentivo à pesquisa, escrita e estudos em Psicanálise. Manifesto minha admiração e agradeço pela confiança, aposta, paciência, escuta, trabalho conjunto.

À Professora Dra. Marta Regina de Leão D'Agord, pelas contribuições e indicações de leitura para esta dissertação na banca de qualificação.

Ao Professor Dr. Charles Elias Lang, professor na graduação e pós-graduação, pelas aulas instigantes e inquietantes que alimentaram minha busca ao estudo da Psicanálise. Obrigado pelas contribuições e indicações para leitura na banca de qualificação.

À Professora Dra. Heliane de Almeida Lins Leitão, professora na graduação. Suas aulas foram um dos grandes incentivos para iniciar os estudos em Psicanálise.

Ao meu tio Ricardo, pelo auxílio na tradução do resumo.

Ao William Silva, pela amizade e contribuições pertinentes para esta dissertação.

À Viviane Soares Nunes, companheira de mestrado e grupo de pesquisa. Agradeço pela amizade, pelo apoio em todos os momentos, as conversas e discussões, geralmente durante o caminho até a UFAL. Obrigado pelas caronas.

Aos demais colegas da turma de mestrado, por compartilhar os momentos de angústia, e também os momentos de descontração.

Aos colegas de grupo de pesquisa/mestrado pelo apoio e ajuda em momentos difíceis, Fabíola Brandão da Silva, Marília Torres e Gabriela Costa Moura.

Aos demais colegas do grupo de pesquisa pelo apoio durante todo o percurso, Alessandra Cansanção, Aline Emílio da Mota Silveira, Amora Sarmiento Santana, Caio César da Paz Santos, Fernanda Rezende, Emanuele Gomes, Isadora Veiga, Jade Sarmiento Santana, Karolline Hélcias, Kyssia Marcelle, Marina Silvestre Barbosa, Melissa de Oliveira Barboza, Thaysa Maria Guedes de Oliveira Melo.

À minha família e amigos em geral, a confiança de cada um de vocês foi essencial para mim.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Alagoas – FAPAL, pela concessão de bolsa de pesquisa durante o curso do Mestrado, fundamental desde as pesquisas de iniciação científica.

RESUMO

A presente dissertação analisa a constituição do eu na esquizofrenia no ensino de Lacan, a partir da teoria do estágio do espelho. Trata-se de pesquisa teórica, com método da releitura, que apoia-se em concepções extraídas do ensino de Lacan e da obra de Freud, a respeito da esquizofrenia e do corpo próprio. Também foram utilizados autores contemporâneos que resgatam a teoria do estágio do espelho como formador do eu. Sustentada na relação entre o imaginário e o corpo, priorizou-se a construção imaginária para abordar a constituição do eu na esquizofrenia. Evidencia-se no ensino de Lacan determinado momento da teoria do estágio do espelho na constituição do eu, ao apontar que o assentimento da imagem pela criança a partir do outro é o que constitui o eu. Os esquizofrênicos não atingem a chamada “totalidade ortopédica”, expressão definida por Lacan para designar a completude da constituição da imagem para o bebê, mediante a relação especular. São utilizados três exemplos clínicos para evidenciar tal especificidade da constituição do eu na esquizofrenia. Nestes casos, o que prevalece é a inscrição da fantasia do corpo despedaçado, o qual aparece sob a forma de membros disjuntos, uma tendência à ideia de fragmentação.

Palavras-Chave: Esquizofrenia. Corpo. Estádio do Espelho. Eu. Imagem

ABSTRACT

The present paper analyses the constitution of the I in schizophrenia according to Lacan's teachings on the theory of the mirror stage. This research deals with it theoretically supported by findings taken from Lacan and Freud's teachings concerning schizophrenia and the body itself. Other authors' studies on the theory of the mirror stage for the constitution of the I, were also used. Based on the link between the imaginary and the body, the focus was given on the imaginary for the constitution of the I in schizophrenia. It is crystal clear at some point in Lacan's teachings the mirror stage theory in the constitution of the I when he points out that the image a child develops through another person constitutes the I. Those who suffer from schizophrenia do not reach the so called "orthopedic totality", described by Lacan to express the complete constitution of the specular image for babies. Three clinical trials are used to make clear the constitution of the I in schizophrenia. In these cases, the inscription of fantasy of a shattered body prevails, which is clearly seen on separated joints, giving ground to the idea of fragmentation.

Keywords: Schizophrenia. Body. Mirror Stage. I. Image

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESQUIZOFRENIA	17
2.1 Esquizofrenia: da Medicina à Psicanálise	17
2.2 Esquizofrenia: do narcisismo em Freud ao estágio do espelho em Lacan	24
2.2.1 A origem do termo “esquizofrenia”	24
2.2.2 A esquizofrenia na clínica das psicoses	27
2.2.3 O estranhamento da imagem	35
3 A IMAGEM E O ESTÁDIO DO ESPELHO EM LACAN	39
3.1 O estágio do espelho como formador do eu (1949)	39
3.1.1 A tópica do imaginário e a teoria do estágio do espelho	46
3.1.2 Estádio do espelho e psicose em outros momentos do ensino de Lacan	55
4 O CORPO DESPEDAÇADO NA ESQUIZOFRENIA	65
4.1 Da construção imaginária à mediação simbólica	65
4.2 Os órgãos estão fora do corpo?	70
4.3 O eu e o outro: uma prótese imaginária	78
5 CONCLUSÃO	83

6 REFERÊNCIAS 86

1 INTRODUÇÃO

O interesse em investigar a esquizofrenia surgiu após participação em Programa de Iniciação Científica, na pesquisa intitulada “A contribuição da Psicanálise aos tratamentos das síndromes de dor crônica” (ZANOTTI, 2011-2012). O trabalho intitulado “Dor crônica e psicose”, teve como objetivo analisar a dor como nome para localizar o sujeito na relação com o Outro, na psicose. A partir das investigações realizadas na referida pesquisa teórica sobre a psicose, manifestou-se o interesse em investigar a constituição do eu na esquizofrenia, uma vez que os resultados obtidos indicaram uma relação peculiar do psicótico com o Outro e com o corpo.

A presente dissertação analisa a constituição do eu na esquizofrenia no ensino de Lacan, a partir da teoria do estágio do espelho. Para isto, utilizam-se os pressupostos da pesquisa teórica em Psicanálise.

A pesquisa em Psicanálise pode ser apontada de acordo com várias perspectivas, entre elas a da pesquisa clínica, já que a origem da teoria psicanalítica é iniciada em Freud (1886-1899/2011) a partir da investigação de pacientes histéricas. Esta questão é passível de discussão por muitos autores, dentre eles Garcia-Roza (1993) e Lo Bianco (2003), ao indagar se é possível realizar pesquisa em psicanálise fora da clínica, e qual seria a viabilidade de realizá-la também na Universidade. No caso do presente trabalho, trata-se de uma pesquisa teórica, na qual foram desenvolvidas articulações acerca do que se tem apresentado em relação à constituição do eu na esquizofrenia de acordo com a teoria psicanalítica.

A revisão da literatura, primeira etapa da pesquisa, consiste na investigação de trabalhos com base psicanalítica de orientação lacaniana, a partir dos descritores “esquizofrenia” e “estádio do espelho”. Os textos foram obtidos com base na busca nos bancos de dados *ScientificElectronic Library Online* (SciELO), *Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia* (BVS-Psi) e no *Portal de Periódicos CAPES*, com base no objetivo exposto.

A investigação em Psicanálise apresenta-se de várias formas (BASTOS, 2009, p. 14; COUTO, 2010, p. 66). No caso da presente pesquisa, utiliza-se o modelo de pesquisa do tipo teórico, de acordo com o método da releitura, tal como proposto por Garcia-Roza (1993). A escolha por este método justifica-se por sua semelhança ao método psicanalítico clínico, conforme propõe-se que ao ler um texto, é preciso estar livre de preconceitos ou julgamentos.

O objetivo deste método consiste em construir um novo discurso, através das ideias que o texto pode proporcionar (Garcia-Roza, 1994).

Garcia-Roza expõe que “reler um texto não é reproduzir monotonamente seu conteúdo literal, mas produzir, a partir dele, um discurso” (GARCIA-ROZA, 1993, p. 20). Neste sentido, Garcia-Roza indica que a releitura não tem como proposta ser reveladora, mas produzir transformação, que confronta ao que se refere a “mesmidade” do texto. Para o autor, a questão central para a releitura estaria em um “dispositivo discursivo”, “cujo objetivo seria o de possibilitar a emergência do novo, produção ou criação de novos *sentidos não antecipáveis* ou *previsíveis*” (1993, p. 121, grifo do autor). Mais uma vez o autor faz alusão à clínica ao apresentar esse dispositivo:

É o mesmo que está presente na prática clínica, na escuta do psicanalista, e que eu apontaria como sendo o essencial do discurso psicanalítico. Sua característica é a de **fazer furo nos discursos constituídos** ou, se preferirmos, de apontar para o furo dos discursos constituídos (GARCIA-ROZA, 1993, p. 121, grifo do autor).

A proposta da dissertação é resgatar um aspecto preponderante na psicanálise de orientação lacaniana, a teoria do estágio do espelho, fundamental no processo de constituição do eu.

Bastos (2009), a partir da elaboração de Garcia-Roza, indica que realizar uma pesquisa de releitura do texto é “tentar trabalhá-lo pelo seu aspecto polifônico (...) observando o aspecto de textualidade, no sentido de que é possível dialogarmos com a sua potência de significante diante dos múltiplos sentidos” (BASTOS, 2009, p. 19). Porém, o autor realiza um alerta ao pesquisador. Ao conduzir a pesquisa pelo aspecto da textualidade de forma mais intensa, pode-se destruir a especificidade do texto. É neste ponto que o autor chama a atenção, uma vez que agir de tal maneira acarreta deixar o estudo de investigação sistemático e retornar à doxa, o que descaracteriza a pesquisa em Psicanálise (BASTOS, 2009, p. 19). O autor ressalta que

fazer pesquisa, é criar conhecimento, por meio de uma série de procedimentos metodológicos e técnicos, os quais caminham em direção oposta à da doxa, ou seja, referimo-nos à questão da opinião, a qual nada tem a ver com a pesquisa acadêmica, e também, como sabemos, a referida pesquisa acadêmica luta com todas as suas forças para superá-la (BASTOS, 2009, p. 20).

A partir do que foi indicado sobre o método da releitura, apresenta-se as principais obras inicialmente utilizadas como base para elaboração da pesquisa, estas são encontradas

nas obras de Jacques Lacan, em especiais os textos “Os complexos familiares na formação do indivíduo”, publicadas nos “Outros Escritos” (1938/2003), no qual Lacan realiza introduções acerca da teoria do estágio do espelho; “O estágio do espelho como formador da função do eu”, publicado nos “Escritos” (1949/1998), que marca oficialmente o início da discussão de Lacan sobre a teoria do estágio do espelho; e o Seminário 1 “os escritos técnicos de Freud (1953-1954/1986)”, por abordar a esquizofrenia relacionada ao narcisismo.

A análise é realizada a partir do chamado primeiro momento da produção teórica de Lacan. Adota-se aqui a divisão proposta por Leite identificado no texto “O imaginário” (2010), que situa o ensino de Lacan em três períodos: O primeiro período é estabelecido entre os anos de 1936 e 1953, em que há uma supremacia do Imaginário, centrado na teoria do Estádio do Espelho. A transição deste período é marcada pelo início dos desenvolvimentos dos Seminários de Lacan. O segundo período destacado pelo autor consiste entre os períodos de 1953 a 1964, e marca a supremacia do Simbólico, quando Lacan formulou a tese do “inconsciente estruturado como linguagem”. No terceiro período, datado entre 1954 e 1980, o autor indica a ênfase ao Real e às formulações sobre o objeto a no ensino de Lacan (LEITE, 2010).

Prioriza-se no ensino de Lacan o período em que o autor atribui uma supremacia do imaginário centrado na teoria do estágio do espelho, em que a imagem propicia a constituição do eu. Considera-se que as influências de Freud contribuíram para as elaborações de Lacan sobre a teoria do estágio do espelho, principalmente no texto sobre o narcisismo (1914-1916/2010), já que o autor revisita as formulações de Freud e os seus termos técnicos para apresentar a teoria do estágio do espelho. Há evidência especialmente no texto sobre a tópica do imaginário, presente no Seminário 1 “os escritos técnicos de Freud (1953-1954/1986)”.

As referências citadas ocuparam posição de destaque na investigação e nortearam todo o percurso da pesquisa. Entretanto, foram utilizados também autores contemporâneos que abordam e resgatam a teoria do estágio do espelho como formador do eu, assim como Lacan (1949/1998) caracterizou. Dentre eles: Steffen (1985), Sales (2007), Leite (2012), Quinet (2009; 2012). Exibe-se aqui a configuração da dissertação: a apresentação dos três capítulos, e como os itens articulam-se para alcançar o objetivo da pesquisa.

No capítulo 1 apontam-se perspectivas sobre a origem do conceito de esquizofrenia, bem como seu percurso histórico na psicanálise. Discute-se ainda de que forma estes aspectos dialogam com a proposta da presente pesquisa. O intuito é abordar como é apresentado o diagnóstico da esquizofrenia na Medicina, a partir do reconhecimento pela Organização

Mundial de Saúde (OMS) dos manuais diagnósticos estabelecidos atualmente, Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM) e Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde (CID) nas suas versões respectivamente atualizadas. Neste sentido, utiliza-se Clavreul (1978) como ponto de partida da discussão do discurso da Medicina, bem como artigos mais atuais da área médica sobre o diagnóstico da esquizofrenia (FILHO, H., SAMAIA, H, 2000; MENEZES, P, 2000; MONTEIRO, L., LOUZÃ, M. 2007). Esta evidência tem como intuito identificar como é apresentada a esquizofrenia na Medicina, já que a área é um importante referencial para situar tal diagnóstico, e ainda possibilita estabelecer uma diferenciação entre a Psicanálise em relação à esquizofrenia.

O segundo capítulo tem como objetivo discutir aspectos sobre a constituição do eu na esquizofrenia. Para tanto, discute-se a teoria do estágio do espelho, elaborada por Lacan em 1949. Neste período, Lacan (1949/1998) apresenta que o assentimento da imagem pelo sujeito é o que determina a constituição do eu. Porém, no mesmo período proposto a esta investigação em Lacan, é evidenciado pelo autor que a relação do Imaginário depende da ligação simbólica entre os humanos. Lacan, neste instante, afirma que é preciso haver o reconhecimento do Outro para realizar o reconhecimento do eu. Isso não poderia acontecer sem uma intermediação simbólica, geralmente inserida pela mãe através da linguagem. É assim que Lacan (1949/1998) distingue os homens dos animais. Neste sentido, o presente capítulo discute como ocorre a constituição do eu na esquizofrenia, diante dos aspectos sobre a constituição da imagem como formadora do eu, e da relação com o Outro.

Na pesquisa científica que impulsionou o interesse em investigar a esquizofrenia também foi identificada a noção de “órgãos fora do corpo”, na leitura do artigo “a invenção psicótica” de Jacques-Alain Miller (2003). O referido o autor aponta que “no esquizofrênico os órgãos passam fora do corpo no sentido em que tomam vida eles mesmos, tem sua própria vida, sua própria linguagem” (MILLER, 2003, p. 5).

Discute-se aqui um aspecto peculiar constituinte da esquizofrenia. Alguns autores, como por exemplo, Generoso (2008) e Lima (2010) caracterizam a esquizofrenia, em seu aspecto geral, ao apresentá-la pelo viés da linguagem, inclusive quando é apontada a relação que o esquizofrênico possui com o corpo. O presente trabalho utiliza-se da caracterização da esquizofrenia através da constituição do eu de acordo com a teoria do estágio do espelho, do eu-imagem, assim como formulou Lacan (1949/1998).

Como abordado anteriormente, a constituição imaginária do sujeito é atravessada por uma construção simbólica, portanto, não pretende realizar alguma separação, como se fossem processos distintos. A questão principal é situada no momento e de acordo com as referências utilizadas, já que prioriza-se aqui, a apresentação da esquizofrenia sob a luz do primeiro momento da teoria do estágio do espelho centrada no imaginário, em que a imagem revela-se como formadora do eu. Esse aspecto é privilegiado uma vez que, mesmo após mais de meio século o tema sobre a constituição do eu na dimensão imaginária se mantém em evidência.

Miquel Bassols (2014), no texto de apresentação do Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana (ENAPOL) do Campo Freudiano, “O império das imagens e o gozo do corpo falante” menciona aspectos sobre a configuração das imagens no século XXI. O autor destaca o poder de penetração das imagens, onde atualmente se estabelece em uma dimensão virtual, promovida pela multiplicação das imagens do interior do campo, no que se refere às tecnologias de ressonância magnética, por exemplo. Bassols afirma que “a unidade da imagem exterior do corpo fragmenta-se, assim, a partir do interior, quando se dobra como uma luva mostrando seu avesso de corpo despedaçado” (BASSOLS, 2014, p. 1). Esta afirmação põe em xeque a relação da imagem corporal com a constituição do eu, na medida em que indica-se que é na dimensão imaginária que o sujeito se constitui como eu.

Diante do exposto, Bassols indica que “à diferença do organismo, está capturado nas redes de linguagem” (2014, p. 1). Esta última afirmação é enfatizada, já que constantemente é ressaltado seu valor na constituição do sujeito. É algo que ocorre simultaneamente à constituição da imagem, que está integrado neste processo do estágio do espelho. Assim é inevitável não destacar a importância da dimensão simbólica, que caracteriza-se como processo fundamental na teoria do estágio do espelho, determinante na discriminação entre os homens e animais, marcada principalmente pela linguagem, como já foi anteriormente abordado.

No terceiro capítulo partimos de dois casos clínicos de esquizofrenia publicados em referência a psicanálise de orientação lacaniana (JARDIM, 2011; HOLVOET, 2003). Também são utilizados fragmentos do livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome” (MOSÉ, 2009) que apresenta a história de “Stela do patrocínio”, um possível caso de esquizofrenia, abordado por alguns autores como Masagão (2004) e Rubião (2008). Neste terceiro capítulo, problematiza-se alguns aspectos dos três casos mencionados, de acordo com a investigação realizada nos primeiros capítulos.

Cabe destacar aqui, o uso do caso clínico como um importante recurso metodológico para pesquisas em Psicanálise (Zanotti et al, 2015). As referidas autoras revisitam a origem da Psicanálise e destacam a relevância do caso clínico, considerando que a partir dessa prática, Freud avançou na construção da sua teoria. Neste sentido, propõe-se analisar os fragmentos dos casos de acordo com o aporte teórico psicanalítico.

Sendo assim, com a apresentação do caso Júlio, de Jardim (2011), evidenciam-se questões acerca do reconhecimento do eu atrelado à imagem do outro na esquizofrenia. Constata-se a identificação imaginária aderida ao outro sem a exclusão do mesmo, no qual só há reconhecimento através do outro sem a possibilidade de existência separada.

A partir de algumas falas de Stela do Patrocínio (MOSÉ, 2009), é abordado o modo como ela expressa sua relação com o próprio corpo, durante os vários anos em que ficou internada em um hospital psiquiátrico. Stela apresenta uma fragmentação corporal que chama atenção à constituição do eu-imagem na esquizofrenia.

Por fim, o caso Sylvie (HOLVOET, 2003) explicita o caráter indissociável entre o eu e o outro. Identifica-se uma alienação em relação ao outro sem possibilidade de descolamento.

A teoria do estágio do espelho é situada como base para desenvolver sobre as indagações específicas da pesquisa destacadas em cada caso. Não são ignorados outros momentos do ensino de Lacan, porém, vale ressaltar que a teoria do estágio do espelho possui um lugar de destaque no que concerne à constituição do eu.

2 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESQUIZOFRENIA

2.1 Esquizofrenia: da Medicina à Psicanálise

É importante destacar as origens da utilização do conceito esquizofrenia em Psicanálise e a influência de Freud (1886-1899/2011; 1906-1908/2003; 1914-1916/2010; 1923-1925/2003) nos estudos da mesma. Embora o referido autor não tenha aprofundado seus estudos sobre a psicose em relação à esquizofrenia, há uma fundamental importância para a Psicanálise, à medida que este inicia a discussão na área. Freud no texto “Introdução ao narcisismo” (1914-1916/2010) aponta a relação da esquizofrenia com a teoria da libido, bem como situa alguns indícios sobre a constituição da imagem corporal que iria influenciar posteriormente Jacques Lacan em suas formulações sobre a constituição do eu mediante a teoria do estágio do espelho.

Considera-se na presente pesquisa a esquizofrenia como psicose, assim como Freud (1914/2010) atribuiu, e também Lacan durante seu ensino. Nesta direção, o presente trabalho propõe discutir a esquizofrenia como uma estrutura clínica psicanalítica, de acordo com as contribuições de Freud às teorizações de Lacan e de comentadores.

Como exposto, a presente dissertação trabalha também de acordo com a referência de Leite (2010) com base no que foi apresentado como primeiro período do ensino de Lacan. Neste ponto, Lacan (1949/1998) atribui que a constituição do eu ocorre a partir do momento em que o sujeito, diante do espelho, reconhece que a imagem refletida, a imagem especular, na verdade é sua imagem. Nesta perspectiva, há um reconhecimento do eu, através do assentimento de sua imagem corporal.

Neste período do ensino de Lacan, em que o autor propõe que a partir da imagem do corpo o eu é constituído, torna-se importante retratar brevemente o que é concebido como corpo no presente trabalho. Tal noção é abordada de acordo com o referencial psicanalítico de orientação lacaniana, e assim, é pertinente também realizar diferenciação do corpo biológico, aquele proposto pela Medicina. Portanto, propõe-se aqui adotar o termo “corpo” ao referenciar o corpo discutido na Psicanálise, e “organismo” em alusão ao corpo atribuído pela Medicina.

O conceito de corpo em Psicanálise é bastante peculiar. É preciso localizar sob que perspectiva é apresentada. Neste cenário, identifica-se na presente pesquisa o conceito do corpo diferenciado entre a Psicanálise e Medicina, situando o corpo como fonte de sofrimento

em Freud (1930/2010), e o especular, o corpo como consistência imaginária, aquele como Lacan (1949/1998) apresentou, e o corpo biológico, o organismo, abordado pela Medicina.

O corpo para Medicina atualmente é marcado por uma fragmentação virtual, cada vez mais minuciosa, que mudou de fato ao longo do tempo o próprio recorte que foi realizado deste corpo. Segundo Barreto (2014, p. 2) “houve uma fragmentação, um estilhaçamento produzido pelo discurso científico. O avanço do conhecimento foi tamanho, que só cabe a cada um o estudo e o domínio de um pequeno fragmento desse corpo”. Barreto (2014) revisita a história da medicina através de Hipócrates, considerado o pai da Medicina, para sintetizar o desenvolvimento da concepção de corpo nesta área, até os dias de hoje. O autor situa o “corpo-máquina”, sob “uma perspectiva que caminha para situá-lo de forma a ser inteiramente fotografado, radiografado, calibrado, diagramado e condicionado” (BARRETO, 2014, p. 2).

Nesta perspectiva, o corpo atribuído pela Medicina aponta para uma clínica marcada pelo olhar. Vale ressaltar que não deve-se desmerecer a importância deste campo nos dias atuais, mas por outro lado questiona-se o modelo do corpo como máquina, em que apenas sinais e inscrições corporais configuram um chamado “quadro clínico” na linguagem médica. É a partir desta concepção de corpo que é situada a diferença do corpo-organismo para Medicina, e aquele corpo atribuído pela Psicanálise.

Diante do exposto, se faz necessário revisitar Freud (1893/2001) e suas formulações sobre o corpo, já que, partindo da referência freudiana, pode-se identificar que desde sua origem, a psicanálise caracterizou-se como uma clínica sobre o corpo. Freud (1893/2001) iniciou seus estudos a partir do que apresentavam as chamadas pacientes “histéricas”, conduzidas pelo enigma da emergência de sintomas físicos, sem alguma causa orgânica identificável. Nesta época, Freud (1893-1895/2003) recebeu grandes influências de Breuer e Charcot, que já pesquisavam este fenômeno. Logo, foi identificado o estatuto do inconsciente na Psicanálise. O inconsciente seria o responsável por recalcar experiências traumáticas do sujeito, e sua consequência na maturidade seria justamente a emergência no corpo. É nesta direção, a partir dos estudos com as pacientes histéricas, que Freud (1898) “quando ao investigar a sexualidade na etiologia das neuroses, assinala a diferença entre definição de corpo anatomo-biológico da Medicina e corpo para Psicanálise” (BESSET; ZANOTTI, 2009, p. 84).

Barreto (2014) utiliza Lacan (1966/1985) em seu texto “Psicoanalysis y medicina”, para concluir precisamente que não foi por acaso que o nascimento da psicanálise coincidiu com o ingresso da medicina na era científica. O autor indica que “o campo freudiano é, precisamente, o campo do desejo e do gozo. A psicanálise trabalha desse modo, com aquilo

que a medicina deixou de lado na sua evolução, ao criar uma nova concepção de corpo” (BARRETO, 2014, p. 3).

Atualmente, quando o tema sobre esquizofrenia é abordado, logo se remete à fantasia dos fenômenos de delírios e alucinações, assim como são evidenciados nos manuais diagnósticos (DSM-IV, 1994; DSM-V 2013; CID-10) e difundidos pela mídia, como por exemplo, o personagem “Tarso” da novela “Caminho das Índias” (2009), da emissora Rede Globo. Na época, a forma como o diagnóstico de esquizofrenia foi apresentado, gerou críticas pela Associação Brasileira de Psiquiatria. A entidade publicou um clipping com o título “Tarso é um delírio” (ABP, 2009). Tal posição indica análises em relação a diversos aspectos, mas principalmente a forma como o diagnóstico é proposto. Segundo esta publicação da ABP (2009), a esquizofrenia é muito mais que delírios e alucinações, e exige uma série de outros critérios para ser identificada como tal.

Nesta direção, propõe situar a origem do conceito de esquizofrenia, e também retratar as concepções atribuídas nos campos de conhecimento da Medicina, com o objetivo de identificar quais foram às contribuições adquiridas pela teoria psicanalítica, bem como estabelecer a diferenciação deste conceito em ambas.

A conceitualização da esquizofrenia é localizada no final do século XIX, sob as influências de Emil Kraepelin e Eugen Bleuler. Kraepelin (1999) foi um dos pioneiros da nosografia inaugurada pela psiquiatria, deixando o modelo de “alienação mental” para trás, e estabelecendo classificações clínicas, as chamadas “enfermidades mentais”. Nesta direção, Kraepelin (1999) apresenta o diagnóstico de “demência precoce”, “porque começava no início da vida e quase invariavelmente levava a problemas psíquicos” (SILVA, 2006, p. 263). Bleuler (1911/1960) criou o termo “esquizofrenia”, a partir dos termos “esquizo” (divisão) e “frenia” (mente). A esquizofrenia viria a substituir a classificação de “demência precoce”, já que Bleuler considerava que a doença não acometia somente a jovens, além de outros fatores atribuídos a doença, que a partir de então viriam a influenciar os manuais diagnósticos atuais, definidos por grupos e subtipos diversos relacionados a uma mesma “patologia”.

Clavreul (1978, p. 45) destaca que “nesse trabalho de classificação que é a nosologia, tende-se a constituir a doença como um ser, a fazer uma ontologia das doenças”. Nesse sentido, os diagnósticos são permeados pelos atuais manuais conhecidos por DSM-IV e DSM-V, *Diagnostic and statistical manual of mental disorders* (1994) e (2013), elaborado pela Associação Americana de Psiquiatria e outro manual que é elaborado pela OMS (Organização Mundial de Saúde), o CID-10, *Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas*

Relacionados com a Saúde, em inglês: “International Statistical Classification of Diseases and Related Health Problems” - ICD) (1998), que assim como descrita em sua página brasileira <http://www.cid10.com.br/>:

Fornecer códigos relativos à classificação de doenças e de uma grande variedade de sinais, sintomas, aspectos anormais, queixas, circunstâncias sociais e causas externas para ferimentos ou doenças (ICD, 1998).

No caso da presente pesquisa, o intuito de realizar uma discussão com a Medicina perpassa pela investigação do modo como é concebido o diagnóstico da esquizofrenia, bem como analisar se há alguma evidência que dialogue com a compreensão do conceito em Psicanálise de orientação lacaniana. Neste sentido, além da utilização dos manuais diagnósticos DSM-IV, DSM-V e CID-10 como ferramentas de pesquisa, também foi realizado o uso de textos da área da psiquiatria relacionados à esquizofrenia, a partir da busca no banco de dados Scielo, cujos descritores utilizados foram “esquizofrenia”, “medicina”, “corpo”. Os resultados encontrados não abordavam o diagnóstico e descrição da esquizofrenia relacionada à teoria psicanalítica.

A formação/origem da esquizofrenia não é unanimidade na Medicina. Existem algumas hipóteses para Medicina, entre elas a mais antiga, em que “importantes psiquiatras europeus acreditavam, já no final do século XIX, que a esquizofrenia apresenta um caráter hereditário” (FILHO; SAMAIA, 2000, p. 2). Outros autores como Monteiro & Louzã (2007) consideram que a origem da esquizofrenia está relacionada a uma deficiência de dopamina. Tal hipótese também é defendida por aqueles que trabalham com a neurociência (NETO et al, 2007), inclusive no campo da Psicologia, no campo da Neuropsicologia. Há nesta área aqueles que também indicam uma hipótese glutamatérgica para a causa da esquizofrenia (BRESSAN; PILOWSKY, 2003), na qual haveria uma disfunção deste sistema glutamatérgico. Essas são as hipóteses mais constantes na Medicina, porém, há outras teorias que também discutem sobre a origem/função da esquizofrenia, mas que no presente trabalho não torna-se relevante apresentá-las, como: as teorias etiológicas; a esquizofrenia como distúrbio do neurodesenvolvimento; esquizofrenia causada por alterações estruturais de crânio; as teorias psicológicas (SILVA, 2006, p. 270).

As concepções sobre os critérios ou características da “doença” “são levados em consideração de acordo com os diagnósticos adotados para inclusão dos sujeitos (critérios mais restritivos, como o DSM-IV)” (MENEZES, 2000, p. 18).

Os manuais Diagnostic and statistical manual of mental disorders, conhecido por

DSM-IV (1994); DSM-V (2013), e o CID-10, Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, fornecem o mesmo tipo de classificação quanto aos tipos de esquizofrenia e diagnósticos relacionados a esta estrutura. Elas são descritas por: Esquizofrenia paranoide, Esquizofrenia hebefrênica, Esquizofrenia catatônica, Esquizofrenia indiferenciada, Depressão pós-esquizofrênica, Esquizofrenia residual, Esquizofrenia simples, Outras esquizofrenias, Esquizofrenia não especificada e Transtorno esquizotípico. Tais diagnósticos possuem determinadas definições e características, porém, propõe-se neste item discutir o conceito de esquizofrenia a partir da Medicina e dos seus manuais, portanto, utiliza-se aqui os critérios estabelecidos pelo DSM-IV em relação às características que determinam a esquizofrenia:

A. Sintomas característicos: Dois (ou mais) dos seguintes, cada qual presente por uma porção significativa de tempo durante um período de 1 mês (ou menos, se tratados com sucesso): (1) delírios (2) alucinações (3) discurso desorganizado (por exemplo, descarrilamento ou incoerência frequentes) (4) comportamento amplamente desorganizado ou catatônico (5) sintomas negativos, isto é, embotamento afetivo, alergia ou avolição Nota: Apenas um sintoma do critério é necessário se os delírios são bizarros ou as alucinações consistem de vozes que comentam o comportamento da pessoa ou pensamentos, ou duas ou mais vozes conversando entre si (DSM-IV, 1994, p. 285).

Na versão mais atual do Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-V, 2013) as mudanças realizadas são situadas apenas no estabelecimento de critérios para diagnosticar a esquizofrenia, bem como alterações nos subgrupos da mesma.

O objetivo do estabelecimento dos critérios característicos da esquizofrenia na Medicina é utilizado como base referencial para o diagnóstico. Diante disto, identifica-se que na literatura médica, referenciada principalmente pelos manuais nosológicos atuais, não menciona-se a esquizofrenia relacionada ao corpo em nenhum momento. Diante do exposto, a apresentação da esquizofrenia nos dias atuais é mais vinculada ao campo das ideias, caracterizada pela presença de delírios e alucinações, bem como na presença de outros critérios estabelecidos pelos referenciais nosológicos da Medicina, como o recente DSM-V.

Durante as pesquisas destes textos voltados da área Médica, não foi identificada nenhuma discussão sobre relação entre os delírios e o corpo enquanto organismo, tal como é indicado pela Medicina. Por outro lado, os textos assinalam pesquisas que apontam um dado intrigante em relação ao uso que o esquizofrênico faz deste, ao indicar que “altas taxas de mortalidade entre pacientes esquizofrênicos, comparadas às taxas da população geral, têm sido relatadas, sendo as taxas de suicídio particularmente altas, cerca de 20 vezes maiores que

as observadas na população geral” (MENEZES, 2000, p. 19). As pesquisas assinalam um índice maior de mortalidade tanto por causas naturais, quanto por causas não naturais. Nas primeiras, as evidências incidem sobre o estilo de vida e hábitos dos pacientes, bem como as consequências do tratamento realizado com antipsicóticos (AZEVEDO et al, 2006), em que há alteração metabólica do paciente. Entre as causas não-naturais o suicídio é destacado como “a mais importante delas” (MOGADOURO et al, 2009). Além do suicídio, indicam-se também os acidentes e homicídios. Ao relacionar estas afirmativas à Psicanálise, evidencia-se que os sucessos alcançados “pela orientação lacaniana na abordagem teórica e clínica da psicose não são conhecidos pelos clínicos da orientação psiquiátrica calcada nas neurociências, havendo uma ausência de comunicação entre essas correntes de pensamento” (COUTO, 2010, p. 68). Isso acontece porque os dados psicanalíticos não são baseados no padrão exposto por evidências.

Diante do exposto, questiona-se a possibilidade de estabelecer uma relação entre os resultados dessas pesquisas na área da Medicina, nas quais através do diagnóstico de esquizofrenia estabelecida pela mesma, os ditos esquizofrênicos atentam ao próprio corpo, com a concepção da esquizofrenia em Psicanálise, ao apontar que a relação do esquizofrênico com o corpo acontece de forma estranha, proveniente da concepção de Lacan (1949/1998) do corpo como consistência imaginária.

É importante destacar que o presente trabalho não atribui ao diagnóstico da esquizofrenia em psicanálise assim como é estabelecido pelos manuais diagnósticos da Medicina, uma vez que “a metodologia própria à psiquiatria biológica não se presta necessariamente à apreensão do fenômeno psicanalítico” (COUTO, 2010, p. 68). Diante disto, apresenta-se aqui que a esquizofrenia situa-se no campo das psicoses, e a noção de sua estrutura é destacada a partir das contribuições de Freud (1914/2010) sobre a psicose em relação à teoria da libido, e de Lacan (1949/1998; 1953-1954/1986; 1954-1955/1985; 1962-1963/2005) em determinados períodos de seu ensino, porém, priorizando o momento da construção da teoria do estágio do espelho. Neste sentido, pode-se considerar certa convergência entre o diagnóstico estabelecido pela Medicina e a concepção da esquizofrenia em Psicanálise a partir da forma como o sujeito lida com seu corpo, mesmo que não apontada diretamente nas pesquisas investigadas na área médica.

Em relação ao aspecto do suicídio, ressalta-se a importância de realizar uma investigação mais aprofundada em relação a esta questão, considerando-o um tema pertinente para pesquisas futuras. Nesta direção, uma breve introdução foi elaborada na tentativa de despontar algumas reflexões sobre o assunto.

Lacan, no seminário 10 “A angústia” (1962-1963/2005), realiza uma distinção entre duas expressões importantes, o “acting out” e “passagem ao ato”, que podem conferir discussões sobre a questão do suicídio. Lacan os situa em polos opostos, ao situar que “o acting out é, essencialmente, alguma coisa que se mostra na conduta do sujeito. A ênfase demonstrativa de todo acting out, sua orientação para o Outro, deve ser destacada” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 137). Sobre a passagem ao ato, o autor indica que é o

embaraço maior do sujeito, com o acréscimo comportamental da emoção como distúrbio do movimento. É então que, do lugar em que se encontra – ou seja, do lugar da cena em que, como sujeito fundamental historizado, só ele pode manter-se em seu status de sujeito –, ele se precipita e despenca fora da cena. Essa é a própria estrutura da passagem ao ato (LACAN, 1962-1963/2005, p. 129).

A passagem ao ato apresenta-se então sob a forma de última instância, aquela encontrada pelo sujeito para sair de cena. Sobre o termo descrito por Lacan, Roudinesco & Plon (1998) realizam uma importante observação:

trata-se, para Lacan, de um “agir inconsciente”, de um ato não simbolizável pelo qual o sujeito descamba para uma situação de ruptura integral, de alienação radical. Ele se identifica então com o objeto (pequeno) a, isto é, com um objeto excluído ou rejeitado de qualquer quadro simbólico. **O suicídio**, para Lacan, **situa-se na vertente da passagem ao ato** [grifo nosso], como atesta a própria maneira de morrer, saindo de cena por uma morte violenta: salto no vazio, defenestração etc (ROUDINESCO & PLON, 1998, p. 6).

É neste sentido, em que o sujeito se encaminha para se evadir da cena que Lacan permite reconhecer a “passagem ao ato em seu valor próprio” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 130) e a distingue do acting out.

Esta breve introdução ao tema instaura possibilidades de discussões em outras vertentes, que não seria pertinente na presente pesquisa. Porém, localiza a importância da relação entre a estrutura psicótica e a dimensão simbólica, fator importante para o desenvolvimento deste trabalho.

De acordo com o que foi abordado, reafirmo a referência da presente pesquisa, visto que propõe ampliar a discussão da estrutura psicótica, que na maioria das vezes vincula-se somente ao “campo das ideias” – assim como pode identificar nos manuais diagnósticos atuais validados pela OMS –, à medida que relacionam à psicose a presença de alucinações auditivas e visuais. De acordo com esta ótica, mesmo que apresentadas ideias sobre o corpo, não são realizadas investigações que permitam teorizar acerca deste ponto. Diante disto,

reitero o objetivo da pesquisa, que é analisar no ensino de Lacan a respeito da constituição do eu na esquizofrenia, conforme a teoria do estágio do espelho. O período abordado destaca justamente o corpo como imagem, que é constituinte do eu. Neste sentido, atribui-se que há uma relação particular entre o esquizofrênico e sua imagem.

2.2 Esquizofrenia: do narcisismo em Freud ao estágio do espelho em Lacan

Neste ponto localiza-se a origem, influências e o desenvolvimento do termo “esquizofrenia” em Psicanálise, em referência a Freud e Lacan. Situar a esquizofrenia como uma estrutura clínica da psicose corrobora alguns aspectos peculiares de tal estrutura, assim como é abordado na relação do esquizofrênico com sua imagem, com seu corpo. Adota-se neste sentido a posição de Lacan (1949/1998) no desenvolvimento da teoria do estágio do espelho, em que o autor atribui a imagem do corpo como constituinte do eu. Tal concepção possui heranças das obras de Freud (1886-1899/2011; 1906-1908/2003; 1923-1925/2003), e em especial a obra “Introdução ao narcisismo” de 1914.

2.2.1 A origem do termo “esquizofrenia”

A esquizofrenia antes mesmo de ser considerada um tipo clínico específico da psicose por Freud e Lacan, possui uma historicidade importante. Freud (1914-1916/2010) herda os termos provenientes de Emil Kraepelin (1999), inicialmente designando a demência precoce, e depois chamada por Bleuler (1911/1960) como esquizofrenia.

Lacan (1949/1998), no texto “O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência analítica”, publicado nos Escritos, já havia citado tal termo na seguinte passagem sobre o corpo despedaçado, em que “essa forma revela-se tangível no próprio plano orgânico, nas linhas de fragilização que definem a anatomia fantástica, manifesta nos sintomas de esquizo ou de espasmo da histeria” (LACAN, 1949/1998, p. 101 [98]).

No Seminário 10 “A angústia” (1962-1963/2005) Lacan atribui a esquizo a um limiar, em que “aparece no sujeito uma divisão, uma hiância entre sua existência de sujeito e o que ele sofre, aquilo de que pode padecer em seu corpo” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 117). Tal característica de um possível padecimento do corpo é evidenciada na esquizofrenia (LACAN, 1962-1963/2005).

Quinet (2009) revisita a origem do termo bleuleriano “esquizofrenia” para situá-la “no centro dos sintomas psíquicos a **esquize** (divisão, clivagem, cisão) do sujeito em relação à realidade” (QUINET, 2009, p. 66, grifo nosso). Ao identificar uma divisão do sujeito em relação à realidade, o autor afirma que a “esquize é generalizável para todo ser falante, pois é determinada pelo encontro traumático de todo sujeito com o real da castração e se refere à divisão do sujeito entre pulsões e realidade” (QUINET, 2009, p. 67). Neste sentido, a esquize é parte constituinte de todos os sujeitos, independente de estrutura. Pode-se identificar que a Psicanálise herda também o termo “esquize” da Medicina, referente a uma divisão, porém, não a atribui a uma divisão de pensamento, mas à divisão do sujeito.

De acordo com o objetivo do trabalho em analisar a constituição do eu na esquizofrenia, depara-se com influências de Freud em seu texto “Introdução ao narcisismo” de 1914. Freud, no texto sobre o narcisismo (1914-1916/2010) recorre a esta descrição clínica através do psiquiatra alemão Paul Näcke (1899), que inseriu o termo na psiquiatria. Neste sentido, o narcisismo é identificado como “pessoa que trata o próprio corpo como se este fosse o de um objeto sexual, isto é, olha-o, toca nele e o acaricia com prazer sexual, até atingir plena satisfação mediante esses atos” (FREUD, 1914/2010, p. 10). Como indica Leite em seu texto “O imaginário” (2010, p. 19), “está na própria essência do mito de Narciso amarrar o olhar com a unidade amorosa”.

A noção da imagem como constituinte do eu, presente em Lacan no texto “O estágio do espelho como formador da função do eu”, e inserida nos “Escritos” (1949/1998), está intimamente relacionada ao narcisismo. Lacan no texto “De nossos antecedentes”, também presente nos “Escritos” (1949/1998), afirma “que sua teoria do Eu se fundamenta nos elementos da teorização freudiana do Eu, que seriam a imagem do corpo e a teoria das identificações” (LEITE, 2010, p. 15).

Freud (1914-1916/2010) apontou que o narcisismo era uma fase intermediária necessária entre o auto-erotismo e o amor objetal. O autor indica que uma unidade comparável ao eu não existe no indivíduo desde o começo, teria que ser desenvolvido. Porém, atribui que “as pulsões auto-eróticas são primordiais; então deve haver algo que se acrescenta ao auto-erotismo, uma nova ação psíquica, para que se forme o narcisismo” (FREUD, 1914-1916/2010, p. 13). O narcisismo, afirma Leite (2010) “seria o organizador das pulsões parciais, permitindo a passagem do auto-erotismo para o investimento libidinal em um objeto no mundo exterior” (LEITE, 2010, p. 15).

Freud no texto “El delírio y los sueños em la Gräfin de W. Jensen y otras obras” (1906-1908/2003) já havia caracterizado o auto-erotismo como:

período de vida, durante o qual uma certa cota do que é sem dúvida prazer sexual é produzida pela excitação de várias partes da pele (zonas erógenas), pela atividade de certos instintos biológicos e pela excitação concomitante de muitos estados afetivos, é conhecido como o período de *auto-erotismo* (1906-1908/2003, p. 117, tradução nossa).

Diante disso, a relação entre a esquizofrenia e o narcisismo é identificada por Freud (1914-1916/2010) sob a ideia do narcisismo primário, quando foi realizada a tentativa de incluir a *dementia praecox* (Kraepelin) ou esquizofrenia (Bleuler) sob a hipótese da teoria da libido. Neste sentido, os ditos parafrênicos, como Freud (1911-1913/2010) inicialmente propôs designar, apresentariam duas características fundamentais: a megalomania e o abandono do interesse pelo mundo externo, as pessoas e coisas. Freud (1914-1916/2010) indica que para o parafrênico:

parece mesmo retirar das pessoas e coisas do mundo externo a sua libido, sem substituí-las por outras na fantasia. Quando isso vem a ocorrer, parece ser algo secundário, parte de uma tentativa de cura que pretende reconduzir a libido ao objeto (FREUD, 1914-1916/2010, p. 11).

Ao resgatar em Freud a discussão sobre a parafrenia, Lacan afirma que “o processo parece um processo secundário e faz parte do seu esforço em direção à reconstrução que tem por finalidade dirigir de novo a libido para um objeto” (LACAN, 1953-1954/1986, p.109).

Diante do exposto, Freud (1914-1916/2010) então elabora a seguinte questão: qual seria o destino da libido retirada dos objetos na esquizofrenia?

Freud (1914-1916/2010) aponta a megalomania – “uma superestimação do poder de seus desejos e atos psíquicos, a ‘onipotência dos pensamentos’, uma crença na força mágica das palavras, uma técnica de lidar com o mundo externo” (FREUD, 1914-1916/2010, p.12) - como caminho. Neste sentido, a libido retirada do mundo externo é direcionada ao Eu, o que poderia caracterizar o narcisismo.

Em “*Neurosis y psicosis*” (1923-1925/2003), verifica-se que Freud mantém sua definição sobre a psicose, ao apontar sua distinção com a neurose, à medida que essa é “o resultado de um conflito entre o ego e o id, ao passo que a psicose é o desfecho análogo de uma perturbação similar nas relações entre o ego e o mundo externo” (FREUD, 1923-1925/2003, p. 155, tradução nossa).

Nesta direção, demonstra-se que na psicose o represamento da libido no Eu resulta em um processo chamado patogênico, ou seja, aquilo capaz de produzir doenças. Como na psicose há esta peculiaridade de represamento da libido, este retorno é visto com

estranhamento, já que a emergência para o sujeito geralmente é mais visível do que em uma neurose, por exemplo. Nesses casos, o desencadeamento de uma psicose seria a forma como o sujeito encontraria para incitar o “processo de cura”, onde este desencadeamento da psicose aparece como doença. Esta elaboração sobre a psicose possui relevância ao passo que, mesmo dez anos após a publicação do texto sobre o narcisismo, Freud (1923-1925/2003) mantém a definição do conceito de libido.

2.2.2 A esquizofrenia na clínica das psicoses

De acordo com o estabelecimento do diagnóstico e sua função em Psicanálise, apresentam-se as estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão. No caso da presente pesquisa, discute-se aqui a estrutura psicótica, admitindo a esquizofrenia e a paranoia no campo das psicoses.

Georges-Lanteri Laura (1998) construiu três paradigmas da história da psiquiatria compreendidos entre 1793 e 1977 e marcados por ele como: 1. Alienação mental, 2. Enfermidades mentais, 3. Grandes estruturas. O primeiro paradigma, da alienação mental é representado por Philippe Pinel e seu aluno Jean-Etienne Esquirol, que corresponde à fundação da psiquiatria no século XVIII e à inclusão da loucura no campo da Medicina. J. P. Falret desencadeou uma crise no meio científico da época, iniciando o paradigma das enfermidades mentais. Questionava-se a noção de “alienação mental” designada a uma “única enfermidade”. Para o autor, a alienação mental era composta de enfermidades distintas. É nesse sentido que inicia-se a objetivação do diagnóstico, o início da nosografia e classificações junto a forte influência de Emil Kraepelin. O terceiro paradigma, das grandes estruturas, é marcado pela presença da Psicanálise na psiquiatria, culminando em uma tensão entre a clínica e a psicopatologia. As “enfermidades mentais” passam a ser ordenadas segundo as diferenças entre neurose e psicose, assim como propõe Freud.

Embora Freud tenha contribuído nos estudos da esquizofrenia, o autor ressalta não pretender explicar ou aprofundar mais seus estudos acerca do problema desta estrutura. Sua justificativa para discussão baseia-se em reunir elementos para explicitar a introdução de conceito de narcisismo. No Seminário 1 “os escritos técnicos de Freud (1953-1954/1986)”, especificamente no tópico sobre “Os dois narcisismos”, Lacan relata que “Jung abordou as doenças mentais sob um ângulo inteiramente diferente do de Freud, porque sua experiência se

centrou na gama das esquizofrenias, enquanto Freud estava centrada nas neuroses” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 140).

É a partir dos estudos de Jacques Lacan sobre a estrutura da psicose que a temática sobre a esquizofrenia em psicanálise é intensificada, considerando a esquizofrenia associada à estrutura psicótica. De acordo com as teorizações de Lacan sobre o estágio do espelho, discute-se aqui a estrutura psicótica e sua dialética no estágio do espelho.

Considerar o diagnóstico em psicanálise não quer dizer identificar uma doença. Figueiredo & Machado (2000) afirmam que o diagnóstico em psicanálise possui caráter estrutural e não fenomenológico, como na Medicina. Leite (2000) acrescenta ainda que “o que define o diagnóstico em psicanálise é a posição subjetiva frente ao sintoma, o que faz com que o diagnóstico em psicanálise não possa vir separado da localização subjetiva” (LEITE, 2000, p. 35).

O que é importante demarcar neste ponto é a diferença estrutural entre a esquizofrenia e a paranoia de acordo com a teoria do estágio do espelho de Lacan (1949/1998). Para tanto, revisita-se Freud e utiliza-se de comentadores da teoria psicanalítica de orientação lacaniana que discutem tal temática em determinado período do ensino de Lacan.

Neste sentido, recorremos a Freud no texto “Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (dementida paranoides) em autobiografia (‘o caso Schreber’)” (1911-1913/2010) para identificar os primeiros desdobramentos de sua construção teórica sobre o tema. Freud apresenta a psicose com base no relato da autobiografia de “Schreber”, a partir do qual autor efetua uma análise psicanalítica acerca da paranoia. Portanto, durante o desenvolvimento de sua teoria Freud menciona a parafrenia, quadro clínico que mais tarde iria caracterizar a esquizofrenia. No entanto, vale destacar que o referido autor não aprofundou seus estudos sobre a especificidade da esquizofrenia, nem em sua diferenciação da paranoia.

O texto “Introdução ao narcisismo” (1914-1916/2010) de Freud contribuiu para o estudo da esquizofrenia, à medida que indica como ocorre o processo de organização na psicose. Freud aponta a diferença entre psicose e a neurose, em relação à libido, uma vez que na psicose esta é liberada pelo fracasso, não permanece em objetos na fantasia, mas retornar no Eu. Seria esta evidência do retorno no Eu a causa sobre relação particular que o psicótico possui com seu corpo? O eu é atribuído no presente trabalho a partir dos estudos de Jacques Lacan. Assim, antes de realizar uma possível tentativa de resposta, é necessário situar o que se atribui ao eu em Psicanálise, e quais suas implicações nas estruturas clínicas. Aqui, prioriza-se a estrutura da psicose.

A constituição do eu é apresentada pela teoria do estágio do espelho de Lacan (1949/1998). Nesta direção, é a partir da relação entre o eu e o outro que se fundamenta a dialética do estágio do espelho, que “trata-se de uma construção lógica proposta por Lacan, a partir da observação de crianças, que corresponde ao narcisismo e à constituição do eu através da imagem do outro” (QUINET, 2012, p. 10). Neste ponto, é importante frisar que o “eu” abordado em Freud não é o mesmo atribuído por Lacan, embora ambos relacionem à estruturação psíquica do sujeito. Nesta direção, se faz necessário revisitar Freud e identificar em alguns momentos de sua obra a abordagem empregada ao termo “eu”, para não estabelecer algum tipo de confusão ao “eu” identificado em Lacan.

O Ich (eu) em Freud é constantemente discutido em sua obra. Em uma breve síntese, destacam-se os momentos em que Freud (1893-1895/2006) apresenta o Ich (eu), que é normalmente chamado de ego (termo adotado pela editora Imago a partir da tradução da obra de Freud para o inglês), atribuído inicialmente ao campo da “consciência”, ao expor uma configuração sobre a conservação da vida do indivíduo, ao sistema consciente, proveniente da construção da primeira tópica do aparelho psíquico de Freud. O Eu na teoria de Freud também está presente na construção da segunda tópica do aparelho psíquico, ao abordá-lo como um “sistema” ou “instância” que se opõe ao desejo, como uma espécie de mediador entre as pulsões do id e as inscrições fiscalizadoras do superego. Assim, seria um mediador entre as pulsões sexuais e as pulsões do ego(eu) ou de autoconservação (FREUD, 1893-1895/2003).

Nesta direção, o que propõe-se atribuir aqui é a noção que Freud (1914/2010) aponta no texto “Introdução ao Narcisismo”, ao situar o Eu também como um objeto de amor, um objeto libidinal. Neste ponto, o autor estabelece “três noções interligadas: o narcisismo primário (estruturante) e secundário (defesa), a identificação como constitutiva do Eu e a diferenciação de componentes ideais internamente ao Eu” (CAMPOS; WINOGRAD, 2010, p.140). Este é o momento em que Freud (1914/2010) reconhece a importância da questão escópica na constituição do Eu, o "Eu como sendo, antes de tudo, um Eu corporal, mas não só como uma entidade de superfície, mas principalmente, como a projeção desta superfície” (LEITE, 2010, p. 18).

Em Lacan, é preciso ater-se a língua francesa, uma vez que as palavras “Je” e “Moi” são traduzíveis do francês por “eu”. Além disso, também torna-se importante realizar esta distinção, uma vez que Lacan coloca o “eu” e o “sujeito” em lugares diferentes. Enquanto ao primeiro atribui-se uma construção imaginária, o segundo aponta o sujeito do inconsciente, o sujeito do desejo (BRUDER; BRAUER, 2007, p. 516). Sujeito esse que não se confunde com indivíduo. Lacan, no seminário 2 “O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise” (1954-

1955/1985) afirma que “o sujeito está descentrado em relação ao indivíduo. É o que [Eu] é um outro quer dizer ” (LACAN, 1954-1955/1985, p. 16). Na tentativa de realizar alguma consideração sobre isto, Bruder & Brauer (2007) afirmam que “o sujeito do inconsciente é o sujeito por excelência, e se distingue do eu, função imaginária, que pode ser consciente” (BRUDER; BRAUER, 2007, p. 517). Nesta direção enfatiza-se um alerta em relação à consciência, em que “mesmo que efetivamente seja verdade que a consciência é transparente a si própria e que é apreendida como tal, fica patente que, nem por isso, o [eu] lhe é transparente” (LACAN, 1954-1955/1985, p. 13). Tal localização é realizada no intuito de não fazer possíveis equívocos, ao atribuir a constituição do eu e do sujeito como se fosse a mesma coisa.

No livro “Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento” (1994) de Elizabeth Roudinesco, Marco Antonio Coutinho Jorge, que auxiliou na edição do livro destaca em nota que

Lacan introduz a categoria do je (eu), pronome pessoal da primeira pessoa do singular, para designar o sujeito, em oposição ao moi (eu), utilizado para traduzir o Ich (eu) freudiano, comumente traduzido por ego. Como nossa opção implica traduzir moi por eu e não por ego, termo que foi adotado pelos psicanalistas de língua inglesa em detrimento da utilização dos termos coloquiais (Es, Ich, Überich) aos quais Freud se ateve, mantivemos o pronome francês je todas as vezes em que ele comparece na referência ao sujeito” (2008, p. 156).

Do mesmo modo, em “Introdução à leitura de Lacan” (1989/1982), Joël Dor realiza a distinção entre je e moi em Lacan. O “moi” refere-se à própria designação em posição de objeto, na terceira pessoa. Sua constituição é proveniente do momento do estágio do espelho, uma vez que o moi refere-se ao eu da imagem especular. A respeito do eu (moi) e a dialética do estágio do espelho, Dor (1989/1982) afirma que

Esta construção em que ele se aliena não é independente da existência do outro. Por ser uma imagem projetada do sujeito através de seus múltiplos representantes, o Eu (Moi) só toma seu valor de representação imaginária pelo outro e em relação ao outro. De fato, a identificação da criança com sua imagem especular torna-se possível na medida em que está sustentada em um certo reconhecimento do Outro (a mãe) (DOR, 1989/1982, p. 122).

O eu neste sentido tem função imaginária, e remete-se ao Outro. Nesta configuração, é um sujeito que se reconhece como um outro, porém, na posição de objeto. Esse momento do espelho ocorre nos primeiros períodos da infância, onde a criança encontra-se no processo de aquisição da linguagem, ou seja, em um momento crucial de uma mediação simbólica,

geralmente inserida pela mãe. Neste ponto, a criança refere a si mesmo em terceira pessoa, como por exemplo, ao chamar-se “nenê” ou por um apelido, antes de atribuir o pronome pessoal da primeira pessoa do singular “eu”.

O fato é que não há sujeito sem o outro. Ao realizar a introdução destes conceitos em seu livro “Os outros em Lacan”, Quinet (2012) sintetiza esse aspecto da seguinte forma

o pequeno outro, o semelhante, igual e rival, que se encontra no par do estádio do espelho, sendo, portanto, do registro do imaginário; o grande Outro, cujo discurso é o inconsciente, que se manifesta nos sonhos, lapsos, sintomas e chistes e que, por ser da ordem do simbólico, é tecido de linguagem e pode ser “encarnado” no Outro do amor – inclusive o amor de transferência –, ao qual se dirigem as demandas e ao qual está articulado o desejo (QUINET, 2012, p. 7).

Essa relação entre o sujeito e o outro marca a constituição do eu através do estádio do espelho. Nesta direção, apresenta-se as implicações estruturais estabelecidas por tal relação. No seminário 11 “Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise” (1964/1988), Lacan destaca os conceitos de alienação e separação, fundamentais na constituição do sujeito. Da articulação alienação-separação e de outros desenvolvimentos na criança, depende a constituição do ser humano formar-se em uma das três categorias clínicas reconhecidas pela psicanálise: neurose, psicose e perversão (ZALCBERG, 2002). Como o objetivo não é ater-se a estes conceitos, Zalcberg (2002) indica a dinâmica da alienação-separação em Lacan (1964/1988). De acordo com a autora

a alienação é a operação do primeiro momento: significa que a criança, ao nascer, encontra-se em uma condição alienada, totalmente dependente do mundo de significação e de desejo de um outro, no caso, a mãe. A esse tempo inaugural deve seguir-se um segundo, que introduza uma primeira separação entre a mãe e a criança e possibilite a esta sair da posição de total submissão ao mundo do outro materno (2002, p. 55)

Na edição brasileira dos “Escritos” de Lacan (Jorge Zahar, 1998, p. 936), a tradutora Vera Ribeiro destaca esta diferenciação do eu em Lacan, e também propôs que para distinguir na tradução em português o uso do *moi* e do *je* franceses, utilizou-se a mesma solução adotada na versão brasileira do Seminário 2 de Lacan: *je*, sujeito do inconsciente, viria grafado entre colchetes, [eu]; *moi* é habitualmente grafado, eu. Diante disto, emprega-se no presente trabalho a mesma estratégia utilizada na tradução dos “Escritos” (1949/1998) quando referido a este texto, ou especificada no próprio trabalho quanto utilizado o conceito.

A partir das atribuições realizadas ao “eu”, retoma-se a referência de Freud

(1914/2010) sobre a psicose, onde o autor afirma que não haveria uma substituição imaginária em relação à teoria da libido, assim como nas neuroses. Nas psicoses, o que acontece é que a libido retornaria no Eu. Lacan (1957-1958/1999) aponta sobre o retorno no Eu, que este processo se dá no registro do Real à medida que não ocorre simbolização psicótica, uma não inscrição ao Édipo.

No Seminário 5 “As formações do inconsciente” (1957-1958/1999) Lacan indica que as estruturas clínicas estão intimamente ligadas aos complexos de Édipo e de Castração. A teoria psicanalítica situa a trama edípica como momento crucial da constituição do sujeito (MOREIRA, 2004, p. 219). Esta afirmação permite diferenciar o que é atribuído sobre a constituição do eu, de acordo com o que Lacan (1949/1998) destacou em relação às estruturas clínicas, especificamente a psicose.

De acordo com Joël Dor (1985/1989, p. 78), Lacan situa o indicador do complexo de Édipo correlacionado a um “nível específico do processo de maturação da criança. Este momento é contemporâneo ao estágio do espelho, onde se esboça para a criança um certo tipo de identificação tendo por pano de fundo uma relação de alienação específica com a mãe”.

Lacan (1957-1958/1999) retorna novamente a Freud (1914/2010) ao indicar este complexo de Édipo como um operador, em que a castração seria a lei e o falo um significante. Esta nova ordem, da castração como lei, implica que um significante metaforize o Desejo da Mãe, determinando-lhe uma proibição em que a criança tenha que lançar mão de outros recursos para se situar como sujeito na trama edípica. A este significante do pai que barra a mãe Lacan (1957-1958/1999) chamou de o Nome-do-Pai. Lacan atribui que este termo “subsiste no nível do significante, que, no Outro como sede da lei, representa o Outro. É o significante que da esteio à lei, que promulga a lei. Esse é o Outro no Outro” (LACAN, 1957-1958/199, p. 152). E neste contexto, a operação em que se faz valer a lei do pai, inclusive para mãe, ele chamou de Metáfora Paterna.

De acordo com o que foi apresentado por Lacan (1957-1958/1999) sobre a estrutura psicótica, recorro à síntese de Quinet (1991) para pormenorizar aspectos sobre as estruturas concebidas pela teoria psicanalítica de orientação lacaniana.

Em resumo, as três estruturas psicanalíticas (neurose, psicose e perversão) são identificadas a partir de modos de negação do Édipo, de acordo com a negação da castração do Outro. Na neurose, um tipo de negação nega o elemento no simbólico, mas o conserva. Isto se manifesta no recalque, “o que é negado no simbólico retorna no próprio simbólico sob a forma de sintoma: o sintoma neurótico” (QUINET, 1991, p. 19). Já na psicose, o que acontece é a forclusão. Seu modo de negação não é conservado no inconsciente assim com

na neurose, então ele é foracluído. Isto torna-se mais evidente na alucinação, uma vez que “o que é negado no simbólico retorna no real sob a forma de automatismo mental” (QUINET, 1991, p. 19).

De acordo com Lacan (1957-1958/1999) a não inscrição no Édipo é caracterizada pela *Verwerfung* [foraclusão]. Roudinesco & Plon (1998) apontam a seguinte definição sobre o termo utilizado na teoria psicanalítica:

conceito forjado por Jacques Lacan para designar um mecanismo específico da psicose, através do qual se produz a rejeição de um significante fundamental para fora do universo simbólico do sujeito. Quando essa rejeição se produz, o significante é foracluído. Não é integrado ao inconsciente, como acontece no recalque, e retorna sob forma alucinatória no real. Também se usam "forclusão", "repúdio", "rejeição" e "preclusão" (1998, p. 245)

A foraclusão do significante, ou a rejeição deste caracteriza como aquilo que é negado no simbólico retorna no real, não é atuante enquanto fomentador do corpo que é simbolizado (LACAN, 1955-1956/1988). Ou seja, diferentemente do mecanismo da neurose e perversão que conservam o significante no inconsciente, tal funcionamento não acontece na psicose, isso não se mantém, conseqüentemente não há uma simbolização. É por isso que a emergência dos fenômenos na psicose é tão peculiar, já que se caracteriza por um retorno no real, daquilo que não é simbolizado.

Na psicose, quando a emergência dos fenômenos ocorre de forma mais explícita atribui-se a definição psicose “extraordinária” ou “clássica”, ou seja, uma psicose desencadeada em que seus fenômenos são bem evidentes, como nos delírios e alucinações. Sobre esta afirmação destacam-se aqui as teorizações sobre a clínica da psicose na atualidade, que “incidem nas diferenças apresentadas entre as manifestações da psicose de hoje, comparadas àquelas descritas por Freud e por Lacan” (ZANOTTI; MAURICIO, 2014, p. 27). Miller, originalmente em 1999, propõe o termo psicose “ordinária”, que é caracterizada por aquela psicose não objetiva, quando não há reconhecimento de sinal evidente, uma psicose difícil de reconhecer, mas que dá indícios variados, e que as vezes são chamadas de psicose dissimulada, velada (MILLER, 2010). Tironi (2010, p. 2) a partir do que Miller expõe, faz analogia ao referir-se que “na psicose ordinária encontram-se os psicóticos mais modestos do que Schreber, que se tornou grande exemplo das psicoses extraordinárias”.

Diante do exposto, as estruturas clínicas definidas pela psicanálise são identificadas a partir da posição subjetiva frente ao que retornam de suas formações inconscientes, na

neurose através do sintoma e na psicose sob os fenômenos elementares (FIGUEIREDO; MACHADO, 2000).

Ao tomar a esquizofrenia na clínica das psicoses, destacamos os fenômenos elementares, assim como descreveu Lacan (1955-1956/1988). A importância do fenômeno elementar é situada na estrutura. De acordo com Miller (2009), o fenômeno elementar representa para a psicose o que a formação do inconsciente representa para a neurose; ainda que em escala reduzida, mostra-nos toda a estrutura subjetiva. Dentre eles, apresenta-se em destaque aqueles localizados na ordem do imaginário, os fenômenos de automatismo corporal (MILLER, 1997 [1987]). A esse respeito, vale destacar a afirmação lacaniana de que “a relação ao corpo próprio caracteriza no homem o campo, no fim de contas, reduzindo, mas verdadeiramente irreduzível, do imaginário” (LACAN, 1955-1956/1988, p. 20).

De acordo com Miller (1997 [1987]), a ordem corporal dos fenômenos elementares pode ser identificada pelos fenômenos que incluem a decomposição do próprio corpo: estranheza (sentir o próprio corpo como estranho), desmembramento (sentir que as partes não lhe pertencem). Distorção temporal no perceber o tempo e/ou deslocamento espacial. Sobre isto, Zbrun (2010) resgata o despedaçamento, o que Lacan no Seminário 10 “A angústia” (1962-1963/2005) atribuiu como uma peculiaridade do esquizofrênico.

Lacan (1949/1998) atribui à unidade da imagem o sentimento de unidade do corpo. O primeiro corpo de seu ensino é o corpo da imagem. É nesse sentido que Lacan (1955-1956/1988) estabelece uma relação entre o organismo e a realidade, o que chamou de “estádio do espelho” – sob vista da forma total do corpo humano dá ao sujeito um domínio imaginário do seu corpo, prematuro em relação ao domínio real. Essa formação é destacada do processo mesmo da maturação e não se confunde com ele. O sujeito antecipa-se ao acabamento psicológico, e essa antecipação dará seu estilo a todo exercício posterior do domínio motor efetivo. É como se essa totalidade visual não fosse à imagem vital, mas o cadáver antecipado. Sobre isto, Lima (2010) comenta que o corpo é concebido inicialmente do lado externo do sujeito como outro, e só depois ele se apodera da imagem, reconhecendo-a como correspondente ao seu próprio corpo. Este tem a ver, portanto, com a forma e com a representação de si.

Castellanos (2009) cita Miller a partir do texto “El hueso de um análisis” (1998) para sinalizar que Lacan começou situando o corpo na ordem do imaginário, como no estágio do espelho, e a libido circulando como a libido do eu. Sobre isto, o autor indica o imaginário como lugar do gozo onde predomina sobre todo o escópico, aquilo que é ligado ao olhar.

Sales (2005) afirma que o estágio do espelho é a adoção de um ponto de vista

estrutural que ainda não fez nascer à ênfase no registro do simbólico e que é aplicado ao quadro da teoria do imaginário em seu momento mais característico. É quando a reflexão sobre a imago ganha seus desdobramentos e que seus impasses começam a se fazer sentir, dando lugar à necessidade de lançar-se mão de outra dimensão de análise. A experiência do espelho conduz a criança à percepção de uma unidade corporal que não entra em consonância com a sensibilidade do corpo no dia-a-dia; ao tempo em que seu próprio corpo lhe providencia uma experiência de despedaçamento, de uma falta geral de coordenação, o sujeito é levado a perceber a existência de uma unidade que lhe causa estranhamento, mas que ele já é capaz de reconhecer como sua própria imagem.

Nesse sentido, identifica-se que o psicótico possui uma forma particular de relacionar-se com seu corpo e linguagem. Castellanos (2009) utiliza o conceito de “fenômenos do corpo” para ressaltar aqueles fenômenos próprios da psicose que muitas vezes descrevem-se como se não ocorressem no corpo do sujeito: sensações estranhas e bizarras, queimaduras, dores bizarras, perturbações das funções corporais básicas (CASTELLANOS, 2009, p. 55, tradução nossa).

No corpo, as consequências dessa resposta imaginária são destacadas pela fragmentação corporal – o sujeito não imagina seu corpo como unidade –, sensações de estranhamento, de invasão e manipulação corporal, ecos de pensamento, o sujeito ouve seus pensamentos repetidos. (CASTELLANOS, 2009, p. 55, tradução nossa).

O resgate dos fenômenos elementares na presente pesquisa possui relevância à medida que a relação do esquizofrênico com o corpo é evidenciada, e revela como o imaginário configura esta questão da imagem, que é estranha, precária.

A breve síntese do processo de estruturação da psicose é mencionada, devido à sua importância para situar que considera-se aqui a esquizofrenia na clínica das psicoses. Busca-se também indicar a relação entre a constituição do eu e linguagem. Neste contexto, visa estabelecer a amarração com a proposta da pesquisa, que trata a imagem corporal como marca da constituição do eu, em determinado período do ensino de Lacan.

2.2.3 O estranhamento da imagem

Diante da proposta da presente pesquisa, a ideia que ao mesmo tempo em que o estágio do espelho institui o campo do conhecimento para o sujeito, também há momentos em que a localização situa-se na esfera do desconhecimento. Musachi (2008, p. 57) indica, de acordo com a teoria do estágio do espelho que “o corpo se forja no despedaçamento ou na

fragmentação, e não na unificação, que só se introduz a partir de determinado momento pela ação do que Lacan chamou de ‘o estádio do espelho’”. De acordo com a autora, “a dimensão da estranheza que pode tomar o corpo próprio implica a mudança de estatuto desse objeto comum” (MUSACHI, 2008, p. 58). Stasse (2008) aponta que a partir do momento em que o sujeito permaneça algum tempo diante do espelho,

basta que ele queira se captar no branco dos olhos para que surja progressivamente um sentimento de estranheza inquietante, de Unheimlich. É que nessa confrontação com sua própria imagem, se ele busca ali atingir a verdade de seu ser, é a falta que surge (STASSE, 2008, p. 111).

Sobre este estranhamento específico, recorremos a Freud em seu texto “O inquietante” (1919/2010). O título original está escrito em alemão “das unheimliche”. Esta edição em português da Companhia das Letras a traduz como “o inquietante”, porém, outras edições atribuem como “o estranho”. Este texto de Freud é passível de muitas discussões, principalmente pela questão dos sinônimos que lhe são atribuídos. Relaciona-se ao que é “terrível ao que desperta angústia e horror, e também está claro que o termo não é usado sempre num sentido bem determinado, de modo que geralmente equivale ao angustiante” (FREUD, 1919/2010, p. 248). Porém, necessita-se indicar aqui que o termo não tem equivalência à angústia, embora tenham relação.

Freud (1919/2010) desenvolve o conceito da palavra alemã “unheimlich” através da evolução da língua. Em uma primeira definição, destaca-se que o “inquietante é aquela espécie de coisa assustadora que remonta ao que é há muito conhecido, ao bastante familiar” (FREUD, 1919/2010, p. 249). O autor “remonta” os sentidos a partir das palavras deheimlich, heimisch, vertraut [doméstico, autóctone, familiar], e indica que algo é assustador por não ser conhecido e familiar. Porém, faz a ressalva de que nem tudo que não é familiar e inovador é assustador. A reversibilidade não é uma regra. Freud (1919/2010) indica que algo precisa ser acrescentado ao novo e não familiar, para tornar-se inquietante.

Freud (1919/2010) ao revisitar o termo “heimlich” expõe que este possibilita duas ideias diferentes, não opostas. Tanto aparece como “o que não é familiar”, bem como “o que é escondido, oculto”. Neste sentido, atribui-se “unheimlich” como antônimo do primeiro sentido exposto. Freud (1919/2010) apresenta que a palavra “heimliche” indica uma ambiguidade que em certo ponto coincide com seu oposto “unheimliche” (FREUD, 1919/2010, p. 254).

O desenvolvimento do termo “inquietante” a partir de Freud esbarra em diversas

situações em que há sua emergência, na qual o autor designa como um elemento. Toma-se aqui a relação do “inquietante” com o espelho, porém, se faz necessário resgatar um pouco do que Freud desenvolveu a partir de outras situações, como citado inicialmente. O autor utiliza dos contos de fadas e histórias infantis para elucidar as peculiaridades do termo. Freud (1919/2010) utiliza o conto do “O homem de areia” (1815) de Hoffmann para correlacionar com o “inquietante”. Destaca-se uma breve passagem do conto sob a ótica de Freud para apresentar a teoria.

Essa história fantástica tem início com as recordações de infância do estudante Nathaniel, que, apesar de sua felicidade presente, não consegue afastar as lembranças ligadas à morte misteriosa e terrível de seu amado pai. Em certas noites, a mãe costumava mandar cedo as crianças para o leito, com a advertência: “O Homem da Areia vem aí!”; e, realmente, a cada vez o garoto ouvia os passos pesados de uma visita, que ocupava seu pai naquela noite. Quando perguntada sobre o Homem da Areia, a mãe negou depois a sua existência, mas uma babá lhe deu informação mais concreta: “É um homem mau, que aparece quando as crianças não querem ir para a cama e joga punhados de areia nos olhos delas, e os olhos, eles pulam fora da cabeça, sangrando (FREUD, 1919/2010, p. 257).

Sobre o medo de machucar ou perder os olhos, Freud aponta que a experiência psicanalítica indica uma angústia infantil. Freud (1919/2010) faz uma alusão em que o medo de ficar cego é frequentemente um substituto para o medo da castração. De acordo com esta história, Freud atribui “o elemento inquietante do Homem da Areia à angústia do complexo infantil de castração” (FREUD, 1919/2010, p. 262).

De acordo com o que foi abordado, Freud (1919) situa o fator infantil para explicar a origem do que o autor chama “sentimento inquietante”, logo, outros exemplos nesta vertente são citados pelo mesmo. Uma delas atribui-se a distinção entre o que é inanimado com o que é vivo na fase infantil. Sobre isto, Freud (1919) faz uma referência em que “lembramo-nos de que, na idade em que começa a brincar, a criança não distingue claramente entre objetos vivos e inanimados, e gosta de tratar sua boneca como um ser vivo” (FREUD, 1919/2010, p. 262). Nesta via de raciocínio, Freud afirma ser de extrema importância extrair outros temas do efeito inquietante, para realizar uma investigação sobre a possibilidade de eles estarem relacionados a outras fontes infantis.

Neste sentido, Freud (1919/2010) inicialmente apresenta os sentidos de “sósia” ou “duplo”, de acordo com o autor “em todas as suas gradações e desenvolvimentos”, isto indica que

o surgimento de pessoas que, pela aparência igual, devem ser consideradas idênticas, a intensificação desse vínculo pela passagem imediata de processos psíquicos de

uma para a outra pessoa — o que chamaríamos de telepatia —, de modo que uma possui também o saber, os sentimentos e as vivências da outra; a identificação com uma outra pessoa, de modo a equivocar-se quanto ao próprio Eu ou colocar um outro Eu no lugar dele, ou seja, duplicação, divisão e permutação do Eu (FREUD, 1919, p. 263)

Este é o momento da obra de Freud (1914/2010) em que o autor indica a identificação como constituinte do Eu. Esta apresentação do duplo aproxima-se do objetivo da presente investigação, contudo, não neste sentido. O que é importante salientar é que as contribuições de Freud sobre as ideias do Eu influenciaram Lacan (1949/1998; 1953-1954/1986) a elaborar sua teoria sobre o estágio do espelho e abordar a questão do Eu em Psicanálise.

É na síntese de Freud (1919/2010) sobre os estudos de Otto Rank, cujo trabalho intitula-se o “duplo”, que capta-se a relação com a pesquisa. Freud (1919/2010) destaca que

ali são investigadas as relações do duplo com a imagem no espelho e a sombra (...) Pois o duplo foi originalmente uma garantia contra o desaparecimento do Eu, um “enérgico desmentido ao poder da morte” (Rank), e a alma “imortal” foi provavelmente o primeiro duplo do corpo. (...) Mas essas concepções surgiram no terreno do ilimitado amor a si próprio, do narcisismo primário, que domina tanto a vida psíquica da criança como a do homem primitivo, e, com a superação dessa fase, o duplo tem seu sinal invertido: de garantia de sobrevivência passa a inquietante mensageiro da morte. (FREUD, 1919/2010, p. 263).

É a partir das contribuições de Freud (1914/2010), que Lacan (1949/1998; 1953-1954/1986) indica sobre as etapas do narcisismo e como estão ligadas a constituição do Eu. Para tanto, o autor serve-se dos conceitos de Ideal do Eu e Eu Ideal para desenvolver a teoria do estágio do espelho, o qual foi identificado com mais intensidade no Seminário 1 de Lacan “Os escritos técnicos de Freud” (1953-1954/1986) no capítulo sobre a “tópica do imaginário”, a qual será abordada a seguir.

3 A IMAGEM E O ESTÁDIO DO ESPELHO EM LACAN

3.1 O estágio do espelho como formador do eu (1949)

A hipótese sobre como ocorre à constituição do eu em Psicanálise é marcada por um processo, denominado por Lacan (1949/1998) como o estágio do espelho.

Lacan iniciou as discussões sobre esta teoria já em 1936 no Congresso Internacional de Psicanálise, realizado em Marienbad, todavia, o conteúdo “original perdeu-se, e por treze anos Lacan utilizou-se dos conceitos lá formulados, mas apenas em 1949 foi possível reescrevê-lo e publicá-lo” (LEITE, 2010, p. 5).

Esta publicação oficial foi divulgada apenas no texto de 1949 “O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência analítica”, proveniente de uma comunicação feita ao XVI Congresso Internacional de Psicanálise, em Zurique.

Na publicação, o referido autor fornece “esclarecimentos sobre a função do [eu] na experiência que dele nos dá a psicanálise” (LACAN, 1949/1998, p. 96 [93]). Vale ressaltar que, a este [eu] refere-se, em francês, ao *Je*(sujeito do inconsciente), que vem grafado ao longo do texto como [eu], conforme já mencionado.

O momento ou experiência do espelho possui uma fundamental importância para a teoria psicanalítica, já que, é um processo determinante na constituição do eu. Greco (2011, p. 1) utiliza da teoria de Lacan sobre o estágio do espelho para indicar que esta é “uma fase bem delimitada do desenvolvimento da criança, representando a relação libidinal essencial com a imagem corporal, e ilustrando o aspecto de conflito presente na relação dual”.

Outros determinantes exercem suas funções nesse desenvolvimento, porém, “não é simplesmente um momento do desenvolvimento (...) porque revela certas relações do sujeito à sua imagem, enquanto *Urbild*¹ do eu” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 91). Sobre isto, Musachi (2008, p. 57) afirma que este estágio “tem consequências fundamentais, entre as quais: institui o campo do conhecimento, a partir da imagem do corpo próprio como um objeto cognoscível prescindindo de suas articulações simbólicas ou reais”. É na relação do sujeito com o espelho e com o Outro que a criança realiza suas simbolizações. De acordo com Lacan

¹ Palavra alemã, em que sua tradução é “Arquétipo” na língua portuguesa. Lacan, no Seminário 1, “os escritos técnicos de Freud (1986/1953-1954) atribui *Urbild* uma unidade comparável ao eu (pág 136).

basta compreender o estágio do espelho *como uma identificação*, no sentido pleno que a análise atribui a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem – cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria, do antigo termo *imago* (LACAN, 1949/1998, p. 97 [94]).

Lacan (1949/1998) realiza uma distinção entre o macaco e a criança em relação à imagem especular, uma vez que, para o primeiro tal reflexo não assuma nenhuma utilidade, ao passo que para a criança a sucessão de gestos e movimentos refletidos assume um caráter curioso e lúdico. É neste momento, do “complexo virtual com a realidade que ele reduplica, isto é, com seu próprio corpo e com as pessoas, ou seja, os objetos que estejam em suas imediações” (LACAN 1949/1998, p. 97 [94]).

Este movimento indicado pelo autor ocorre entre os seis e dezoito meses de idade. Lacan (1949/1998) também compara o ser humano a outros animais, assim como descreve Leite: “embora o bebê humano não tenha condições neurológicas para dominar a organização de seu esquema corporal – porque ainda não pode coordenar seus movimentos –, pode reconhecer-se no espelho” (LEITE, 2010, p. 22). É nisto o que Lacan (1949/1998) designa a esta palavra “Estádio”, atribuída à antecipação do psicológico sobre o fisiológico. Estádio seria um momento de viragem (LEITE, 2010, p. 23). Sobre a teoria, Lacan destaca que nesse momento

sua repetição muitas vezes deteve nossa meditação ante o espetáculo cativante de um bebê que, diante do espelho, ainda sem ter o controle da marcha ou sequer da postura ereta, mas totalmente estreitado por algum suporte humano ou artificial (o que chamamos, na França, um *trote-bébé*[um andador]), supera, numa azáfama jubilatório, os entraves desse apoio, para sustentar sua postura numa posição mais ou menos inclinada e resgatar, para fixa-lo, um aspecto instantâneo da imagem (LACAN, 1949/1998, p. 97 [94])

Em síntese, a lógica da teoria do estágio do espelho pode-se caracterizar em três tempos. Diferentes autores que comentam esta teoria de Lacan (1949/1998) utilizam deste recurso para elucidá-la. Nesta direção, Steffen (1985) e Dor (1985/1989), destacam a experiência da criança no estágio do espelho em três tempos fundamentais.

Em um primeiro momento, o bebê reage à imagem do espelho como se fosse de um outro bebê, um desconhecido (STEFFEN, 1985, p. 52), “este primeiro tempo da experiência testemunha em favor de uma confusão primeira entre si e o outro, confusão amplamente confirmada pela relação estereotipada que a criança tem com seus semelhantes” (DOR, 1985/1989, p. 79). Principalmente por isso é que no outro que a criança se orienta no início.

Dor (1985/1989, p. 80) afirma que se o primeiro momento “evidencia claramente o assujeitamento da criança ao registro do imaginário, o segundo momento constitui uma etapa decisiva no processo identificatório”. Nesta segunda etapa, o que a criança faz então é procurar essa suposta outra criança por trás do espelho. Esta tentativa, fracassada, é repetida várias vezes, e é neste momento em que a criança reconhece que o outro visto no espelho é uma imagem e não um outro real. É a partir daí que o universo símbolo, que é característica peculiar do ser humano, passa a interferir e a constituir a diferença entre os homens e os outros animais (STEFFEN, 1985, p. 52). Até esta segunda etapa, o macaco reage de forma igual aos humanos, porém, ao reconhecer que o que é visto é uma imagem e não um outro real, o interesse desaparece.

O terceiro momento, que é característico do ser humano e que de fato o distingue dos outros animais, é o reconhecimento da imagem no espelho como sendo sua própria imagem, na qual a criança manifesta júbilo, assim como Lacan (1949/1998) nomeou. Este momento é próprio da constituição do Eu – “pela identidade eu-imagem – que inaugura a possibilidade de oposição ao outro” (STTEFEN, 1985, p. 53). A criança passa então, a nível imaginário, a identificar-se à sua imagem. Dor (1985/1989, p. 80) aponta que “re-conhecendo-se através desta imagem, a criança recupera assim a dispersão do corpo esfacelado numa totalidade unificada, que é a representação do corpo próprio, que através dela realiza assim sua identificação primordial”.

Ainda sobre as etapas definidas por Lacan (1949/1998) sobre o estágio do espelho, Besset & Zanotti (2009) resumem esta formulação ao abordar que

Na primeira fase, a criança procura capturar a imagem com realidade e acontece, então, a primeira confusão entre si e o outro. A segunda etapa é decisiva, quando a criança é levada a descobrir a imagem do outro como a sua própria imagem especular. Essa etapa antecipa uma unidade corporal que lhe falta, marcando uma distinção entre a imagem e o outro sujeito. Finalmente, na última etapa, a criança se identifica, se reconhece pela imagem e assume a imagem de seu corpo como sendo sua. (BESSET & ZANOTTI, 2009, p. 86).

Neste sentido, identifica-se que o esforço realizado em manter uma postura ereta, a qual resulta em uma obtenção de imagem, produz satisfação para a criança. Este efeito da imagem configura-se em caráter de identificação para o sujeito. Lacan realiza uma análise do estado jubilatório– um prazer relacionado ao olhar - em relação à imagem especular

Por esse ser ainda mergulhado na impotência motora e na dependência da

amamentação que é o filhote do homem nesse estágio de *infans*² parecer-nos-á, pois manifestar, numa situação exemplar, a matriz simbólica em que o [eu] se precipita numa forma primordial, antes de se objetivar na dialética de identificação com o outro e antes que a linguagem lhe restitua, no universal, sua função de sujeito (LACAN, 1949/1998, p. 97 [94]).

A partir desta afirmativa presume-se que antes mesmo do sujeito inserir-se na linguagem e na dialética da identificação com o outro, ele antecipa-se em relação à imagem, em uma produção própria, singular, caracterizada pela função do estágio do espelho, “que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade – ou, do *Innenwelt* com o *Umwelt*” (LACAN, 1949/1998, p. 100 [97]). Esta antecipação pelo lado da imagem é compreendida por Greco (2011) como proveniente do primeiro aparelho de coordenação do espaço do sujeito, o olho, responsável pelo sentido da visão. O autor refere-se ao órgão para indicar que é a partir deste que

começa a percebê-lo, registrá-lo e organizá-lo "antecipadamente", ou seja, desde muito antes que o organismo possa mobilizar-se e deslocar-se fisicamente nesse campo, já que **a organização do olhar precede o gesto e a palavra**. Como tal, é também nosso primeiro aparelho de controle, de conexão e de contato com o chamado mundo exterior. Esse aparelho registra em sua história um momento fundamental: o Estádio do Espelho (GRECO, 2011, p. 2, grifo nosso).

Sobre o “*infans*” e sua relação com o estágio do espelho, situa-se como “aquele que não fala, prefigura uma totalidade corporal por meio da percepção da própria imagem no espelho, percepção que é acompanhada do assentimento do outro que a reconhece como verdadeira” (COUTINHO JORGE, 2008, p. 45). A esta relação de reconhecimento, é necessário que o sujeito insira-se na linguagem, no laço social. A esse respeito, Lacan afirma que

essa forma, aliás, mais deveria ser designada por [eu]-Ideal se quiséssemos reintroduzi-la num registro conhecido, no sentido em que ela será também a origem das identificações secundárias, cujas funções reconhecemos pela expressão funções de normalização libidinal. Mas o ponto importante é que essa forma situa a instância do eu (LACAN, 1949/1998, p. 97 [94]).

Lacan (1949/1998) destaca que “se o homem chega a pensar a ordem simbólica, é por estar primeiramente aprisionado nela em seu ser” (LACAN, 1949/1998, p. 57 [53]). Quando se fala na dialética do espelho, da relação do sujeito com o outro/Outro, Lacan (1949/1998)

²Proveniente do latim, em português, infantil.

aponta que

A ilusão de que ele a formou com sua consciência provém de ter sido através de uma hiância específica de sua relação imaginária com o semelhante que ele pôde entrar nessa ordem como sujeito. Mas ele só pôde fazer essa entrada pelo desfilamento radical da fala (LACAN, 1949/1998, p. 57 [53]).

Diante desta afirmação, indica-se o início dos seminários de Lacan (1953-1964), em que o autor prioriza o Simbólico e aborda a noção de “inconsciente estruturado como linguagem”. Mesmo que Lacan (1949/1998) em um primeiro momento destaque o imaginário diante da teoria do estágio do espelho, o mesmo apresenta que não há como desvincular a constituição imaginária sem que haja uma construção simbólica, como dito anteriormente, representada principalmente pela linguagem. É neste ponto da teoria que Lacan (1949/1998) distingue os homens dos animais, ao indicar que na constituição imaginária do sujeito, há uma relação simbólica fundamental entre este e o Outro, e o processo assume um caráter diferenciado, o que não ocorre nos animais.

Neste ponto é importante localizar esses dois registros: o imaginário e o simbólico. O que indica ser crucial é a diferença de função imaginária para a função simbólica no sujeito, que irá marcar a diferença essencial em relação à retração da realidade nas estruturas da neurose e da psicose.

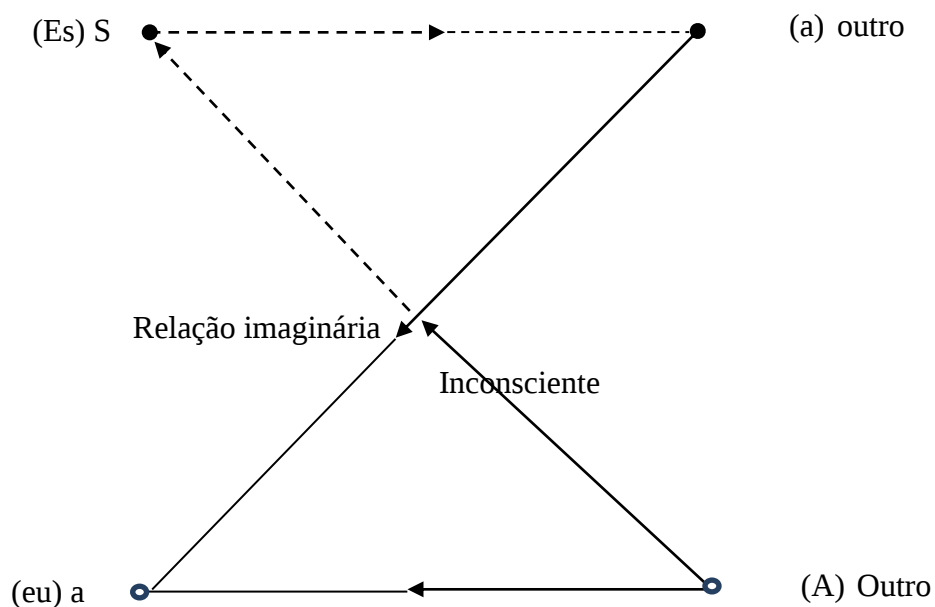
Sobre a função imaginária, Lacan (1953-1954/1986) alerta para não limitá-la as vivências do sujeito, e resgata a discussão freudiana para realizar a distinção em relação à retração da realidade nas neuroses e nas psicoses (LACAN, 1953-1954/1986, p. 138). Lacan utiliza-se de Freud para expor que “no desconhecimento, a recusa, a barragem oposta à realidade pelo neurótico, constatamos um recurso à fantasia” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 138). Da mesma forma, ao falar sobre a psicose, indica que o “sujeito psicótico, se ele perde a realização do real, não reencontra nenhuma substituição imaginária” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 138), é isto que o distingue do neurótico.

Neste ponto, Lacan identifica que as relações entre o imaginário e o simbólico concentram uma das maiores energias em relação à diferença de estrutura. O autor alerta para atribuição de que “a função do imaginário não seja a função do irreal” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 138). O intuito é não deixar de admitir a categoria do simbólico e que, nesse contexto, “a estrutura própria do psicótico se situa num simbólico marcado de irreal” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 139). Esta afirmação ilustra o que Lacan indica ao falar que

quando o psicótico reconstrói seu mundo o que é inicialmente investido são as palavras.

Sobre a relação com o Outro, Lacan (1949/1998) expõe o processo da “dialética da intersubjetividade” (LACAN, 1949/1998, p. 58 [54]). Nesta direção, o autor propõe um determinado esquema que abrange desde a teoria da transferência até a dialética da constituição do eu através da teoria do estágio do espelho, algo que é enfatizado no presente trabalho.

ESQUEMA L



Lacan (1949/1998) ao situar este esquema, o faz de acordo com a “objetivação imaginária recíproca” (LACAN, 1949/1998, p. 58 [54]) do estágio do espelho. O autor atribui que a relação especular com o outro, aquela que de início ele quis restabelecer à teoria do narcisismo de Freud (1914/2010), sob a posição dominante na função do eu, só poderia reduzir “à sua subordinação efetiva toda a ação da fantasia trazida à luz pela experiência analítica, ao se interpor, como exprime o esquema, entre esse alguém do Sujeito e esse para-além do Outro em que de fato se insere a fala” (LACAN, 1949/1998, p. 58 [54]). O autor afirma que a imagem no espelho em presença de um terceiro assegura à criança a consistência dessa imagem pela mediação do olhar do outro. Sobre isto, Stasse (2008) afirma que “essa

imagem especular, sem resto, não lhe permitirá perceber no Outro o que ele perde ao se enxergar” (STASSE, 2008, p. 111). Neste sentido, Trata-se de um re-conhecimento por intermédio do outro, de um relance tomado de uma identidade sem resto.

Leite (2010) aponta de acordo com a proposta de Lacan (1949/1998) sobre o esquema L. Nele, o autor

relaciona o imaginário, caracterizado pelo eixo a-a', que corresponde à relação do Eu (ego) ao semelhante (a'), representando a constituição do Eu no Estádio de Espelho, o qual cruza com eixo do Simbólico, caracterizado pela relação do Sujeito (S) ao Outro (A). Note-se que o gráfico está vetorizado, caracterizando a constituição do Sujeito pelo Outro, e o Eu pelo semelhante (imagem do outro) (LEITE, 2010, p. 10)

Sobre esta questão do reconhecimento, foi enfatizado que o bebê em determinado momento passou a ser, a nível imaginário, a sua imagem. Esta configuração está situada na esfera imaginária, uma vez que a criança não atingiu uma eficácia simbólica. Este é o ponto necessário para que se possa dizer que a constituição do eu de fato está completa. Para o bebê reconhecer a imagem especular como sua, “é imprescindível que o outro passe a integrar esse circuito, validando com a palavra a imagem que a criança vê (...) não basta que o bebê se veja vendo (dinâmica do eixo imaginário), é necessário que ele se veja sendo visto” (STEFFEN, 1985, p. 54). Neste sentido, se não fosse à intervenção do outro (geralmente atribui-se a mãe), a criança nunca iria reconhecer a imagem especular como sendo sua por não haver uma ligação simbólica entre as duas. A mãe, logo, tem uma função: validar a imagem vista pelo bebê. Nesta direção, ao situar a neurose e psicose, D'Agord (2009) afirma que o ponto primordial em seus discursos é o corpo imaginário, aquele apreendido em efeito ao estádio do espelho, que está no limite do Imaginário e do Simbólico. Segundo a autora, a diferença é que na psicose

falta um significante que represente o próprio corpo do sujeito para outro significante. Não é que o simbólico não esteja presente, o que seria impossível em um ser humano, mas é que falta algo ao nível da simbolização da imagem de si (D'AGORD, 2009, p. 89).

Nesta direção, Castellanos (2009) afirma que este processo de reconhecimento ocorre em função de “uma dialética que supunha que o sujeito devia reconhecer ao Outro para poder ser, a sua vez, reconhecido pelo Outro. E no fundo, era essa satisfação que ele encontrava no simbólico de maneira distinta a encontrado no corpo” (CASTELLANOS, 2009, p. 51, tradução nossa).

Nesse sentido, o sujeito primeiramente reconhece o Outro como sendo distinto de si mesmo, para poder, posteriormente, ser reconhecido pelo mesmo. O reconhecimento é a satisfação do sujeito, como falta em ser, que vem do Outro da palavra como lugar do significante (CASTELLANOS, 2009, p. 51, tradução nossa). Este reconhecimento é a marca do estágio do espelho, que vai ser especificamente delimitado em torno da função da linguagem.

No presente trabalho prioriza-se a constituição do eu na estrutura da psicose. Nesta vertente, a partir da teoria do estágio do espelho de Lacan (1949/1998), Greco (2011) indica sobre que

por esse acesso ao Simbólico que se organiza uma recaída do sujeito no Imaginário, culminando no advento do eu (moi). O Eu (je) não pode existir sem o símbolo, ou seja, sem uma referência ao Outro, e reciprocamente, quer se trate de seu corpo, do seu desejo ou dos objetos do seu desejo. Um desenredo do eu (moi), sintoma irreduzível, e do símbolo poderia remeter à desagregação humana, como na psicose (GRECO, 2011, p. 5)

Diante do exposto sobre os momentos do espelho, identifica-se que na psicose haveria dificuldades em atravessar este segundo momento do estágio do espelho, de reconhecimento do corpo próprio. Este é o ponto caracterizado como central da pesquisa e deve ser abordado com mais detalhamento no decorrer do trabalho.

3.1.1A tópica do imaginário e a teoria do estágio do espelho

Abordar a noção de Ideal do Eu e Eu Ideal em Lacan é importante, na medida em que abrange as investigações sobre a relação com o outro, o Outro e a constituição do eu. No Seminário 1 “Os escritos técnicos de Freud” (1953-1954/1986) Lacan aponta que a noção de ideal do eu e eu-ideal é originária de Freud. No texto sobre o narcisismo de 1914-1916/2010, “Introdução ao narcisismo” Freud apresenta os termos a seguinte definição

a esse ideal do Eu dirige-se então o amor a si mesmo, que o Eu real desfrutou na infância. O narcisismo aparece deslocado para esse novo Eu ideal, que como o infantil se acha de posse de toda preciosa perfeição. Aqui, como sempre no âmbito da libido, o indivíduo se revelou incapaz de renunciar à satisfação que uma vez foi desfrutada. Ele não quer se privar da perfeição narcísica de sua infância, e se não pôde mantê-la, perturbado por admoestações durante seu desenvolvimento e tendo seu juízo despertado, procura readquiri-la na forma nova do ideal do Eu (FREUD, 1914-1916/2010, p. 27).

De acordo com a referência utilizada acima, destaca-se os três tempos. No primeiro tempo (**ideal do Eu**) identifica-se o amor direcionado a si mesmo, originário da infância. O segundo tempo (**Eu ideal**) é caracterizado por uma incapacidade de renunciar a satisfação que já foi desfrutada anteriormente. O sujeito, ao mesmo tempo não admite uma privação narcísica, porém, também não pode mantê-la, pois é incessantemente esbarrado a censuras durante seu desenvolvimento. O terceiro tempo (**novo ideal do Eu**) seria como se fosse uma nova adaptação do ideal do Eu. Freud afirma que “o que ele projeta diante de si como seu ideal é o substituto para o narcisismo perdido da infância, na qual ele era seu próprio ideal” (FREUD, 1914-1916/2010, p. 27). Nesta direção, atribui-se o comentário de Leite (2012, p. 24) em que “o Eu Ideal está no plano do Imaginário, enquanto o Ideal do Eu estaria no plano Simbólico”.

Lacan indica um tipo narcísico, onde “ele é fixado pelo fato de que se ama – primeiramente, o que se é enquanto “si mesmo” – em segundo lugar, o que se foi – em terceiro lugar, o que queria ser – em quarto, a pessoa que foi uma parte do seu próprio eu” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 155). Identifica-se então uma relação entre o narcisismo, o ideal do eu e eu-ideal acerca do desenvolvimento do eu. Sobre isto, Lacan expõe que

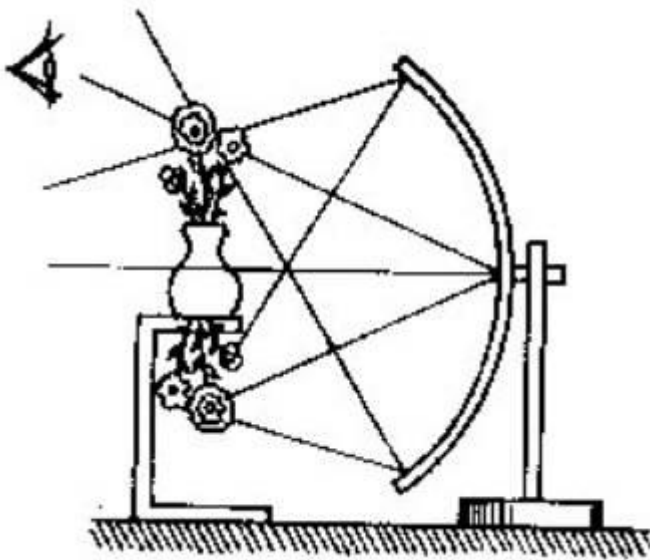
o desenvolvimento do eu consiste num afastamento do narcisismo primário e engendra um vigoroso esforço para reganhá-lo. Esse afastamento faz-se por meio de um deslocamento da libido para um ideal do eu imposto pelo exterior, e a satisfação resulta da realização desse ideal (LACAN, 1953-1954/1986, p. 159).

Para exemplificar este desenvolvimento do eu, Lacan (1953-1954/1986) utiliza de um esquema óptico proveniente do físico Bouasse (1947), (Greco, 2011). Neste momento o autor ressalta os registros do imaginário, simbólico e real, ao afirmar que “sem esses três sistemas de referência, não é possível compreender a técnica e a experiência freudiana” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 89).

Lacan (1953-1954/1986) realiza uma discussão sobre as imagens ópticas. O referido autor expõe o “experimento do buquê invertido” para explicar a lógica óptica das produções de imagem real e imagem virtual de acordo com a referência do espelho. Nele, Lacan (LACAN, 1953-1954, p. 94) sugere posicionar uma caixa oca sobre um pé. Sobre esta caixa um vaso, real. E embaixo um buquê de flores. Neste sentido, o autor indica que quando os raios batem de forma convergente num olho, se produz uma imagem real. Porém, quando os raios batem no olho em sentido contrário, ou seja, de forma divergente, se produz uma imagem virtual. (LACAN, 1953-1954/1986, p. 95). O autor ressalta que isso é o que acontece

quando olhamos uma imagem no espelho, uma imagem que não está lá. Sobre o experimento Lacan afirma que ele “permite ilustrar de uma forma particularmente simples o que resulta da intricação estreita do mundo imaginário e do mundo real na economia psíquica” (LACAN, 1953-1954, p. 95). É neste sentido que, com o auxílio do experimento, suas metáforas em relação ao espelho são elaboradas.

Esquema óptico de Bouasse (O experimento do buquê invertido)



Lacan afirma que “as imagens ópticas apresentam diversidades singulares – algumas são puramente subjetivas, são as que se chamam virtuais, enquanto outras são reais” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 93). Desta forma o autor indica que o espaço imaginário e o espaço real se confundem. Porém, alerta ao dizer que “isso não impede que devam ser pensados como diferentes (...) certas distinções que lhes mostram o quanto a dimensão simbólica conta na manifestação de um fenômeno” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 93).

Leite (2010) descreve em Lacan (1953-1954/1986, p. 94) as atribuições ao esquema óptico de Bouasse (1947). Nele,

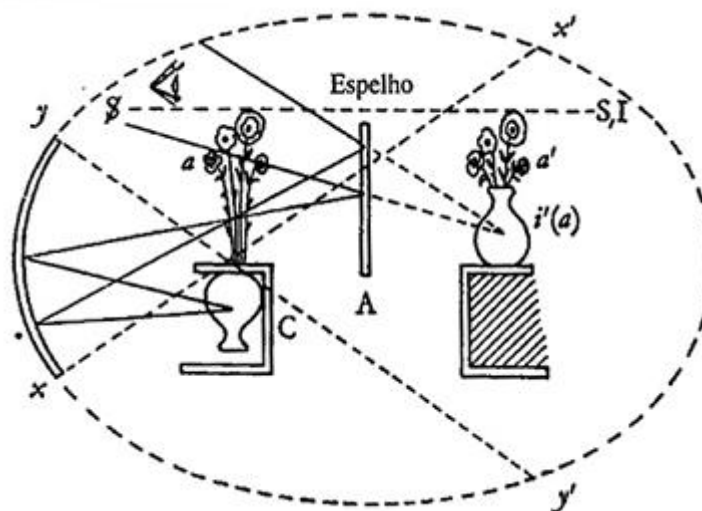
O olho, no modelo usado por Lacan, é símbolo do Sujeito, e quer dizer que na relação do imaginário com o real, tudo depende da situação do Sujeito, posto que esta situação está essencialmente caracterizada por seu lugar no mundo simbólico, que é o da palavra, o que faz do espelho plano o Outro (A). O corpo (C) em tanto real, é como o vaso de flores refletido no espelho, quer dizer, ele é inacessível ao

olhar, e o Sujeito (determinado pela ordem simbólica) nunca terá mais que uma apreensão imaginária do corpo (LEITE, 2010, p. 10).

Nitzcaner (2014) indica que a origem do imaginário está na teoria do estágio do espelho de Lacan (1949/1998). A autora realça que “um estágio que demonstra a constituição do eu e define que o corpo é imaginário” (NITZCANER, 2014, p. 196). Nessa mesma direção Brousse (2014) afirma que Lacan não dedicou o imaginário somente ao Estádio do Espelho, mas certamente em sua maioria. A autora aponta que há uma forte relação entre o imaginário e o real, e é nisto em que se apreende, pois “Lacan dá ao imaginário uma base real. O importante é isto: por ser uma imagem, ela não deixa de ter consequências reais” (BROUSSE, 2014, p.3).

É nisto que configura-se a realidade do corpo como consistência imaginária, uma vez que o corpo real é inacessível ao olhar do sujeito. Aponta-se que este corpo cuja consistência é imaginária “é corpo do Um, da totalidade imaginária, diz de uma unidade, ainda que falaciosa. O estágio do espelho (1949/1998) vem apontar a existência de uma hiância entre o organismo biológico e a imagem própria do corpo” (COPPUS, 2008, p. 72). Nesse momento inicial, o que Lacan (1949/1998) atribui ao corpo é o narcisismo, “a constituição de uma imagem própria capaz de ser investida de libido” (COPPUS, 2008, p. 72). A apresentação dos esquemas torna-se importante ao passo que caracteriza a introdução mais específica do simbólico na constituição do eu.

Esquema simplificado dos dois espelhos



Lacan (1953-1954/1986, p. 163) utiliza o esquema óptico, e realiza uma pequena modificação da experiência óptica proposta por Bouasse ao acrescentar um espelho plano. De acordo com Leite (2010), o emprego dos modelos ópticos por Lacan foi “uma sugestão de Freud, que indicou o interesse deles para a psicanálise, onde são usados para descartar a noção de localização anatômica e ficar no terreno do psicológico” (LEITE, 2010, p. 10).

Neste ponto é importante destacar a relação entre a teoria do estágio do espelho e os termos de Ideal do Eu e Eu Ideal. Para tanto, utiliza-se dos desdobramentos que Lacan (1953-1954/1986) realizou sobre o esquema óptico.

Greco (2011) descreve o esquema simplificado dos dois espelhos de Lacan (1953-1954/1986). Nele pode-se situar que através dos espelhos, “um sujeito imaginado é levado a ver dois objetos distintos, uma jarra e um ramo de flores, como se este estivesse contido naquela” (GRECO, 2011, p. 7). Nesta direção, o autor aponta que as “flores representam os objetos que vão ser contidos pelo vaso, que representa o corpo com seus orifícios” (GRECO, 2011, p. 7). O conteúdo inacessível ao sujeito é representado pelo vaso que se encontra escondido dentro da caixa, e condiz com a representação do corpo como organismo biológico perdido para o sujeito, assim como Lacan afirma “a caixa, quer dizer, o próprio corpo de vocês. O buquê são instintos e desejos, os objetos do desejo que passeiam” (LACAN, 1953-1954/1986).

No esquema adotado por Bouasse, “a imagem real não é uma imagem completa: o espelho côncavo refletirá sempre a imagem real, porém deformada e invertida – o que poderia ser uma ilustração do narcisismo primário” (GRECO, 2011, p. 7). Ao acrescentar o espelho plano, Lacan (1953-1954/1986, p. 163), possibilita obtenção de uma imagem unificada: o “espelho plano reflete a imagem virtual e confere ao objeto uma Gestalt, uma imagem inteira, acabada ou ideal, desde que o sujeito esteja no ponto perfeito para encontrá-la. Ela corresponderia ao narcisismo secundário” (GRECO, 2011, p. 7). Ao situar um parâmetro geral do esquema, Lacan (1953-1954/1986) afirma que “a imagem do corpo, se a situamos no nosso esquema, é como o vaso imaginário que contém o buquê de flores real. Aí está como representar o sujeito anterior ao nascimento do eu, e o surgimento deste” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 96).

Em resumo, Lacan frisa que a relação do imaginário depende da situação do sujeito, que está “essencialmente caracterizada pelo seu lugar no mundo simbólico, ou, em outros termos, no mundo da palavra” (LACAN, 1953-1954/1986).

Ainda no Seminário 1, Lacan situa sobre a relação do sujeito com o espelho e seu envolvimento com a maturação fisiológica. Afirma-se que este processo de maturação em

algum momento da história do sujeito, integra as funções motoras e consente um domínio real de seu corpo. Porém, o autor realiza uma importante ressalva em relação a um momento anterior a este acontecimento, que é a consciência do seu corpo como totalidade. Lacan indica que

É sobre isso que insisto na minha teoria do estágio do espelho – a só vista da forma total do corpo humano dá ao sujeito um domínio imaginário do seu corpo, prematura em relação ao domínio real. Essa formação é destacada do processo mesmo da maturação e não se confunde com ele. O sujeito antecipa-se ao acabamento do domínio psicológico, e essa antecipação dará seu estilo a todo exercício posterior do domínio motor efetivo (LACAN, 1953-1954/1986, p. 96).

Esta afirmação é bastante interessante à medida que, coloca em evidência a formação da imagem corporal da criança em relação ao seu domínio psicológico, e que dependendo da forma como essa antecipação for realizada influenciará todo o seu domínio motor posteriormente. Lacan (1953-1954/1986) exemplifica essa diferenciação do eu em relação ao outro, ao salientar que é na experiência do espelho que “a imagem do corpo dá ao sujeito a primeira forma que lhe permite situar o que é e o que não é do eu” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 96).

Neste momento sobre a tópica do imaginário, Lacan (1953-1954/1986) inicia a discussão sobre o Narcisismo, e estabelece uma relação com o estágio do espelho, conseqüentemente com a constituição do eu. O autor a realiza de acordo com a relação entre esquizofrenia e auto-erotismo.

Lacan, antes de iniciar a discussão sobre a esquizofrenia questiona sobre o auto-erotismo primordial, aquele apresentado por Freud (1914-1916/2010). O autor aponta que

trata-se de uma libido que constitui os objetos de interesses e que, por uma espécie de evasão, de prolongamento de pseudópodes, se reparte. É a partir dessa emissão pelo sujeito dos seus investimentos libidinais, que se faria o progresso instintivo e que se elaboraria o seu mundo, segundo a sua estrutura instintiva própria. Essa concepção não coloca dificuldade enquanto Freud deixa fora do mecanismo da libido tudo que se relaciona a um outro registro que não o do desejo como tal. O registro do desejo é para ele uma extensão das manifestações concretas da sexualidade, uma relação essencial que o ser animal entretém com o *Unwelt*, seu mundo (LACAN, 1953-1954/1986, p. 135).

Lacan admite ser uma afirmação contraditória, à medida que de um lado está o sujeito libidinal, do outro o mundo. Segundo o autor, isto é uma generalização excessiva da noção de libido, que a neutraliza. Diante disto, Lacan afirma que “a libido ganha seu sentido, ao contrário, por se distinguir das relações reais ou realizantes, de todas as funções que nada têm

a ver com a função do desejo, de tudo que toca as relações do eu e do mundo exterior” (1953-1954/1986, p. 136). De acordo com o autor, a libido não tem haver com outros registros instintivos a não ser o registro sexual, especificamente no que concerne o domínio da nutrição, da assimilação, da fome, ao passo que “serve à conservação do indivíduo. Se a libido não é isolada do conjunto das funções de conservação do indivíduo, perde todo seu sentido” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 136).

Ao realizar esta releitura do texto de Freud sobre o narcisismo, Lacan identifica na esquizofrenia o problema da teoria da libido. O autor afirma que “na esquizofrenia, algo se passa que perturba completamente as relações do sujeito ao real e, embaralha o fundo e a forma” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 135). Lacan indaga se a libido não iria mais longe do que o que foi definido anteriormente, tomando o registro sexual como núcleo organizador. Ainda sobre a libido, Lacan coloca uma questão importante, “É na medida em que a libido é desinvestida do objeto que ela volta a se reportar no ego?” (LACAN, 1953-1954/1986, p.136).

Diante de tal questão, o autor indica que Freud é levado a conceber o narcisismo como um processo secundário, já que, “uma unidade comparável ao eu não existe na origem, não está presente desde o início do indivíduo, e o *ich* (eu) tem de se desenvolver. As pulsões auto-eróticas, ao contrário, estão lá desde o início” (LACAN, 1953-1953/1986, p. 136).

É neste furo que Lacan dá forma à sua concepção sobre a teoria do estágio do espelho. A esta unidade comparada ao eu, em que Lacan chama de “*Urbild*” como visto anteriormente, “constitui-se num momento determinado da história do sujeito, a partir do qual o eu começa a assumir suas funções. Isso equivale a dizer do que o eu humano se constitui sobre o fundamento da relação imaginária.” (LACAN, 1953-1953/1986, p. 137).

Neste seminário 1, Lacan afirma apresentar pela primeira vez, à luz do texto de Freud, que o imaginário e o simbólico estão implicados no estágio do espelho. No tópico sobre “Os dois narcisismos”, no mesmo Seminário, o autor começa a elaborar a estrutura das psicoses no quadro geral da teoria da libido. Portanto, atribui ter “de precisar agora as relações da libido com o imaginário e o real, e resolver o problema da função real que o ego desempenha na economia psíquica” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 144). Por conseguinte, Lacan introduz a questão que os dois narcisismos trata-se “da relação entre a constituição da realidade e o relacionamento com a forma do corpo” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 146).

Lacan indica a concepção do primeiro narcisismo, que está intimamente ligada à proposta do presente trabalho, ao passo que se relaciona à imagem corporal. Lacan indica que

Essa imagem é idêntica para o conjunto dos mecanismos do sujeito e dá sua forma ao seu *Umwelt*, na medida em que é homem e não cavalo. Ela faz a unidade do sujeito, e nós a vemos se projetar de mil maneiras, até no que se pode chamar a fonte imaginária do simbolismo, que é aquilo através de quê o Simbolismo se liga ao sentimento, ao *Selbstgefuhl*, que o ser humano, o *Mensch*, tem do seu próprio corpo (LACAN, 1953-1954/1986, p. 147).

A partir desta declaração, Lacan instaura a diferença de funcionamento entre o homem e o animal, que abre a possibilidade de inserir o segundo narcisismo. O autor aponta que o animal é adaptado a um “*Umwelt*” (ambiente) uniforme. Sobre isto, Lacan expõe que

Há nele certas correspondências preestabelecidas entre a sua estrutura imaginária e o que lhe interessa no seu *Umwelt*, a saber, o que importa à perpetuação dos indivíduos, eles próprios função da perpetuação típica da espécie. No homem, ao contrário, a reflexão no espelho manifesta uma possibilidade noética original, e introduz um segundo narcisismo. O seu *pattern* fundamental é imediatamente a relação ao outro. (LACAN, 1953-1954/1986, p. 148)

De acordo com esta afirmação de Lacan, identifica-se a relação peculiar do homem-sujeito com o outro a partir da reflexão da imagem no espelho. Em sentido de valor, o autor situa que “o outro tem para o homem valor cativante, pela antecipação que representa a imagem unitária tal como é percebida, seja no espelho, seja em toda realidade do semelhante” (LACAN, 1953-1954/1986, p.148). Ou seja, introduz a relação com o outro e não só a sua imagem especular. Para ilustrar esta situação, toma-se aqui o exemplo adotado por Leite (2010, p. 22), “se compararmos o homem a um animal irracional, veremos que o animal nasce com o sistema nervoso completamente desenvolvido. O cavalo, por exemplo, logo que nasce já fica em pé, sabe onde tem de mamar, abre os olhos etc”. Diferentemente, nos seres humanos isto não ocorre. Esta relação caracteriza e reforça o que foi anteriormente identificado, onde o “estádio” apresentado por Lacan (1949/1998) marca antecipação do psicológico sobre o fisiológico nos seres humanos.

Diante do que foi exposto sobre a relação do sujeito com o outro, inicia-se uma nova discussão, em que Lacan indica que este outro “confunde-se mais ou menos, segundo as etapas da vida, com o *Ich-Ideal*, esse ideal do eu invocado o tempo todo no artigo de Freud” (LACAN, 1953-1954/1986, p.148). O autor apresenta que esta identificação correspondente ao segundo narcisismo possibilita ao homem situar-se precisamente a sua relação imaginária e libidinal ao mundo em geral.

A partir da discussão do texto de Freud sobre o narcisismo, Lacan avança em suas

teorizações sobre o estádio do espelho. A este ideal do eu e eu ideal já presentes na obra de Freud, o autor indica que

é preciso distinguir entre as funções do eu – por um lado, elas desempenham para o homem como para todos os outros seres vivos um papel fundamental na estruturação da realidade – por outro lado, elas devem no homem passar por esta alienação fundamental que constitui a imagem refletida de si mesmo, que é o Ur-Ich, a forma original do Ich-Ideal bem como da relação com o outro (LACAN, 1953-1954/1986, p.148).

Neste sentido, se faz necessário discutir além da relação do sujeito com sua imagem especular, também a função da sua relação com o outro, a que, como o autor indica, em ambas o efeito é uma alienação fundamental características do que definem as noções de ideal do eu e eu-ideal.

Introduzir estas questões do narcisismo a constituição da imagem corporal implica em transcender a esta lógica, à medida que Lacan insere a relação com o outro como fundamental. Lacan afirma que

a inclinação do espelho plano é comandada pela voz do outro. Isso não existe a nível do estádio do espelho, mas é realizado pela nossa relação com o outrem no seu conjunto – a relação simbólica. A regulação do imaginário depende de algo que está situado de modo transcendente – o transcendente no caso não sendo aqui nada mais que a ligação simbólica entre os seres humanos (LACAN, 1953-1954/1986, p. 164)

Neste ponto, o autor estabelece a importância do simbólico nos sujeitos. Ressalta que “é da troca dos símbolos que nós situamos uns em relação aos outros nossos diferentes eus” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 165). Ao situar esta relação com a teoria, Lacan aponta que

é a relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê. É a palavra, a função simbólica que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação, do imaginário. A distinção é feita nessa representação entre Ideal-Ich e o Ich-Ideal, entre o eu-ideal e o ideal do eu. O ideal do eu comanda o jogo de relações de que depende toda a relação a outrem. E dessa relação a outrem depende o caráter mais ou menos satisfatório da estruturação imaginária (LACAN, 1953-1954/1986, p. 165).

Em síntese, aquilo que foi abordado em relação ao esquema óptico demonstra como ocorre o processo de constituição do eu, aquela que o dará uma unidade, através da experiência com o espelho. Esta dialética indica que a relação entre o real e o imaginário depende da situação do sujeito de acordo com seu mundo simbólico. Ao trazer essa questão

para os termos ideais, “o sujeito se mira no ideal de eu, de modo que esse espelho faz função do outro como lugar simbólico” (GRECO, 2011, p. 8). É nesta direção que “o eu pode se reconhecer na imagem do outro, pode se projetar (sua imagem) numa relação que pode ser lida como projeção de um eu ideal” (GRECO, 2011, p. 8). Vale ressaltar que Lacan (1961/1998, p. 681; 1962-1963/2005, p. 105) atualiza o esquema óptico em outros momentos de seu ensino, porém, mantém as relações partir do ideal do eu e eu ideal.

3.1.2 Estádio do espelho e psicose em outros momentos do ensino de Lacan

Freud no texto sobre o narcisismo afirma que (1914-1916/2010) “há ‘regressão’ de um tipo de escolha de objeto ao narcisismo original” (FREUD, 1914, p. 134). Atribui ao auto-erotismo no caso dos esquizofrênicos e ao narcisismo na paranóia. Atribui-se uma passagem do texto de Quinet, “Esquizofrenia e paranoia” (2009) para marcar esta relação de Lacan com as influências de Freud. O autor indica que a regressão ao auto-erotismo nos esquizofrênicos é identificada “em relação ao estágio do espelho, as imagens do corpo despedaçado e, portanto tendência à fragmentação do corpo (não-unificado), inconstituição do eu” (QUINET, 2009, p.59). O mesmo autor no texto “O pequeno outro” (2012), aponta que

Lacan considera a paranóia como vinculada à imagem alienante do eu do estágio do espelho, que é projetada no outro, e a esquizofrenia, tributária das imagens do corpo despedaçado (pelas pulsões auto-eróticas), que se encontram no tempo lógico anterior à constituição da imagem gestáltica e ortopédica do eu a partir da imagem do outro (2012, p. 65).

Leite (2010) comenta sobre a organização que Lacan realiza sobre as psicoses. Ao revisar a explicação freudiana em relação à equivalência da paranoia ao momento do narcisismo, que corresponderia ao estágio do espelho. E na esquizofrenia, a regressão ao auto-erotismo seria atribuída ao corpo despedaçado. Neste sentido, “o esquizofrênico adoece por falta de paranoia, faltado Estádio do Espelho, organizador do corpo” (LEITE, 2010, p. 41).

A teoria do estágio do espelho está presente em todo o ensino de Lacan. Foi no texto de 1949 “O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica” que o autor realizou uma publicação de forma oficial. Mesmo sendo o principal texto utilizado para o presente trabalho, por si só não é suficiente para abranger todo o conteúdo proposto. Neste sentido, ao desenvolver seus seminários, Lacan pôde desenvolver ainda mais sobre a teoria, e é nesta direção que propõe-se aqui ilustrar a importância deste avanço em sua obra para dar continuidade ao que concerne a constituição

do eu na esquizofrenia através desta teoria. Esses elementos dão subsídio para abordar a questão do despedaçamento de corpo na esquizofrenia, algo que foi identificado que ocorre na constituição do eu nesta estrutura.

Diante do exposto, sobre o investimento libidinal citado anteriormente, Lacan (1955-1956/1988) questiona se basta invocar o reinvestimento da libido sobre o corpo próprio, uma vez que esse mecanismo é invocado pelo próprio Freud para explicar o fenômeno da psicose. O autor explica que de certo modo, isto abrange um certo número de fenômenos interessados a estrutura psicótica, porém não esgota o problema. Lacan relata que “num paranoico bem constituído, não se pode falar em mobilizar esse investimento, enquanto nos esquizofrênicos a desordem propriamente psicótica vai em princípio muito mais longe que nos paranoicos” (LACAN, 1955-1956/1988, p. 169). Neste momento, o autor situa a estruturação psicótica a partir do imaginário, simbólico e real fundamentado na relação com o Outro. Lacan (1955-1956/1988) afirma que na ordem do imaginário, “a alienação é constituinte. A alienação é o imaginário enquanto tal. Não há nada que esperar do modo de abordagem da psicose no plano imaginário, pois que o mecanismo imaginário é o que dá a sua forma a alienação psicótica, mas não sua dinâmica” (LACAN, 1955-1956/1988, p. 170). Nisto, reforça que a definição estrutural do eu implica que além do outro com *a* minúsculo do imaginário, deve-se admitir a existência de um Outro.

Lacan no Seminário 2, “O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise (1954-1955/1985)”, fundamenta a dialética do estágio do espelho sobre a “relação das tendências vivenciadas – certo momento da vida desconectadas, discordantes, **despedaçadas [grifo nosso]** – uma unidade com a qual confunde-se e se emparelha” (LACAN 1954-1955/1985, p. 69). No mesmo seminário, Lacan afirma que “esta relação dupla que tem consigo mesmo, é sempre ao redor da sombra errante do seu próprio eu que vão-se estruturando todos os objetos do seu mundo” (LACAN 1954-1955/1985, p. 211). A partir da concepção da imagem de seu corpo, o sujeito apropria-se de um preceito para perceber a unidade dos objetos.

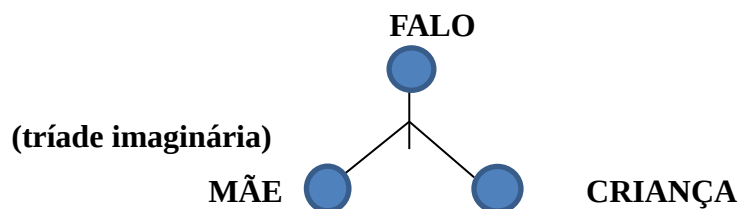
A experiência do espelho propicia um conflito da relação dual quando se há o dissociação do bebê em relação à mãe. A criança se vê desvinculada da mãe, e retira aquilo que parecia ser um só. Lustoza & Borges ressaltam sobre os momentos do estágio do espelho, onde

Em um primeiro momento ambos estão ligados a mãe, pois esta é o primeiro objeto de amor da criança. – denominada por Lacan como primeiro tempo lógico do Édipo, criança e mãe formam uma unidade narcisista, onde cada um possibilita no outro a ilusão da perfeição (LUSTOZA & BORGES, 2010, p. 2)

Lacan indica a relação de constituição do corpo também à relação imaginária, em que relacionam-se a mãe, a criança e o falo. Eis o que Lacan vai chamar de “A tríade imaginária” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 28). Lacan aponta que além de compreender a noção de relação de objeto ao colocar o falo como um elemento, esta medida leva a exploração da psicose (LACAN, 1956-1957/1995, p. 28).

A partir do artigo de Lima (2010), ao referir o problema da constituição do corpo na psicose, considera-se o momento da obra de Lacan no qual a função fálica seria determinante para o sujeito. Lacan (1960-1961/1992) afirma que o significante fálico é crucial na relação do corpo próprio

Ela condiciona a relação com os objetos mais primitivos. Seu caráter de objeto separável, possível de se perder, sua colocação em função de objeto perdido, todas essas características não se apresentariam da mesma maneira se não houvesse, no centro, o objeto fálico, emergindo como de um plano à frente da imagem do corpo (LACAN, 1960-1961/1992, p. 369).



De acordo com Lacan (1957-1958/1999), na psicose, a ausência da ordenação, da referência fálica resulta em efeitos sobre a constituição/imagem do corpo. Logo, a relação com o corpo se torna um problema, à medida que há a forclusão do Nome-do-Pai, em que tal significante não é simbolizado, e os efeitos do seu retorno é evidenciado no real do sujeito, o que implica-se também o seu corpo. No Seminário 10, “A angústia (1962-1963/2005)”, Lacan exalta esse destaque ao falo justificando “por ele ser o mais ilustre, em decorrência da castração, mas há também os equivalentes desse falo (...) o cíbalo e o mamilo” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 103).

Quando, inicialmente, o bebê aparece como falo da mãe, este surge em posição de objeto. Neste caso o que acontece é que a impossibilidade de que “a imagem do próprio corpo preencha a falta da mãe introduz a ferida narcisista, que a criança fará substituir a mãe por outros objetos que a façam sentir que completando o outro se completa” (LEITE, 2010, p. 19). Neste sentido é importante situar que a constituição do Eu é o acontecimento necessário à castração. “É fazendo com que o sujeito responda ao enigma do desejo do outro, oferecendo

uma imagem amável, na ilusão de que tal imagem complementaria a falta do outro, que ele se depara sempre com a impossibilidade da completude” (LEITE 2010, p. 19).

Nesta direção, para poder realizar a relação da esquizofrenia e paranoia com a constituição do eu é indispensável à apresentação do mecanismo de organização da estrutura da psicose. Lacan (1957-1958/1999), no Seminário 5, afirma que “se a identificação do Ideal do eu se faz no nível paterno, é porque, nesse nível, o desapego é maior no que concerne a relação imaginária do que no nível da relação com a mãe” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 235). Nesse sentido, indica-se a hipótese que a constituição da imagem corporal do psicótico é atribuída pela não referência simbólica que possa significar a referência paterna. Talvez essa nomeação que Lacan realiza no Seminário 5 seja o que ele tinha apresentado anteriormente no Seminário 3 “As psicoses” (1955-1956/1988):

que o eu humano é o outro, e que no começo o sujeito está mais próximo da forma do outro do que do surgimento de sua própria tendência. Ele é originariamente coleção incoerente de desejos – aí está o verdadeiro sentido da expressão **corpo espedaçado**³[grifo nosso] – e a primeira síntese do ego é essencialmente *alterego*, ela é alienada. O sujeito humano desejante se constitui em torno de um centro que é o outro na medida em que lhe dá a sua unidade, e o primeiro acesso que ele tem do objeto, é o objeto enquanto objeto do desejo do outro (LACAN, 1955-1956/1988, p. 50).

Ao relacionar estádio do espelho e psicose, Lacan (1962-1963/2005) estabelece que a “imagem especular, é característico do estádio do espelho. Ela não se liga apenas à estrutura de cada sujeito, mas também à função do conhecimento” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 277). A imagem especular é aquela refletida do outro.

É efetivamente no Seminário 10 “A angústia” (1962-1963-2005) que Lacan irá abordar efetivamente que ocorre a despersonalização no esquizofrênico. O autor o faz a partir da teorização do objeto a, fundamentado na fórmula da fantasia como suporte de desejo ($\$ \diamond a$), $\$$ desejo de a. (LACAN, 1962-1963/2005, p. 113). É importante destacar que “na intencionalidade do desejo, que deve ser distinguida dele, esse objeto deve ser concebido como a causa do desejo”(LACAN, 1962-1963/2005, p. 115).

No seminário de Lacan (1962-1963/2005), o esquema óptico é transformado, e o autor propôs situar algo além do espelho, que está situado no campo do Outro. De acordo com Greco

³Não foi possível identificar se a expressão utilizada é outra nomeação de “corpo despedaçado” ou se foi um erro de grafia. No Seminário utilizado, mesmo a palavra estando grafada em itálico, não há referências que indique sua marcação.

Lacan quis indicar que I está para além dos limites do espelho, pois o próprio Outro não dispõe claramente do Ideal que pronuncia, já que este se orienta por uma falta (que é a castração). A idéia de “especular” é colocada neste Seminário não apenas como uma imagem na qual o sujeito se vê, mas principalmente como algo que é constituído fora dele, no campo do Outro (GRECO, 2011, p. 10)

Neste sentido, o que se extrai deste seminário de Lacan, são seus comentários acerca dos fenômenos de despersonalização. O autor identifica no psicótico uma despersonalização, iniciando pelo não reconhecimento da imagem especular (LACAN, 1962-1963/2005, p. 134). Lacan retrata a inscrição possível da fantasia do corpo despedaçado entre os esquizofrênicos (LACAN, 1962-1963/2005, p. 133). Nessa passagem da obra de Lacan fica mais evidente sua concepção sobre o corpo na esquizofrenia, porém, essa discussão foi iniciada em Freud, quando falado sobre o narcisismo e a partir do Seminário 1 “os escritos técnicos de Freud” onde Lacan continua a desenvolver a noção da constituição do eu através do estágio do espelho.

No referido Seminário, Lacan (1962-1963/2005) realiza diversas indicações importantes. Ao situar a fantasia do corpo despedaçado nos esquizofrênicos, teoriza que “a mãe do esquizofrênico articula sobre o que seu filho era para ela no momento em que estava em seu ventre – nada além de um corpo” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 133). Neste sentido, o autor questiona porque não pensar um concerto analítico sobre a constituição do eu em nível pré-especular e pré-auto-erótico. Lacan (1962-1963/2005) afirma que “não é que os objetos são invasivos na psicose. O que se constitui seu perigo para o eu é a própria estrutura desses objetos, que os torna impróprios para ‘egoização’”. (LACAN, 1962-1963, p. 134). Neste caso, o autor situa os fenômenos de despersonalização identificados à estrutura do eu.

Lacan (1962-1963/2005) retrata a proximidade sobre o que ele chama de fenômeno de despersonalização, com a clínica, em relação à “frequência que é ao não se encontrar no espelho, ou em qualquer coisa análoga, que o sujeito começa a ser tomado pela vacilação despersonalizante” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 134). A esta noção de despersonalização, o autor atribui por justamente “não ser passível de ser proposto ao reconhecimento do Outro” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 134). Neste ponto que localiza-se a constituição do eu no psicótico. Por não ser passível de reconhecimento do Outro ele não assume uma imagem em sua totalidade. Sobre isto, Lacan (1962-1963/2005) destaca um momento característico da experiência do espelho exemplar da constituição do eu ideal no espaço do Outro:

o momento em que a criança vira a cabeça, conforme o movimento familiar para o Outro, a testemunha, o adulto que está atrás dela, afim de lhe comunicar com um

sorriso, as manifestações de seu júbilo, por alguma coisa que a faz comunicar-se com a imagem especular. Quando a relação que se estabelece com a imagem especular é tal que o sujeito fica demasiadamente cativo da imagem para que esse movimento seja possível, é porque a relação dual pura o despoja de sua relação com o grande Outro (LACAN, 1962-1963/2005, p. 135).

Quando isso não acontece, atribui-se ao que Lacan chama de “sentimento de desapossamento”, ao falar que na psicose a especularização é estranha, fora de simetria, forado-espaço (LACAN, 1962-1963/2005, p. 135). Tal afirmação condiz com a hipótese da presente pesquisa, em que no esquizofrênico há um estranhamento do sujeito em relação à imagem que é vista.

Retoma-se aqui a proposição do Complexo de Édipo como anteriormente citado para ilustrar a estruturação que a criança terá de acordo com a experiência do espelho. Neste caso prioriza-se a estrutura de interesse na presente pesquisa, no caso, a psicose. Para tanto, identifica-se os três tempos do Édipo em Lacan (1957-1958/1999), os quais caracterizam a saída da fase identificatória do estágio do espelho.

Neste primeiro tempo aponta-se que mesmo após “atravessar” a fase de identificação especular onde a criança “já se esboça um sujeito, nem por isso deixa de estar numa relação de indistinção quase fusional com a mãe” (DOR, 1985/1989, p. 81). Lacan (1957-1958/1999) realça que há uma relação entre o ternário simbólico sob a forma do ternário imaginário ao indicar “a relação da criança com a mãe, na medida em que a criança revela depender do desejo da mãe, da primeira simbolização da mãe como tal” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 188). O autor indica que de acordo com essa primeira simbolização a qual afirma que o desejo da criança é que é projetado todas as complicações posteriores a esta simbolização, uma vez que o desejo da criança é o desejo do desejo da mãe. De acordo com este primeiro tempo Dor (1985/1989) analisa que a

relação fusional é suscitada pela posição particular que a criança mantém junto à mãe, buscando identificar-se com o que supõe ser o objeto de seu desejo. Esta identificação, pela qual o desejo da criança se faz desejo do desejo da mãe, é amplamente facilitada, e até induzida, pela relação da imediação da criança com a mãe, a começar pelos primeiros cuidados e a satisfação das necessidades (DOR, 1985/1989, p. 81)

Dito de outra forma, essa relação de troca põe a criança em uma situação de se fazer objeto do que é suposto faltar à mãe. Neste caso, este objeto que busca suprimir a falta do Outro é o falo (DOR, 1985,1989, p. 81). Assim como indica Lacan neste primeiro tempo do Édipo, “o que a criança busca, como desejo de desejo, é poder satisfazer o desejo da mãe, isto

é, *tobeornottobe* o objeto do desejo da mãe” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 197). Dor (1985/1989) identifica então que a criança se depara com uma problemática na relação com a mãe, uma vez que ela deseja constituir-se como falo materno.

Lacan apresenta que “a relação do filho com o falo se estabelece na medida em que o falo é o objeto do desejo da mãe” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 190). Sobre isto Dor (1985/1989, p. 81) destaca que por um lado sim, essa relação é fundamental, porém, “outra coisa é constatar que, nesse nível, a criança está diretamente alienada pela problemática fálica sob a forma da dialética do ser: ser ou não ser o falo”. O autor conclui então que nesse primeiro momento é como se a criança dispensasse a castração, algo essencial à problemática fálica. Lacan (1957-1958/1999) resume este primeiro tempo e primeira etapa da seguinte forma:

O sujeito se identifica especularmente com aquilo que é objeto do desejo de sua mãe. Essa é a etapa fálica primitiva, aquela em que a metáfora paterna age por si, uma vez que a primazia do falo já está instaurada no mundo pela existência do símbolo do discurso e da lei. Mas a criança, por sua vez, só pesca o resultado. Para agradar à mãe (...) é necessário e suficiente ser o falo (LACAN, 1957-1958/1999, p. 198).

De fato, só existe esta relação de fixação com a mãe a partir do momento em que nenhum terceiro elemento surge para mediar esta identificação fálica. É no surgimento da oscilação na criança entre ser ou não ser o falo que o segundo tempo do Édipo é evidenciado, em que a criança é inserida na lógica da castração pela intrusão da dimensão paterna (DOR, 1985/1989, p. 81). Neste sentido a criança é levada a se posicionar defensivamente em relação à castração.

Lacan expõe que para atingir “o desejo do Outro, que é o desejo da mãe e que comporta um para-além (...) é necessária uma mediação, e essa mediação é dada, precisamente, pela posição do pai na ordem simbólica” (LACAN, 1957-1958/1999). Neste sentido, “a mediação paterna irá desempenhar um papel preponderante na configuração da relação mãe-criança-falo, intervindo sob a forma de privação” (DOR, 1985/1989, p. 82). Essa intrusão é vivenciada pela criança como forma de interdição. Lacan (1957-1958/1999) afirma que

A estreita ligação desse remeter a mãe a uma lei que não é a dela, mas a de um Outro, com o fato de o objeto de seu desejo ser soberanamente possuído, na realidade, por esse mesmo Outro a cuja lei ela remete, fornece a chave da relação do Édipo. O que constitui seu caráter decisivo deve ser isolado com relação não com o pai, mas com a palavra do pai (LACAN, 1957-1958/1999, p. 199).

Esse pai interdita a mãe, e passa a mensagem para a criança que ela não é sua. O fato de que a mãe é dependente de um objeto, que como visto “não é simplesmente o objeto de seu desejo, mas um objeto que o Outro tem ou não tem” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 199). Ou seja, Lacan afirma que “o pai se afirma em sua presença privadora, como aquele que é o suporte da lei, e isso já não é feito de maneira velada, porém de um modo mediado pela mãe, que é quem o instaura como aquele que lhe faz a lei” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 200).

Lacan (1957-1958/1999) destaca que a terceira etapa é tão importante quanto a segunda, uma vez que depende dela a saída do Complexo de Édipo. O autor aponta que o pai tem uma responsabilidade, à medida que atestou sua condição da lei

é dele que depende a posse ou não desse falo pelo sujeito materno. Na medida em que a etapa do segundo tempo é atravessada, é preciso então, no terceiro tempo, que aquilo que o pai prometeu seja mantido. Ele pode dar ou recusar, posto que o tem, mas o fato de que ele, o pai, tem o falo, disso ele tem que dar provas. É por intervir no terceiro tempo como aquele que tem o falo, e não o que o é, que se pode produzir a báscula que reinstaura a instância do falo como objeto desejado da mãe, e não mais apenas como objeto do qual o pai pode privar (LACAN, 1957-1958/1999, p. 200)

Neste sentido, o que Lacan (1957-1958/1999) aborda é que no segundo momento a onipotência do pai se dá pela privação causada. Porém, o autor atenta para não realizar análises do Complexo de Édipo apenas neste sentido, uma vez que o que é frisado nesse momento é “que a castração exercida aí era a privação da mãe, e não do filho” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 200). Dor (1985/1989) destaca que o tempo fundamental desta etapa é marcado pela simbolização da lei, uma vez que a criança recebeu sua plena significação. O autor afirma que “a confrontação da criança com a relação fálica modifica-se de maneira decisiva, no sentido em que ela deixa a problemática do ser para aceitar negociar, por conta própria, a problemática do ter” (DOR, 1985/1989, p. 88). Isto acontece pelo fato de que o pai não aparece mais para a criança como um falo rival junto à mãe. O autor ainda indica que

Na medida em que há o falo, o pai não é mais aquele que priva a mãe do objeto de seu desejo. Ao contrário, porque ele é detentor suposto do falo, ele o reinstaura no único lugar em que ele pode ser desejado pela mãe. A criança, tal como a mãe, encontra-se, então, inscrita na dialética do ter: a mãe que não tem o falo pode desejá-lo naquele que o detém: a criança, igualmente desprovida, poderá também cobiçá-lo lá onde ele se encontra (DOR, 1985/1989, p. 88).

Lacan (1957-1958/1999) indica que este aspecto revelador do pai detentor do falo é a

saída do Complexo de Édipo. O autor aponta que “essa saída é favorável na medida em que a identificação com o pai é feita nesse terceiro tempo, no qual ele intervém como aquele que tem o falo. Essa identificação chama-se Ideal do eu” (LACAN, 1957-1958, p. 200). Ele afirma que é justamente por intervir como aquele que possui o falo que o pai é internalizado pela criança como Ideal do eu. É aí que o Complexo de Édipo declina.

Por fim, Lacan (1957-1958/1999) aponta que este desfecho do complexo de Édipo é diferente de acordo com o sexo. Sobre esta ponderação de Lacan, Dor (1985/1989, p. 88) resume que “o menino, que renuncia a ser o falo materno, engaja-se na dialética do ter, identificando-se com o pai que supostamente tem o falo. A menina pode igualmente subtrair-se à posição do não ter. Ela encontra, assim, uma identificação possível na mãe”. Lacan afirma que a menina não tem de fazer essa identificação com o pai e nem guardar esse “título de direito à virilidade. Ela, a mulher, sabe onde ele está, sabe onde deve ir buscá-lo, o que é do lado do pai, e vai em direção àquele que o tem” (LACAN, 1957-1958/1999, p. 202).

Diante do exposto, trabalha-se aqui a estruturação psicótica mediante o complexo de Édipo. Sobre isto, Steffen (1985, p. 55) afirma que é “precisamente dessa enunciação inconsciente da mensagem materna que depende a estruturação que a criança terá”. Se por um lado a mãe não identifica o filho ao objeto, se nela continuar a existir a lei que barra a posse desse objeto, ou seja, se a mãe não recupera através do filho o falo do qual foi castrada, então a castração estará, desde esse momento originário da constituição da imagem inserida na criança (STEFFEN, 1985, p. 55). Porém, se por outro lado, o filho significa para a mãe o reencontro do falo, e se na mãe já não existe mais a castração como lei de interdição do incesto, então criança e objeto serão uma só e única coisa; o eu e a imagem estariam juntos sem distanciamento (STEFFEN, 1985, p. 55). De acordo com a autora, a psicose se estrutura porque “a metáfora paterna não poderá se processar na criança que se vê assim constituída como o objeto fálico, aprisionada para sempre ao corpo materno” (STEFFEN, 1985, p. 55). Ou seja, não há um descolamento entre a criança e a mãe, pois na psicose a metáfora paterna não opera, e suas consequências são evidências desde o momento primeiro da constituição da imagem.

Diante do exposto, relata-se aqui uma citação de Steffen (1985) para demarcar a importância da experiência do espelho para a criança em seu processo estruturante

Da mesma forma que a psicose emerge numa experiência ulterior, frequentemente muito posterior a sua estruturação, assim também a castração do sujeito, que ocorrerá num período posterior àquele da apreensão da sua imagem especular, terá seu efeito determinado por aquilo que lá se desenrolou. A castração falhará inevitavelmente quando incidir sobre um campo relacional, já ele, falho (STEFFEN,

1985, p. 58).

O esquizofrênico se encontra no tempo lógico do despedaçamento, pois há um estranhamento em relação a sua imagem, um despedaçamento característico. Identifica-se no presente trabalho a constituição do eu a partir da imagem no esquizofrênico e a relaciona-se também à castração do sujeito. Porém, apresenta-se nesta dissertação que, mesmo que a castração caracterize-se como processo fundamental à constituição do eu, seu efeito é delimitado pelo o que ocorreu na experiência do estágio do espelho.

4 O CORPO DESPEDAÇADO NA ESQUIZOFRENIA

Apresenta-se no presente capítulo três casos clínicos. O intuito é problematizar a questão da presente pesquisa de acordo com as particularidades identificadas em cada caso, e ilustrar aspectos preponderantes ao estágio do espelho no que concerne à constituição do eu na esquizofrenia.

Para relacionar a questão da imagem com a constituição do eu na esquizofrenia nos casos é indispensável situar a noção de corpo despedaçado. O desenvolvimento dessa proposição indicada por Lacan (1949/1998) fornece elementos preponderantes diante da relação problemática do esquizofrênico com seu corpo.

Ao longo do trabalho, evidencia-se que no início da teoria de Lacan (1949/1998) sobre o estágio do espelho a constituição da imagem através da relação com o especular e com o Outro aparecem como fundamentais no que concerne à estrutura do sujeito. Neste sentido, propõe-se relacionar a constituição do eu com a formação da imagem corporal na esquizofrenia.

4.1 Da construção imaginária à mediação simbólica

Julio é um homem que possui trinta e quatro anos, solteiro, e mora com seus pais. Passa a maior parte do tempo em casa, assistindo a programação do rádio e televisão. Das poucas vezes que sai, realiza caminhada ou sai com sua mãe. Julio possui ensino médio, e conclui um curso de mecânica. Seu primeiro surto psicótico foi identificado quando ele trabalhava em uma oficina mecânica há dezesseis anos. Tal crise emergiu após mais uma de várias brigas entre Julio e seu pai, onde muitas se caracterizavam por agressões físicas (JARDIM, 2011, p. 274).

Os registros de internações de Julio em hospitais psiquiátricos ultrapassam o número de trinta durante todos esses anos. Na maioria delas não houve consentimento do paciente. Em muitas vezes a polícia foi chamada para levá-lo a força ou sedado. Neste cenário, o diagnóstico psiquiátrico foi identificado como esquizofrenia (JARDIM, 2011, p. 275).

O caso Julio, integra o artigo de Luciane Jardim (2011) “A fragmentação do eu na esquizofrenia e o fenômeno do transativismo: um caso clínico”. A autora analisa o caso sob o momento do desencadeamento da psicose estar relacionado a uma falha na estruturação simbólica do sujeito de acordo com a função paterna. Jardim (2011) relata que essa falta

desencadeia uma dissolução ao nível do eu na psicose. Neste sentido, ressalta que um dos fenômenos bastante evidentes na psicose se caracteriza pela fragmentação do eu. O caso especificamente é abordado pela autora à presença do fenômeno de transitivismo, uma vez que Julio apresenta uma “identificação imaginária aderida ao outro, uma captura pela imagem do outro sem exclusão recíproca” (JARDIM, 2011, p. 268).

Em relação ao transitivismo, Lacan (1949/1998) afirma que “esse momento em que se conclui o estágio do espelho inaugura, pela identificação com a *imago* do semelhante e pelo drama do ciúme primordial (...) a dialética que desde então liga o [eu] a situações socialmente elaboradas” (LACAN, 1949/1998, p. 101 [98]). Porém, o autor alerta que

É esse momento que decisivamente faz todo o saber humano bascular para a mediação pelo desejo do outro, constituir seus objetos numa equivalência abstrata pela concorrência de outrem, e que faz do [eu] esse aparelho para o qual qualquer impulso dos instintos será um perigo, ainda que corresponda a uma maturação natural – passando desde então a própria normalização dessa maturação a depender, no homem, de uma intermediação cultural, tal como se vê, no que tange ao objeto sexual, no complexo de Édipo (LACAN, 1949/1998, p. 102 [99]).

De acordo com a afirmação de Lacan, o fenômeno do transitivismo coloca o sujeito mediatizado pelo desejo do outro, sua construção imaginária é sustentada pelo outro especular.

Em sua primeira crise Julio tinha dezoito anos de idade, era tímido e introspectivo. Suas fantasias de cunho sexual e místicas eram alimentadas por canções de Raul Seixas e pelos livros de Paulo Coelho. Nesta questão sexual, Julio via em conflito com a impossibilidade de responder aos apelos sexuais da adolescência. Os amigos de Julio dividiam as experiências sexuais com as meninas, e Julio inventava histórias para não sentir-se excluído do grupo (JARDIM, 2011, p. 275). Jardim (2011) afirma que “ele buscava se constituir como homem através da identificação imaginária com seus pares, entretanto, uma carência radical em sua vida se apresentava” (JARDIM, 2011, p. 275).

De acordo com a teoria do estágio do espelho, observa-se que a identidade do sujeito é adquirida e sustentada por uma referência situada além do imaginário (JARDIM, 2011, p. 275). Este momento implica a inscrição do sujeito no mundo simbólico, no mundo das palavras, inicialmente inserido pela mãe (STEFFEN, 1985, p. 54). De acordo com Jardim (2011)

Julio se encontrava diante de interpelações que o convocam a ocupar um lugar simbólico novo, ou seja, ele precisava, pela primeira vez em sua vida, após a infância, dar provas para si mesmo e para os outros de sua sexualidade. Isso implica uma rearticulação da sua posição sexuada e de sua filiação. A identidade do sujeito não é sustentada apenas por aquilo que se reflete no espelho ou aos olhos de seus iguais; necessita estar articulada a elementos da estrutura do sujeito vinculadas à passagem pelo complexo de Édipo e a respectiva inscrição do significante paterno em seu psiquismo (JARDIM, 2011, p. 275)

Lacan afirma que “a estrutura própria do psicótico se situa num simbólico marcado de irreal” (LACAN, 1953-1954/1986, p. 139). É nisto que o autor indica ao ressaltar que ao reconstruir seu mundo, o que é inicialmente investido no psicótico são as palavras.

Lacan (1955-1956/1988) indica que o psicótico vincula-se a todo o saber que o sujeito possui e utiliza para se sustentar dentro da ordem simbólico, se isso desaba por alguma contingência, é o desencadeamento que surge (JARDIM, 2011, p. 275). Lacan afirma ainda que “para que a psicose se desencadeie, é preciso que o Nome-do-Pai, *verworfen*, foracluído, isto é, jamais advindo no lugar do Outro, seja ali invocado em oposição simbólica ao sujeito” (LACAN, 1957-1958/1998, p. 584) Sobre isto, Leite (1987, p.7) afirma que “a estrutura psicótica mediante certas situações desencadeia um surto psicótico, que é a atualização dessa estrutura”. No caso de Julio, os constantes episódios de violência atrelados ao seu pai, bem como o fracasso em suas experiências sexuais determinaram a inconsistência de seu saber em relação à sexualidade e à filiação (JARDIM, 2011, p. 276). A autora destaca que a eclosão da psicose constata a “dissolução imaginária, quando o mundo do sujeito parece explodir em milhares de fragmentos” (JARDIM, 2011, p. 276).

O caso de Julio mostra que há uma dissolução imaginária, uma vez que o sujeito afirma que sua mente passou a ser habitada por inúmeros “outros” (JARDIM, 2011, p. 276). A autora relata algumas falas de Julio, como por exemplo: “eles tirando o meu são” (sic); “impregnado de pessoas na cabeça” (sic). Jardim (2011) apresenta que quando Julio está assistindo televisão, conta que se sente “falando na tv” (sic), uma vez que as pessoas na televisão estão falando aquilo que ele está pensando no momento. Em determinado momento Julio fala que “a feição da pessoa que ta na tua cabeça eu vejo diante do espelho”. Essa fala refere-se a experiência de Julio diante do espelho (JARDIM, 2011, p. 276).

De acordo com a teoria do estágio do espelho de Lacan (1949/1998), identificou-se que neste momento do ensino de Lacan, o autor indica que a imagem fornece à criança a forma de seu corpo. O estágio trata-se então da “transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem” (LACAN, 1949/1998, p. 97 [94]).

O sujeito inicialmente está em uma condição alienada ao outro, no caso, a mãe. A separação possibilita a criança sair da posição de submissão ao mundo do outro materno. No caso de Julio, a autora destaca que “trata-se da impossibilidade de separação entre o eu e o não eu” (JARDIM, 2011, p. 278).

Como explicitado no capítulo, a formação da imagem corporal é caracterizada por uma experiência da criança situada entre 6 a 18 meses, que Lacan determinou como estágio do espelho (1949/1998). Quinet (2012) utiliza desta afirmação de Lacan para indicar que dois momentos do estágio do espelho

O primeiro é aquele em que a imagem está despedaçada; o segundo é aquela em que ela está unificada. Nesse primeiro tempo, trata-se de uma anti-imagem, pois não há, propriamente, constituição de uma imagem visível, de um campo visual em que todas as imagens tenham consistência própria e nas quais seria possível distinguir nitidamente os elementos de cada totalidade. No segundo tempo, a imagem totalizante e totalitária é constituída – ela escamoteia a falta e o despedaçamento originário do sujeito (2012, p. 13)

Lacan utiliza-se de Melanie Klein para falar mencionar a relação da criança com o corpo da mãe o qual ele chama de “continente universal”, primeiro grande todo que é a imagem fantasiada do corpo da mãe, império total da primeira realidade infantil (LACAN, 1953-1954/1986, p. 99). Este é o período em que a criança se encontra em uma condição alienada de dependência em relação ao desejo de um outro, no caso, a mãe.

Diante disto, destaca-se aqui uma breve passagem do Seminário 4, “a relação de objeto” (1956-1957/1995) para ilustrar o que Lacan discute em relação a reciprocidade entre o sujeito e o objeto, que segundo o autor, merece ser chamada “uma relação em espelho” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 15). Lacan (1949/1998) afirma que o estágio do espelho é o momento em que a criança reconhece sua própria imagem. Porém, resgata-se o que foi abordado no Seminário 1, de não tratar-se somente de um desenvolvimento, e que além da relação de imagem, “ele ilustra o caráter de conflito da relação dual” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 15). A experiência de conflito com espelho ocorre quando “a onipotência materna só é refletida, então, em posição claramente depressiva, e aí surge o sentimento de impotência da criança” (LACAN, 1956-1957/1995, p. 190). A criança se vê desvinculada da mãe, e retira aquilo que parecia ser um só, indiferenciado.

O processo de constituição do eu pela imagem não ocorre de forma simples, é um processo. Marcus André Vieira lembra que “a própria unidade de corpo não é dada de saída. Precisamos de alguém, a mãe ou de quem cuide nós, para dar-lhe pouco a pouco a

consistência (...)” (VIEIRA, 2014, p. 1). O momento em que a criança é capaz de viver os dizeres que atravessam o sujeito, “até então falado, torna-se um corpo que fala, meu corpo” (VIEIRA, 2014, p. 2). Neste sentido, é importante atribuir à importância da mediação simbólica, caracterizada pela linguagem, na constituição do sujeito. Vale ressaltar também o momento em que a criança desvincula-se deste corpo, do “continente universal” que é a mãe, que a pouco lhe dá consistência, e assume sua imagem, do corpo próprio. É neste momento do ensino de Lacan que é tomado como referência, à imagem corporal como constituinte do Eu.

Jardim (2011) afirma que o eu de Julio se adere ao de seu semelhante, e isto o faz vivenciar o corpo do outro. A autora indica que essa relação sem mediação de um terceiro é evidenciada na cena em que Julio assiste televisão, onde os enunciados das pessoas equivalem às próprias enunciações de Julio. “É justamente nesse movimento de báscula com o outro que o sujeito se apreende como corpo, que Julio se reconhece na televisão, pois os outros/ele manifestam seu pensamento, fala (m) sobre ele, ele se vê falado pelos outros” (JARDIM, 2011, p. 278).

Julio introduz uma outra personagem. Ele relata que fala com Julia por telepatia. Ele refere-se a ela da seguinte forma: “o sentido da cabeça dela funciona no meu”. Julio a descreve como uma antiga paixão da escola. Atualmente são vizinhos, e de acordo com Julio, a moça possui problemas mentais e está em tratamento. Jardim (2011) afirma que “o delírio de Julio com Julia tem um colorido autoerótico, pois os dois fazem sexo em seu corpo” (JARDIM, 2011, p. 279). Julio relata que faz “sexo por telepatia (...) imagino e me masturbo (...) ele entra em mim (...) ela está comigo”. A autora ainda afirma que Julio relata que Julia encarna em seu corpo e assim eles copulam.

Jardim (2011) utiliza-se de Lacan (1965/2003) no texto “Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein” para abordar a relação imaginária na psicose, ao descrever “uma identificação imaginária aderida ao outro, uma captura pela imagem do outro sem exclusão recíproca, que é próprio da clínica com pacientes esquizofrênicos” (JARDIM, 2011, p. 279).

Jardim (2011) situa os nomes fictícios Julio e Julia para ilustrar relação do duplo, do inseparável, em que Julio se funde na imagem de Julia, onde eles formam um só corpo. De acordo com a autora, isso acontece pela “impossibilidade de separação entre o eu de Julio e o eu de Julia. Julia faz parte do eu de Julio, sem ela/ele não há como ele se reconhecer, ou melhor, não há possibilidade de existência separada. Formam um só Eu” (JARDIM, 2011, p. 281). Por fim, Jardim (2011) afirma que

Julio percebe a si mesmo como outro. Atribui as sensações próprias a um outro que o invade, pois suas percepções do próprio corpo lhe são alheias, como se estas fossem de um outro e não de seu próprio eu. As sensações voluptuosas de Julio são percebidas a partir da entrada de Julia em seu corpo, como ele nos fala que ela entra nele e que os sentidos dela funcionam nele (JARDIM, 2011 p. 281).

Quinet (1991) afirma que na “psicose, a certeza – certeza delirante por excelência – já mostra um distúrbio na linguagem. Por outro lado a forclusão do Nome-do-Pai implica a zerificação do significante fálico”. Isto implica na impossibilidade de o sujeito se situar na partilha dos sexos como homem ou mulher, e neste caso, seria uma solução viável para sua questão sexual, uma vez que Julio e Julia são um só, não há um descolamento tanto a nível especular, quanto a nível sexual.

4.2 Os órgãos estão fora do corpo?

É dito: pelo chão você não pode ficar
 Porque de lugar de cabeça é na cabeça
 Lugar de corpo é no corpo
 Pelas paredes você também não pode
 Pelas camas também você não vai poder ficar
 Pelo espaço vazio você também não vai poder ficar
 Porque lugar de cabeça é na cabeça
 Lugar de corpo é no corpo (PATROCÍNIO, 2009, p. 44)

O possível caso de esquizofrenia “Stela do patrocínio” é sobre uma mulher que viveu durante mais de trinta anos em instituições psiquiátricas no Brasil. Sua história nestes locais teve início em 1962 no Centro Psiquiátrico Pedro II (Engenho de Dentro, RJ), por onde permaneceu por quatro anos. Porém, foi na Colônia psiquiátrica Juliano Moreira, em que Stela “permaneceu por quase trinta anos sem nunca ter saído de lá” (MOSÉ, 2009), de 1966 a 1992, data de seu falecimento.

Pouco se conhece do passado de Stela, apenas que nasceu em 1941, tinha duas irmãs e morava com a mãe. A mãe de Stela foi interna em um hospital psiquiátrico no período em que morava com a mesma. Aos 21 anos Stela foi internada no Centro Psiquiátrico Pedro II com determinado diagnóstico: “personalidade psicopática mais esquizofrenia hebefrênica, evoluindo sob reações psicóticas” (MOSÉ, 2009, p.).

As ditas “falas inquietantes com uma linguagem extremamente plástica e visual” (ANDRADE, 2008), caracterizadas por um teor poético, chamaram atenção de Carla Guagliardi, estagiária da artista plástica Neli Gutmacher, que começou a gravar as falas de

Stela em fitas cassetes, e que após alguns anos foram organizadas por Viviane Mosé no livro “Reino dos bichos e dos animais é o meu nome”, publicado pela primeira vez em 2001.

A esse respeito, vale destacar que o armazenamento das informações sobre Stela só foi possível devido a um convite feito a professora Neli Gutmacher, da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, e seu grupo de alunos, para montar um ateliê naquele hospital, com o objetivo de proporcionar o relacionamento entre artistas e pacientes. O convite foi realizado pela psicóloga da Colônia Juliano Moreira, Denise Correia. No período entre 1986 e 1988, Stela estabeleceu um vínculo com Neli Gutmacher e sua estagiária Carla Guagliardi, as quais gravaram as conversas que constam no livro de Mosé (2009). Para a organização do livro também foram utilizadas por Mosé (2009) gravações dos atendimentos realizados e transcritos pela estagiária de psicologia Mônica Ribeiro (MOSÉ, 2009, p. 147).

Este livro possibilitou ao público entrar em contato com a obra de Stela. Suas falas inspiraram músicas, peças teatrais, filmes, bem como pesquisas científicas, em publicações de artigos e teses relacionadas à sua obra, inclusive na área da Psicanálise. Algumas falas e imagens de Stela também podem ser identificadas no documentário “Stela do patrocínio – A mulher que falava coisas” (2008) de Márcio de Andrade. A partir deste título, pode-se destacar as “coisas” que Stela falava sobre o corpo.

As falas de Stela, obtidas através do livro de Mosé (2009), retratam sua relação com a instituição psiquiátrica, alimentação, sexo, maternidade e também a incapacidade, caracterizada pela impossibilidade de sua palavra retirá-la do isolamento (MOSÉ, 2009, p. 23). Porém, dentre estas questões, enfatiza-se no presente trabalho, uma leitura que indique a relação de Stela com seu corpo, na tentativa de articular aspectos da psicose à constituição do eu de acordo com a teoria do estágio do espelho de Lacan (1949/1998).

De acordo com o livro de Mosé (2009), indica-se que pouco se sabe sobre o história/vida de Stela. Entre as informações destaca-se que ela nasceu em 1941, filha de Manoel do Patrocínio e Zilda Xavier do Patrocínio. A mãe foi internada no Núcleo Teixeira Brandão, o mesmo que Stela viria a ser internada, mas conseguiu sair antes que a mesma entrasse naquele hospital. Stela era doméstica em uma casa na Urca, a mesma onde sua mãe enlouqueceu (MOSÉ, 2009, p. 14).

Mosé (2009) descreve que quando Stela conheceu o as pessoas que trabalhavam no ateliê a mesma tinha 45 (quarenta e cinco) anos e nenhum dente na boca. Por suas falas e escritas peculiares Stela foi chamada de “filósofa e poeta”. Sabe-se que Stela gostava de escrever e costumava fazer isso no papelão. Porém, como destacado anteriormente, somente os áudios foram aproveitados, uma vez que os escritos não foram encontrados (MOSÉ, 2009,

p. 19). Neste sentido a autora ressalta exaustivamente que “o que foi uma fala aparece aqui como escrita” (MOSÉ, 2009, p. 19).

Pouco antes de falecer, Stela teve uma de suas pernas amputadas devido a uma hiperglicemia grave. A partir deste momento Stela recusa-se a comer e entra em quase total mutismo. Um quadro infeccioso logo após termina por levar seu falecimento (MOSÉ, 2009, p. 148).

Mosé (2009) ressalta que Stela do Patrocínio foi uma “sobrevivente do processo de mortificação característico das estruturas psiquiátricas arcaicas e tradicionais, os asilos” (MOSÉ, 2009, p. 9). A autora indica que este cenário promove o apagamento das individualidades, do desejo, da singularidade do sujeito. “As pessoas ficam reduzidas a um amontoado, sem formas e sem rosto. O uniforme é apenas o símbolo da real uniformização da impessoalidade” (MOSÉ, 2009, p. 10).

Mosé (2009) afirma que Stela do Patrocínio “sobreviveu tal como Anne Frank, através de seu diário, ou Antonin Artaud, dos seus textos. Ela escapou de ser mutilada pela lobotomia. Em meio a milhares, ela encontrou em seus escritos e ditos a maneira de se manter viva” (MOSÉ, 2009, p. 10). Nesta direção, a autora situa um paradoxo entre a razão e a loucura ao afirmar que “a razão quer produzir um mundo de identidades e verdades, um mundo previsível e claro. Em consequência, tudo que é escuro, imprevisível, móvel, múltiplo, é transposto para o lugar do erro (...) É neste espaço que se insere a loucura” (MOSÉ, 2009, p. 16).

Como abordado na presente pesquisa, o conceito de loucura foi empregado de outra forma na Psicanálise, uma vez que Freud estabeleceu um funcionamento psíquico, ao assinalar as diferenças neuroses e psicoses. Neste caso considera-se a estrutura da psicose, no qual Freud (1914/2010) investiu algumas teorizações sobre o que foi designado inicialmente parafrenia, e revisitada por Lacan (1953-1954/2010) no campo das psicoses.

Freud (1914/2010) apresentou a ideia do narcisismo primário de acordo com a teoria da libido. A partir desta teoria, o autor propôs que os psicóticos apresentariam duas características fundamentais: a megalomania e o abandono do interesse pelo mundo externo, as pessoas e coisas. Lacan (1953/1954/1986) ao visitar Freud, indica que este suposto “desencadeamento”, na realidade trata-se de um processo secundário e faz parte de um esforço do sujeito cuja finalidade é a reconstrução, e que tem por finalidade dirigir de novo a libido para um objeto (LACAN, 1953-1954/1986, p.109). Em outras palavras, o próprio desencadeamento de uma psicose é uma tentativa de “cura” pelo sujeito. Nesta direção, resgata-se a afirmação de Lacan (1953-1954/1986) ao atribuir que a reconstrução do mundo

do psicótico, a princípio, é investido nas palavras (LACAN, 1953-1954/1986, p. 139).

Apresenta-se a paciente Stela do Patrocínio como um possível caso de psicose, assim como atribuiu Masagão (2004) e Rubião (2008). Neste caso, a hipótese é que trata-se de uma esquizofrenia. Neste sentido, diante do que foi exposto, articula-se algumas passagens da fala de Stela presentes no livro de Mosé (2009) à constituição do eu na esquizofrenia, de acordo com a teoria lacaniana sobre o estádio do espelho. Lacan (1949/1998) destaca a teoria sob a relação eu-imagem/corpo-imagem/sujeito-corpo. Nos esquizofrênicos, identifica-se que há uma relação peculiar entre o sujeito e seu corpo, assim como observado no caso de Stela.

Lacan durante todo seu ensino situa a noção de corpo despedaçado, cujas origens já podem ser identificadas no texto “complexos familiares”, publicada nos Outros Escritos (1938/2003). No Seminário 10 “a angustia” (1962-1963/2005) o autor faz referência a possível inscrição do esquizofrênico na fantasia do corpo despedaçado. Mesmo que no início do seu ensino estivesse implícita a noção de “órgão fora do corpo” para o corpo despedaçado em referência a citação de que “ele aparece então, sob a forma de membros disjuntos e de órgãos representados em exoscopia” (LACAN, 1949/1998, p. 100 [97]), isso não foi direcionado especificamente para os esquizofrênicos. É no texto “A invenção psicótica” de Jacques-Alain Miller que há a afirmativa que “na esquizofrenia os órgãos passam fora do corpo” (MILLER, 2003, p. 8). Neste texto, o autor destaca a noção de “órgãos fora do corpo” como uma particularidade do esquizofrênico. Para elucidar tal afirmação, o autor aponta de forma mais palpável este “sentimento de estar fora do corpo” (MILLER, 2003, p. 6).

Miller então indica que é preciso inventar, neste caso, recursos para ligar-se ao seu corpo. As passagens citadas no presente artigo destacam, por exemplo, “nos dedos coloca anéis, que têm o valor de laços com o corpo. Na cabeça, uma faixa, para liga-la ao corpo. Estes são seus recursos. São laços colocados sobre os órgãos, partes do corpo” (MILLER, 2003, p. 6). Neste sentido, é isto que o autor chama de “invenção”. Miller sugere que Lacan ao apontar certas peculiaridades “como particular do esquizofrênico, que caracteriza-se por não poder resolver seus problemas de ser falante como todo mundo, apelando para discursos estabelecidos, discursos típicos” (MILLER, 2003, p. 7).

No caso de Stela, parece-nos interessante abordar o conceito de “órgãos fora do corpo” ao identificar as constantes falas de Stela que afirmava “não ter formatura” (MOSÉ, p. 74). Sobre esta afirmação, Stela relaciona a partes de seu corpo, como a cabeça, braço, nariz. De acordo com Rubião (2008), “Stela se empenha em fazer um corpo pelas bordas da escrita” (RUBIÃO, 2008, p. 55). Stela faz uso da linguagem para se sustentar. Embora seus registros sejam gravados, sua fala toma um estatuto de escrita à medida que se insere o aparelho

gravador em cena e consegue separar o sujeito do seu falatório (RUBIÃO, 2008, p. 54)

Diante do exposto, Mosé (2009) afirma que “Stela falava de sua condição como quem se vê de fora, o que quer dizer se desdobrar, ou seja, produzir uma dobra sobre si mesma” (MOSÉ, 2009, p. 18).

Mosé (2009) indica as falas de Stela retratavam seu olhar diante da vida, um olhar marcado por perplexidade. “Perplexidade diante do corpo, da forma, da matéria humana, e, principalmente do próprio olhar que assiste a tudo, que enxerga tudo, que vê o processo de formação, da ‘formatura’” (MOSÉ, 2009, p. 21).

Eu sobrevivi do nada, do nada
 Eu não existia
 Não tinha uma existência
 Não tinha uma matéria
 Comecei a existir com quinhentos milhões
 E quinhentos mil anos
 Logo de uma vez, já velha
 Eu não nasci criança, nasci já velha
 Depois é que eu virei criança
 E agora continuei velha
 Me transformei novamente numa velha
 Voltei ao que eu era, uma velha (PATROCÍNIO, 2009, p. 72).

Diferente do que foi abordado em Miller (2003) sobre os recursos para ligar o corpo, identifica-se que Stela utiliza das invenções em sua própria linguagem para sustentar-se, de discursos não estabelecidos diante da psicose desencadeada. A esse respeito, de acordo com as afirmações em relação a não simbolização do psicótico, as autoras Figueiredo & Machado (2000) deduzem a maneira particular como o psicótico lida com o corpo e com a linguagem. O psicótico seria aquele que ao não se inserir na ordem simbólica, não faz laço social ou está fora do discurso (LEITE, 1987a). Neste sentido, ao situar a esfera do desejo, enfatiza-se que este não pode ser capturado somente pela linguagem. Falta um significante, que é o desejo do desejo, desejo do Outro. A lei à qual o significante está submetido é a lei da castração. Percebe-se então a importância da função do significante fálico na trama edípica, já que quando esta referência não é operante, a relação com o corpo torna-se ainda mais problemática (LIMA, 2010).

Na esquizofrenia, a ausência da ordenação, da referência fálica resulta em efeitos sobre o corpo, logo a relação com este torna-se um problema, à medida que há a forclusão do Nome-do-Pai. Lacan apresenta um reforço a esta lei ao afirmar que

É esse o Nome-do-Pai, e, como veem, ele é, no interior do Outro, um significante essencial, em torno do qual procurei centra-los no que acontece na psicose - a saber, que o sujeito tem de suprir a falta desse significante que é o Nome-do-Pai. Tudo o que chamei de reação em cadeia, ou de debandada, que se produz na psicose, ordena-se em torno disso (LACAN, 1957-1958/1999, p. 153).

Quando tal significante não é simbolizado, os efeitos do seu retorno são evidenciados no real do sujeito, o que explica a relação particular do sujeito com seu corpo. Quinet (2009) indica que pode-se acrescentar ao lado da forclusão do Nome-do-Pai no campo do Outro outra referência de Lacan, que os tipos clínicos da psicose se encontram “fora-do-discurso”. É isto que caracteriza a esquizofrenia, a fragmentação da linguagem e o despedaçamento do corpo. Como dito anteriormente, é importante ressaltar o caráter da linguagem, já que é um processo simultâneo ao estágio do espelho no sujeito, neste caso, tratando-se da constituição do eu na esquizofrenia mediante a teoria do estágio do espelho em um dado momento do ensino de Lacan.

De acordo com as referências lacanianas sobre a relação do esquizofrênico a linguagem e o corpo, identifica-se esta particularidade no caso de Stela. Mosé (2009) identificava a paciente diferente dos demais em relação à organização de seu discurso, uma vez que Stela era capaz de se organizar no limite subjetivo. A autora afirma que “sua palavra é capaz de se manter sem se sustentar, necessariamente, nos limites subjetivos, gramaticais e lógicos (...) Stela se sustentava em uma ordenação delirante, uma ordenação móvel, fundada na afirmação de sua própria fragmentação” (MOSE, 2009, p. 18)

Eu era gases puro, ar, espaço vazio, tempo
 Eu era ar, espaço vazio, tempo
 E gases puro, assim, ó, espaço vazio, ó
 Eu não tinha formação
 Não tinha formatura
 Não tinha onde fazer cabeça
 Fazer braço, fazer corpo
 Fazer orelha, fazer nariz
 Fazer céu da boca, fazer falatório
 Fazer músculo, fazer dente

Eu não tinha onde fazer nada dessas coisas
 Fazer cabeça, pensar em alguma coisa
 Ser útil, inteligente, ser raciocínio
 Não tinha onde tirar nada disso
 Eu era espaço vazio puro (PATROCÍNIO, 2009, p. 74).

De acordo com o trecho relatado sobre Stela, identifica-se que a mesma parece não atingir a totalidade ortopédica assim como afirma Lacan (1949/1998) em relação à completude da constituição do eu, de acordo com o assentimento da imagem. A linguagem

nesse sentido é uma forma que Stela encontra para se sustentar enquanto corpo, mesmo que na fragmentação dele.

Mosé (2009) aponta a relação que Stela estabelece entre o corpo, o olhar e a linguagem ao afirmar que “na medida em que se desdobra como corpo, como sujeito, ela se desdobra como olhar, um olhar desvinculado da linearidade cotidiana. Ao falar, ao configurar em palavras esse olhar, Stela localiza, produz forma, ao mesmo tempo em que toma forma” (MOSÉ, 2009, p. 22). É importante ressaltar que Stela não fixa em uma configuração. São vários esforços de invenção para se sustentar, “ela é a encarnação de um fluxo incessante de formas” (MOSÉ, 2009, p. 22).

Não sou eu que gosto de nascer
Eles é que me botam pra nascer todo dia
E sempre que eu morro me ressuscitam
Me encarnam me desencarnam me reencarnam
Me formam em menos de um segundo
Se eu sumir desaparecer eles me procuram onde eu
estiver
Pra estar olhando pro gás pras paredes pro teto
Ou pra cabeça deles e pro corpo deles (PATROCÍNIO,
2009, p. 71).

Sobre esta questão de invenções, Masagão (2004) afirma que

nascer todo dia como forma é o trabalho ao qual Stela se dedica, incessantemente sem ter em nada em que se apoiar a ela; ela sustenta sozinha sua forma no tempo e na materialidade da **escrita [grifo nosso]** que, a cada letra, permanece para em seguida desvanecer (MASAGÃO, 2004, p. 267).

A escrita, como dito anteriormente, refere-se às falas transcritas de Stela. De acordo com essa afirmação, identifica-se que a forma que Stela encontra para sustentar-se enquanto corpo se dá pelas incessantes invenções que ela precisa realizar todos os dias, as palavras são investidas, é nelas que Stela encontra um enlaçamento com o corpo.

Mesmo que a psicose desencadeie em uma experiência pós-estádio do espelho, geralmente após a castração do sujeito, seu efeito é delimitado pela experiência adquirida no estágio do espelho (STEFFEN, 1985, p. 58). Neste sentido, a castração falha sob um lugar cuja mediação já é falha. O estágio do espelho tem o seu lugar.

Pode-se localizar a esquizofrenia no meio do caminho em relação à “consolidação” do estágio do espelho, aquela em que a criança manifesta seu júbilo de acordo com a relação

estabelecida com a sua imagem especular, “é tal que o sujeito fica demasiadamente cativo da imagem para que esse movimento seja possível, é porque a relação dual despoja de sua relação com o grande Outro” (LACAN, 1962-1963/2005, p. 135). O que acontece na esquizofrenia é que a esta etapa “em que a percepção do corpo próprio como unidade imaginária separada do outro ainda não é concedido e, portanto onde o corpo ainda aparece despedaçado” (AURÉ, 2015, p. 1, tradução nossa). A relação do esquizofrênico com sua imagem é extremamente peculiar, uma vez que nesta estrutura não se atinge a totalidade ortopédica, expressão utilizada por Lacan (1949/1998) para abordar o assentimento da imagem da criança.

O corpo despedaçado em si é descrito por Lacan nos Escritos: “ele aparece então, sob a forma de membros disjuntos e de órgãos representados em exoscopia” (LACAN, 1949/1998, p. 100 [97]). O referido autor afirma que esta noção de corpo aparece de forma regular nos sonhos, “quando o movimento da análise toca num certo nível de desintegração do indivíduo” (LACAN, 1949/1998, p. 100 [97]). A afirmativa fornece indícios sobre a constituição da imagem corporal na esquizofrenia, em que há uma fragmentação do corpo. Lacan (1949/1998) indica que “essa forma revela-se tangível no próprio plano orgânico, nas linhas de fragilização que definem a anatomia fantasmática, manifesta nos sintomas de esquite ou de espasmo da histeria” (LACAN, 1949/1998, p. 100 [98]). Sobre esta afirmação de Lacan, Dor (1985/1989) aponta que

antes do estágio do espelho, a criança não experimenta inicialmente seu corpo como uma totalidade unificada, mas como alguma coisa dispersa. Esta experiência fantasmática do corpo *esfacelado*, cujos vestígios nos aparecem tanto na configuração de alguns sonhos, como nos processos de destruição psicótica, é realizada na dialética do espelho, cuja função é neutralizar a dispersão angustiante do corpo (p. 79)

Miller, em seu texto “a invenção psicótica” (2003) utiliza a mesma expressão “disjuntos” para referir-se a expressão lacaniana de “órgão fora do corpo” na esquizofrenia. A partir destas evidências, considera-se que a noção do corpo despedaçado em Lacan está presente desde o início de seu ensino.

Neste período das obras de Lacan entre 1949 e 1954, que engloba os textos “O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica” e o Seminário 1 “os escritos técnicos de Freud (1953-1954/1986), a teoria do estágio do espelho é caracterizada pela imagem como constituinte do eu. Marca um período

em que a teoria do Eu em Lacan é baseada na teorização freudiana do Eu, apresentadas pela imagem do corpo e pelas identificações, no sentido da transformação que é produzida no sujeito quando ele assume uma imagem. Esta apropriação é caracterizada em Lacan (1949/1998) pelas fantasias que sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que o autor atribui como ortopédica.

4.3 O eu e o outro: uma prótese imaginária

O caso Sylvie, de Dominique Holvoet (2003), publicado no artigo “*Une petite fille dans les nuages: le cas d’une jeune schizophrène*” situa os fragmentos do trabalho que a analista empreendeu com Sylvie para sustentar sua elaboração.

Sylvie é uma jovem esquizofrênica de onze anos que apresenta uma espécie de fachada de relação social que pode deixá-la aparentemente “nas nuvens”, como o diz seu professor, expressão fácil para designar um sujeito que, com uma falsa jovialidade, “esconde bastante bem a torção, posteriormente manifesta, de sua relação com o outro, de sua relação com o significante, e sua dificuldade em se posicionar no mundo” (HOLVOET, 2003, p. 1, tradução nossa).

O que chama atenção da analista é justamente a estratégia peculiar de relação com o outro que o sujeito encontra para se proteger de toda invasão desse outro. Sua hipótese é que ela se “sustenta numa construção imaginária que lhe permite posicionar-se no mundo, sem dificuldades insuperáveis até determinado momento, quer seja na escola, onde se encontra por enquanto ou em seu meio familiar” (HOLVOET, 2003, p. 1, tradução nossa).

A autora questiona: qual é o status de seu discurso? Ou seja, em que ponto é possível dizer que depara-se com um sujeito “fora do discurso”, ou ainda, o que, em sua enunciação, pode determinar a alienação significante que detém a linguagem no limiar da emergência de um discurso? Por outro lado, como especificar em quê seu pseudomonólogo com sua *família* consegue sustentar-se para funcionar como prótese imaginária e sustentar, portanto, seu ser no mundo? (HOLVOET, 2003, p. 1).

Holvoet (2003) trás alguns relatos para fomentar sua discussão. Inicia por um determinado apontamento: menciona que quando Sylvie se lava, ela lava tão somente as partes de seu corpo visíveis no espelho, e a especifica claramente que assim Sylvie julga ter-se totalmente lavada. Isto permite situar como, para o sujeito, a linguagem mordeu no corpo

(HOLVOET, 2003, p. 2). A autora utiliza-se de Lacan no texto “L’Étaurdit” publicado na revista *Scilicet*4 para indicar que o esquizofrênico “precisa acomodar-se com seus órgãos fora de toda referência a um discurso estabelecido” (p. 30). Tal afirmação foi revisitada também por Miller (2003) no texto “A invenção psicótica”, já mencionado na presente pesquisa.

A acomodação se deve ao fracasso da operação de separação. Para desenvolver mais nesta questão, Holvoet (2003) utiliza de outros exemplos. A analista afirma que enquanto Sylvie se olhava sobre um espelhinho, durante uma sessão, ela responde a pergunta de Dominique ao questioná-la sobre o que nele ela via: “*Eu vejo dentro*”. Holvoet (2003) relata que em outro dia, na mesma situação, porém sem ser necessário realizar uma pergunta, ela clama com júbilo, frente ao espelho: “*Oh! Donald*”. Miller, no texto “a invenção psicótica”, indica que sobre esta posição de estar fora e permanecendo ligado

é o que Lacan chama de ex-sistência, ou seja, estar colocado, “sistir” em algum lugar fora de alguma coisa, portanto em relação, em referência a esse fora, em referência ao termo em relação ao qual ele é ex. *Ex-sistere*, é ser colocado fora de, ex de alguma coisa (MILLER, 2003, p. 5).

Portanto, para Sylvie é como se ela estivesse fora de seu corpo, e, além disso, não há um desvinculamento com o outro, o que na verdade ela precisa em sua construção imaginária para se sustentar, para existir. No texto de Miller (2003), o autor sintetiza alguns aspectos preponderantes de Lacan em relação ao esquizofrênico. Em determinado ponto Miller afirma que os esquizofrênicos devem ter recursos sem o socorro de discursos estabelecidos, “ele é obrigado a inventar um discurso, é obrigado a inventar seus socorros, seus recursos, para poder usar seu corpo e seus órgãos” (MILLER, 2003, p. 6). É o que Sylvie faz, procura seus próprios recursos para poder sustentar-se.

Holvoet (2003) apresenta o caso Sylvie através da operação de separação do sujeito, em que a partir desta o sujeito gera a si próprio. Porém, a mesma indica fatores preponderantes ao estágio do espelho, no qual pode-se identificar que este tem o seu lugar, principalmente no que concerne à constituição do eu. Holvoet (2003) afirma que

O espelho equivale, antes, aqui, à telinha da TV na qual se refletem todas as figuras que se oferecem a uma identificação lábil em que se percebe que a precipitação do *eu* numa forma primordial – o “eu ideal” do estágio do espelho – não constitui para Sylvie uma base válida para as identificações secundárias (HOLVOET, 2003, p. 3, tradução nossa).

Para o esquizofrênico não há a consolidação do estágio do espelho, em que a criança

manifesta júbilo diante de sua imagem especular. Holvoet (2003) descreve determinado episódio que Sylvie falou sem que fosse interrogada, “o papai da mulher é o pai da mulher”, e ainda “irmãs gêmeas são irmãos gêmeos”. Para Holvoet (2003), Sylvie “se sustenta dessa aparência de sentido para enfrentar a onipotência do Outro que interroga e ao qual se julga na obrigação de responder” (HOLVOET, 2003, p. 4, tradução nossa). A analista indica que os dois exemplos mostram simultaneamente um obstáculo e uma tentativa de “implementar um discurso ao qual se dedica Sylvie para adentrar num aparente elo social. Parece-me que essas tautologias, mas também e tanto grande parte de seu discurso, são tentativas, decerto vãs, de descolar o eu e o outro da relação especular” (HOLVOET, 2003, p. 4, tradução nossa). A suposição da autora é de que não há um descolamento do eu com o outro especular, uma vez que o eu encontra-se na primeira realidade infantil. Este é o período de alienação em relação ao desejo do outro, geralmente a mãe (LACAN 1953-1954, p. 99).

Lacan atribui à noção de corpo despedaçado na esquizofrenia. É possível identificar em seu ensino seu momento, a partir do que o autor afirma sobre o estágio do espelho

é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que se sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental (LACAN 1949/1998, p. 100 [97]).

A noção de corpo despedaçado equivale ao de corpo fragmentado em Lacan, uma vez que a tradução é oriunda do francês “*corps morcelé*”, e geralmente traduzida para o português nas duas formas. Há alguns autores como Dor (1985/1989) que utilizam o termo “esfacelado” (DOR, 1985/1989, p. 79).

Diante disto, este corpo fragmentado/despedaçado é identificado sob as primeiras sensações do sujeito/bebê. Destaca-se aqui o que Maria-Hélène Brousse (2014) aponta a esse respeito, onde a autora expõe que “a criança experimenta sensações múltiplas, sem unidade, nomeadas por Lacan de corpo fragmentado; suas sensações corporais, orgânicas, não têm uma unidade” (BROUSSE, 2014, p. 3). De acordo com a mesma, trata-se do conjunto caótico de sensações orgânicas vivenciadas inicialmente pelo bebê.

Alvarez (2013) afirma que no ensino de Lacan existem no mínimo três teorias sobre o corpo. Enfim, na presente pesquisa destaca-se o primeiro momento desta clínica, em que Alvarez (2013) situa a construção do corpo especular pelas normas do Ideal do eu. Em sua base, a clínica das estruturas construídas por Lacan seria identificada a partir da relação entre

simbólico e imaginário, assim como uma clínica sobre corpo.

Neste sentido, atribui-se que nesse momento do corpo despedaçado, é um momento de insuficiência, assim como afirma Greco, “por conta de sua prematuridade neurofisiológica – se antecipa numa unidade a partir da imagem do outro, ou seja, da imagem do corpo próprio encontrada no espelho, na qual ela vai se alienar virtualmente” (GRECO, 2011, p. 3). Brousse (2014, p.4) expõe um esquema para esta situação, em que de um lado encontra-se o “corpo fragmentado, múltiplo, caótico, orgânico, e embaixo, a imagem refletida no espelho, que não lhe pertence inicialmente, que é um objeto exterior. A identificação da criança com sua imagem refletida no espelho mascara ou dá uma unidade ao que não tem unidade”. De acordo com esta afirmação, pode-se questionar como se estrutura o sujeito através da apreensão de sua imagem, marca o que vai dar uma unidade ao sujeito, ou mascara este corpo fragmentado, repleto de sensações estranhas, de um corpo em que os membros não o pertencem.

Neste sentido, afirma-se que desde o início o corpo de todos os seres humanos é fragmentado, devido às múltiplas sensações de estranhamento. A experiência com o espelho é o que dará sustentação imaginária, que proporciona a unificação, chamada por Lacan de ortopédica. Lacan (1962-1963/2005) atribui que a relação do psicótico, em particular o esquizofrênico, com seu corpo é bastante peculiar, é fora de espaço. Na esquizofrenia não há essa sustentação imaginário do corpo em sua totalidade, o que caracteriza seu despedaçamento do corpo.

De acordo com Holvoet (2003), há em Sylvie, uma regressão tópica no estágio do espelho, e seus efeitos são identificados em relação ao quanto o imaginário “invade a subjetividade numa relação agressiva ao duplo que conduz a uma dissolução do outro enquanto identidade” (HOLVOET, 2003, p. 5, tradução nossa). Para ilustrar esta afirmação a autora fornece alguns fragmentos de análise:

Quando Sylvie termina um desenho com a figura da lua à esquerda e do sol à direita, ambos personificados por um rosto, Holvoet a questiona se a lua e o sol se falam. Ela responde então: “*Não, isso não fala, são gentis, tem um que é mais gentil que o outro porque o outro é mais gentil e o outro é mais gentil que o outro*”. Holvoet pergunta então qual dos dois é mais gentil. Ela responde: “*Aquele e aquele, os dois*”.

Em outro exemplo, Holvoet (2003) afirma que ela produz o seguinte discurso: “*Tem duas meninas que são roubadas, ela nunca roubou, se ela roubou alguma coisa, não, não é verdade, ela nunca roubou. Essas duas meninas, não é ela, ela não vai para nossa casa,*

nada de recomeçar a nos chatear, e é minha melhor amiguinha”.

Sylvie pega o telefone que faz parte do material de jogo e começa uma conversa onde o significante substitui aquilo de que se trata. *Oi, tudo bem [...] tá [...] como isso? [...] Ah não, quero mais isso não, eu pensava que tinha isso e não tem mais isso, ah não hein [...] não vão mais fazer isso [...] tá, claro, bom então tchau !* E ela desliga.

Desses diálogos, a autora destaca que o que parece ser mais importante para Sylvie é demarcado por sua busca para manter um diálogo imaginário entre duas pessoas e em sua resultante extrair um raciocínio pseudo-lógico do que falar alguma coisa. Holvoet (2003) supõe que “sua construção imaginária sob forma de família – na qual, inicialmente não lhe era estorvo algum integrar qualquer indivíduo – lhe permite manter relação, função e distância frente à ambiguidade, à escâncara da relação imaginária na psicose” (HOLVOET, 2003, p. 6, tradução nossa). Neste sentido, essa forma descoberta em virtude de um buraco no simbólico, seria possível supor que uma família não constitui-se simbolicamente para ela. Para Sylvie se manter no mundo, ela se encontra obrigada a constituí-la imaginariamente. A família imaginária é sustentada ao ser falada, esta que não pode calar, que não pode parar de se dizer. Esse esforço incessante da fala é, de algum modo, o preço que Sylvie há de pagar para fazê-la existir (HOLVOET, 2003, p. 6).

Evidencia-se neste caso que Sylvie efetua construções imaginárias. Miller (2003) aponta Lacan ao destacar que “é como se enxertássemos esse órgão fora do corpo no ser falante, e para cada um se coloca a questão de encontrar a função do órgão-linguagem, o que fazer dele” (MILLER, 2003, p. 7). Sylvie encontrou seu saber fazer, foi capturada sem o recurso de nenhum discurso estabelecido, um exemplo do que o esquizofrênico efetua.

5 CONCLUSÃO

O presente trabalho apoia-se na teoria do Estádio do Espelho de Lacan (1949/1998), que atribui a apreensão da imagem corporal mediante a imagem especular – aquela que é vista no espelho –, como o que determina a constituição do eu. Destaca-se que, embora relativa à posição de supremacia do imaginário na Psicanálise de orientação lacaniana, meio século após as indicações sobre o Estádio do Espelho e o corpo como imagem, sua importância está mantida. Miller (2014) resgata a “equivalência formulada por Lacan: o imaginário é o corpo. E ela não é isolada, seu ensino, em seu conjunto, testemunha a favor dessa equivalência.” (MILLER, 2014, p.4).

Para abordar a esquizofrenia em Psicanálise se fez necessário revisitar a origem do conceito, aderido inicialmente pela Medicina com Kraepelin (1999) e Bleuler (1911/1960). A apresentação do uso feito pela mesma atualmente também torna-se importante, uma vez que este campo é uma referência, a qual serviu de contribuição para o uso na Psicanálise inicialmente com Freud (1914-1916/2010). Os resultados mostram que existe uma diferença de conceitualização entre as duas áreas. A esquizofrenia na Medicina segue determinados critérios de avaliação, baseado nos manuais diagnósticos DSM e CID.

O uso do termo esquizofrenia em Psicanálise teve início com Freud, em especial no texto “Introdução ao narcisismo” (1914-1916/2010). Este texto serviu como base para Lacan (1953-1954/1986) iniciar sua elaboração sobre a teoria do estágio do espelho, e como resultado, o autor também avançou nas teorizações sobre a esquizofrenia.

Diante da revisão histórica do conceito, apresenta-se na Psicanálise de orientação lacaniana a esquizofrenia na clínica das psicoses. As contribuições de Lacan são evidenciadas, na medida em que o autor aponta uma relação peculiar do esquizofrênico com o seu corpo. Suas teorizações são fundamentadas na teoria do estágio do espelho (1949), que indicam a constituição do eu em referência ao assentimento da imagem corporal pelo outro mediante a relação especular.

Ao revisitar a afirmação de Lacan identificada no atrelamento do imaginário e o corpo, destaca-se o que é abordado no presente trabalho, “o momento em que o corpo se introduz, inicialmente, como imagem, imagem no espelho” (MILLER, 2014, p.4). O autor aponta o estatuto que Lacan dá ao eu [moi] ao distingui-lo daquele que Freud reconheceu na construção da segunda tópica do aparelho psíquico.

Outro aspecto que Miller (2014) considera é que Lacan toma emprestado de Freud, os termos Ideal do eu e o eu ideal para apresentá-los de uma forma inédita, assim como é

reiterado em toda a pesquisa. As contribuições de Freud influenciaram Lacan principalmente no texto “introdução ao narcisismo” (1914-1916/2010). Lacan utiliza desse texto no Seminário 1 “os escritos técnicos de Freud (1953-1954/1986). Essas obras foram fundamentais na elaboração da teoria do estágio do espelho (1949/1998).

Nessa direção, conclui-se que em um primeiro momento Lacan (1949/1998) atribuiu à constituição do eu a introdução do assentimento da imagem do sujeito a partir do outro. Um eu diferente do que Freud estabeleceu em diversos momentos de sua obra, e não somente na segunda tópica do aparelho psíquico. Posteriormente, ao tomar emprestados os termos Ideal do Eu e Eu Ideal de Freud (1914-1916/2010), Lacan (1949/1998; 1953-1954/1986) situa a dialética fundamental da constituição do eu no ser humano em relação aos outros animais, ao apontar a função da linguagem, do universo simbólico no ser humano a partir do Outro.

A presente pesquisa priorizou o imaginário em relação à constituição do eu mediante a teoria do estágio do espelho. Porém, evidenciou-se que embora a constituição do eu seja identificada na relação especular, é impossível não articular elementos de sua estrutura à ordem simbólica, onde foi evidenciado o Complexo de Édipo e suas inscrições. E como identificado durante as investigações, mesmo com os desenvolvimentos realizados por Lacan a respeito da estruturação do sujeito estar relacionada ao Complexo de Édipo, não é possível excluir a importância do estágio do espelho para a criança, uma vez que a relação com o outro especular e o Outro são estabelecidas nessa dialética. E neste ponto destaca-se o principal resultado deste trabalho. Embora os autores contemporâneos que trabalham com a teoria psicanalítica de orientação lacaniana estabeleçam a relação do sujeito psicótico com seu corpo através da relação do complexo de Édipo e da castração com o Outro, aponta-se aqui que o estágio do espelho tem uma função fundamental na constituição do eu. Primordialmente, a castração terá seu efeito determinado por aquilo que se desenrolou no estágio do espelho, discussão pouco mencionada atualmente.

A esquizofrenia é identificada no meio do caminho em relação ao que consolidaria a estágio do espelho, onde a criança manifesta seu júbilo diante da relação estabelecida com a sua imagem especular. Na esquizofrenia, a unidade imaginária separada do outro ainda não é concedida e seu corpo permanece despedaçado. Assim, a relação do esquizofrênico com sua imagem é extremamente peculiar, uma vez que não se atinge a chamada totalidade ortopédica, expressão que Lacan utilizou (1949/1998) para abordar o assentimento da imagem da criança.

O uso dos casos clínicos foi um importante aliado, uma vez que possibilitou problematizar a questão de pesquisa de acordo com as nuances de cada caso, em referência a teoria do estágio do espelho no que concerne à constituição do eu na esquizofrenia. Os

resultados apontam para o fator característico em comum da pesquisa: evidenciam o despedaçamento do corpo na esquizofrenia. Ao mesmo tempo, a presente investigação questiona o estatuto da imagem atualmente, uma vez que a cultura atual aponta para uma configuração diferente da época de Lacan.

A imagem especular tem efeitos sobre o corpo desde o desenvolvimento como bebê até a fase adulta, em que se passa por diversos momentos do estágio do espelho, uma vez que o reconhecimento da imagem através do espelho é experienciado diariamente. O tempo passa, as pessoas emagrecem, engordam, envelhecem, mudam. Como se reconhecer? Que corpo é este? A cultura contemporânea indica uma fragmentação corporal, diferente daquela abordada por Lacan, identificada no campo virtual aos imperativos do corpo ideal. A relação especular transcende o objeto espelho e se apresenta nas máquinas de ressonância, ultrassom, nos dispositivos de câmeras de aparelhos portáteis que utilizam o recurso audiovisual. Que imagem-corpo-eu é este?

Nesta direção, pode-se resgatar a discussão sobre o corpo em diferentes óticas, aqui situados por dois polos, o corpo de acordo com a Psicanálise e o corpo estabelecido pela Medicina. Situa-se o primeiro como consistência imaginária, assim como Lacan apresentou (1949/1998). O corpo da medicina é destacado pela estética médica, do bem-estar, do bom funcionamento da máquina corporal. Diante do exposto, abrem-se espaços para questionar como este corpo psicanalítico, que constitui o eu a partir do Outro, se apresenta diante deste corpo orgânico, e além disso do corpo idealizado pela cultura contemporânea, uma vez que as mudanças nas imagens são tão aceleradas quanto o próprio tempo? O estágio do espelho é revivido em diferentes momentos da vida, nos quais é preciso o reconhecimento do Outro para se estabelecer o Eu (je). A psicanálise neste sentido acompanha as variações culturais, seus imperativos, e está sempre passível as suas atualizações, mas o estágio do espelho permanece atemporal.

REFERÊNCIAS

ALVAREZ, P. Falar com qual corpo? **Textos do VI ENAPOL** (Encontro Americano de Psicanálise de Orientação Lacaniana) Tradução Ilka Franco. 2013

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders**. Fourth edition. Washington, DC. 1994

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and statistical manual of mental disorders. Fifth edition**, DSM-5. Washington, DC, London, England: American Psychiatric Publishing. 2013

ANDRADE, M. Stela do patrocínio – **a mulher que falava coisas**. [documentário]. Direção de Márcio de Andrade. 2008

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA (ABP). Tarso é um delírio. **Clipping**. 2009. Disponível em: <http://abp.org.br/portal/clippingsis/exibClipping/?clipping=9374>. Acesso em: 14/09/2015

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde**. Versão 1.6c. 1998. Disponível em: <http://www.datasus.gov.br/cid10/download.htm>. Acesso em: 13/09/2014

AURÉ, M. Le corps du schizophrène: quelques références théoriques. École de la cause freudienne. **Lectures théoriques**. Disponível em: <http://www.causefreudienne.net/le-corps-du-schizophrène-quelques-references-theoriques/>. Acesso em: 04/08/2015

AZEVEDO, C.; ABREU, M.; GUIMARÃES, L.; MORENO, D.; LOBATO, M.; GAMA, C.; ABREU, P. Sobre peso e obesidade em pacientes esquizofrênicos em uso de clozapina comparado com o uso de outros antipsicóticos. **Rev. psiquiatr. Rio Gd. Sul** vol.28 no.2 Porto Alegre May/Aug. 2006

BARRETO, F. Os efeitos da ciência sobre o corpo: o corpo-máquina da medicina, o corpo neural da psiquiatria biológica, o corpo remodelado da medicina plástica. **Opção lacaniana online** Nº 13. 2014.

BASSOLS, M. O império das imagens e o gozo do corpo falante. **Texto de apresentação do VII Encontro Americano de Psicanálise da Orientação Lacaniana** (ENAPOL). 2014. Disponível em: <http://oimperiodasimagens.com.br/pt/faq-items/o-imperio-das-imagens-e-o-gozo-do-corpo-falante-miquel-bassols/>. Acesso em: 25/05/2015.

BASTOS, R. L. **Psicanálise e pesquisas: ciência? Arte? Contraciência?** Rogério Lustosa Bastos. – 2.ed. – Rio de Janeiro: E-papers. 2009.

BENETI, A. O corpo na psicanálise e na medicina. **Almanaque de Psicanálise e Saúde Mental**. Almanaque 05, Ano 03. 2000

BESSET, V., ZANOTTI, S. O corpo e o eu: o que dizem os jovens? In: LEITÃO, H; OLIVEIRA, A. **Infância e juventude na contemporaneidade: ouvindo os protagonistas**. Apresentação: Selma Leitão. Maceió: EDUFAL, 2009.

BENTO, M. Narcisismo e desamparo no contexto hospitalar. **Rev. SBPH** v.11 n.1 Rio de Janeiro jun. 2008

BLEULER, E. Introducción general. In: BLEULER, E. **Demenciaprecoz: el grupo de las esquizofrenias**. Buenos Aires: Hormé/Paidós.(1911/1960)

BLEULER, E. Sintomatologia. In: BLEULER, E. **Demenciaprecoz: el grupo de las esquizofrenias**. Buenos Aires: Hormé/Paidós. (1911/1960)

BOUASSE, H. L'Optique et photométrie dites géométriques. Paris: **Delagrave**. 1947

BRESSAN, A.; L, PILOWSKY. Hipótese glutamatérgica da esquizofrenia. **Rev. Brasileira de Psiquiatria**. 25 (3): 177-83. 2003

BROUSSE, M. H. Corpos lacanianos: novidades contemporâneas sobre o estágio do espelho. **Opção lacaniana online** Nº 15. 2014.

BRUDER, M.; BRAUER, J. A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: impasses na separação. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 12, n. 3, p. 513-521. 2007

CAMPOS.; WINOGRAD, M. Eu sou meu corpo: o conceito de eu em Freud e de *self* em Damásio. **Natureza Humana**. 12 (1): 133-162, 2010.

CASTELLANOS, S. El cuerpo em la enseñanza de Lacan. In: CASTELLANOS, S. **El dolor y los lenguajes del cuerpo**. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2009, p. 49-58.

CASTELLANOS, S. El cuerpo em lapsicosis. In: CASTELLANOS, S. **El dolor y los lenguajes del cuerpo**. Buenos Aires: Grama Ediciones, 2009, p. 92-94.

CLAVREUL, J. A medicina é um discurso. Poder e impotência do discurso. In: CLAVREUL, J. **A ordem médica: poder e impotência do discurso médico**. Tradução *Colégio Freudiano do Rio de Janeiro*; Jorge Gabriel Noujaim, Marco Antonio Coutinho Jorge e Potiguar Mendes da Silveira Jr. São Paulo: Brasiliense, 1978.

COPPUS, A. Do corpo imaginário ao corpo marcado pelo objeto a no ensino de Lacan: uma torção. **Reverso**. Belo Horizonte. Ano 30, nº 56, p. 71-76. 2008

COUTO, L. F. S. Quatro modalidades de pesquisa em psicanálise. In: NETO, F; MOREIRA, J. **Pesquisa em Psicanálise: transmissão na Universidade**. Barbacena-MG: EdUEMG, 2010.

CUKIERT, M.; PRISZKULNIK, L. Considerações sobre eu e o corpo em Lacan. **Estudos de Psicologia**, 7 (1), 143-149. 2002

COTTET, S. As referências freudianas sobre o corpo. In: VIEIRA, M. A. **O corpo falante: sobre o inconsciente no século XXI**. 2014

COUTINHO JORGE, M. A. In: ROUDINESCO, E. **Jacques Lacan: esboço de uma vida, historia de um sistema de pensamento**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Trabalho original publicado em 1994).

COUTINHO JORGE, M. A. Pulsão e falta: o real. In: JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Vol. I: as bases conceituais. 5ª Edição, 2008.

COUTINHO JORGE, M. A. A pulsão de morte: segunda subversão freudiana. In: JORGE, M. A. C. **Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. Vol. II: a clínica da fantasia. 2010.

D'AGORD, M. As estruturas do discurso: o uso do esquema L em psicopatologia. **Lat. Am. Journal of Fund. Psychopath. Online**, v. 6, n. 1, p. 87-100, maio de 2009.

DOR, J. A metáfora paterna como “encruzilhada estrutural” da subjetividade. In: DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem**. Trad. [port] Cláudia Corbisier. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1989. (Trabalho original publicado em 1985)

DOR, J. Eu Ideal e Ideal do Eu. In: DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan: estrutura do sujeito**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. – Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1995. (Trabalho original publicado em 1992).

DOR, J. Diagnóstico e estrutura. In: DOR, J. **Estruturas e clínica psicanalítica**. Tradução Jorge Bastos e André Telles. Rio de Janeiro: Livraria Taurus-Timbre Ed, 1991.

FIGUEIREDO, A., MACHADO, O. O diagnóstico em psicanálise: do fenômeno à estrutura. **Ágora** v. III, nº 2, p. 65-86, 2000.

FILHO, H., SAMAIA, H. Esquizofrenia: aspectos genéticos e estudos de fatores de risco. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. 22 (Supl I): 2-4. 2000

FREUD, S. Histeria. In: FREUD, S. **Publicaciones prepsicoanalíticas y manuscritos inéditos en vida de Freud (1886-1899)**. Tradução José Luiz Etcheverry. Buenos Aires: Amorrortu, 2001. (Obras completas Sigmund Freud, v. 1). (Trabalho original publicado em 1893).

FREUD, S. **Estudios sobre a histeria**. Imago: 2006. (Obras completas Sigmund Freud, v. 2) (Trabalho original publicado em 1893-1895).

FREUD, S. **Estudios sobre la histeria: Breuer y Freud**. Tradução José Luiz Etcheverry. Buenos Aires:Amorrortu, 2003. (Obras completas Sigmund Freud, v. 2) (Trabalho original publicado em 1893-1895).

FREUD, S. El esclarecimento sexual del niño (carta abierta al doctor M. Fürst). In: FREUD, S. **El delírio y los sueños en la <<Gradiva>> de W. Jensen y otras obras** (1906-1908). Tradução José Luiz Etcheverry. Buenos Aires:Amorrortu, 2003. (Obras completas Sigmund Freud, v. 9) (Trabalho original publicado em 1908).

FREUD, S. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia (dementida paranoides) em autobiografia (“o caso Schreber, 1911). In: FREUD, S. **Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“o caso Schreber”), artigos sobre técnica e outros textos** (1911-1913). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas Sigmund Freud, v. 10). (Trabalho original publicado em 1914).

FREUD, S. Introdução ao narcisismo. In: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos** (1914-1916). Tradução Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas Sigmund Freud, v. 12). (Trabalho original publicado em 1915).

FREUD, S. O inquietante (1919). In: FREUD, S. **História de uma neurose infantil (“o homem dos lobos”), além do princípio do prazer e outros textos** (1917-1920). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas Sigmund Freud, v. 14). (Trabalho original publicado em 1918).

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo (1924). In: FREUD, S. **O eu e o id, “autobiografia” e outros textos**. (1923-1925). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas Sigmund Freud, v. 16). (Trabalho original publicado em 1923).

FREUD, S. Neurosis y psicosis. In: FREUD, S. **El yo y el ello y otras obras** (1923-1925). Tradução José Luiz Etcheverry. Buenos Aires:Amorrortu, 2003. (Obras completas Sigmund Freud, v. 19) (Trabalho original publicado em 1925).

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: FREUD, S. **O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos** (1930-1936). Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas Sigmund Freud, v. 18). (Trabalho original publicado em 1930).

GARCIA-ROZA, L. A. A pesquisa acadêmica em psicanálise. Em D. Ropa (Org.). **Anuário Brasileiro de Psicanálise**. (p. 118-121). Rio de Janeiro: Relume-Dumará. 1993

GARCIA-ROZA, L. Pesquisa do tipo teórico. **Psicanálise e Universidade**, 1 (1), Puc-São Paulo, p. 9-32, 1994.

GENEROSO, C. O funcionamento da linguagem na esquizofrenia: um estudo lacaniano. **Ágora** (Rio J.) vol.11 no.2 Rio de Janeiro July/Dec. 2008

GOIDANICH, Configurações do corpo nas psicoses. **Psicologia & Sociedade**; 15 (2): 65-73. 2003

GRECO, M. Os espelhos de Lacan. **Opção lacaniana online**. Nº 6. 2011

HOLVOET, D. Une petite fille dans les nuages: Le cas d'une jeune schizophrène. **LesFeuilletsduCourtil** online nº 4, 2003.

JARDIM, L. A fragmentação do eu na esquizofrenia e o fenômeno do transitivismo: um caso clínico. **Revista Mal estar e Subjetividade** – Fortaleza – vol. XI – nº 1. p. 265-284. 2011

KRAEPELIN, E. A demência precoce, sinais gerais da doença, formas paranóides", in ALBERTI, S. (org.). **Autismo e esquizofrenia na clínica da esquizo**. Rio de Janeiro: Marca d'Água; 1999

LACAN, J. Psicoanálisis y medicina. In: LACAN, J. **Intervenciones y textos 1**, Buenos Aires: Manantial. 1985.

LACAN, J. Os complexos familiares na formação do indivíduo. In: LACAN, J. **Outros Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Versão final: Angelina Harari e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

LACAN, J. Homenagem a Marguerite Duras pelo arrebatamento de Lol V. Stein. In: LACAN, J. **Outros Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Versão final: Angelina Harari e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

LACAN, J. O aturdido. In: LACAN, J. **Outros Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Versão final: Angelina Harari e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2003.

LACAN, J. O estágio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelada na experiência psicanalítica. In: LACAN, J. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

LACAN, J. De nossos antecedentes. In: LACAN, J. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

LACAN, J. De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: LACAN, J. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

LACAN, J. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: "Psicanálise e estrutura da personalidade". In: LACAN, J. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.

LACAN, J. **O Seminário, livro1: os escritos técnicos de Freud**. Tradução Betty Milan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1986.

LACAN, J. **O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**.

Versão brasileira de Marie Christine LaznikPenot, col. Antonio Luiz Quinet de Andrade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1985.

LACAN, J. **O Seminário, livro3: as psicoses**. Versão brasileira de Aluisio Menezes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1988.

LACAN, J. **O Seminário, livro 4: a relação de objeto**. Tradução Dulce Duque Estrada e Angelina Harari. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1995.

LACAN, J. A forclusão do Nome-do-Pai. In: LACAN, J. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Tradução Vera Ribeiro e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

LACAN, J. Os três tempos do Édipo. In: LACAN, J. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Tradução Vera Ribeiro e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

LACAN, J. Da imagem ao significante no prazer e na realidade. In: LACAN, J. **O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente**. Tradução Vera Ribeiro e Marcus André Vieira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1999.

LACAN, J. A causa do desejo. In: LACAN, J. **O Seminário, livro 10: a angústia**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

LACAN, J. Passagem ao ato e acting out. In: LACAN, J. **O Seminário, livro 10: a angústia**. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2005.

LACAN, J. O sujeito e o Outro (I): A alienação. In: LACAN, J. **Seminário 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.

LEITE, M. P. S. **Questões preliminares à psicanálise de psicóticos**. Palestra proferida na PUC-SP durante a I Semana de Psicanálise. In: IMP: Instituto Marcio Peter. 1987

LEITE, M.P.S. Diagnóstico, psicopatologia e psicanálise de orientação lacaniana. **Rev. Latinoam. Psicopat. Fund.**,v. IV, n. 2, p. 29-40. 2000

LEITE, M. P. S. **Imaginário**. In: LEITE, M. P. S. **Psicanálise lacaniana**. Iluminuras Ed. 2º Edição. IMP: Instituto Marcio Peter. 2010

LEITE, M. P. S. **O real**. In: LEITE, M. P. S. **Psicanálise lacaniana**. Iluminuras Ed. 2º Edição. IMP: Instituto Marcio Peter. 2010

LIMA, T. O problema da constituição do corpo na psicose: o testemunho de Antonin Artaud. **Mental** – ano VIII – nº 15 – Barbacena-MG, 2010.

LO BIANCO, A. Sobre as bases dos procedimentos investigativos em psicanálise. **Psico-USF**, v. 8, n. 2, p. 115-123. 2003

LUSTOZA, R.; BORGES, F. O falo na estrutura da neurose: histeria e neurose obsessiva. **Anais do XIX EAIC**. 2010

- MASAGÃO, A. A gramática do corpo e a escrita do nome. **Psicologia USP**, 15(1/2), 263-277, 2004.
- MENEZES, P. Prognóstico da esquizofrenia. **Revista Brasileira de Psiquiatria**. 22 (Supl I): 18-20. 2000
- MILLER, J. A. Discurso do método psicanalítico (1987). In: MILLER, J. A. **Lacan elucidado. Palestras no Brasil**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, p. 221-229, 1997.
- MILLER, J. A. **El hueso de um análisis**. TresHaches Ed. Buenos Aires. 1998
- MILLER, J. A. A invenção psicótica. **Opção lacaniana** nº 36, 2003.
- MILLER, J. A. Leitura crítica dos “Complexos Familiares”, de Jacques Lacan. Tradução Vera Ribeiro. **Opção lacaniana** nº 2, 2005.
- MILLER, J. A. A invenção do delírio. **Opção lacaniana online**, Nº 5. 2009.
- MILLER, J. A. Efeito do retorno à psicose ordinária. **Opção lacaniana online**, ano 1, Nº 3. 2010.
- MILLER, J. A. **L'inconscient et le corps parlant**. Présentation du thème du Xe Congrès de l'AMP à Rio em 2016. 2014
- MONTEIRO, L.; LOUZÂ, M. Alterações cognitivas na esquizofrenia: consequências funcionais e abordagens terapêuticas. **Rev. Psiq. Clín.** 34, supl2; 179-183. 2007
- MOGADOURO, M.; CORDEIRO, Q.; ZUNG, S.; VALLADA, H. Mortalidade e esquizofrenia. **ArqMed**. HospFacCiencMed Santa Casa São Paulo. 2009; 54(3): 119-26.
- MOREIRA, J. Édipo em Freud: O movimento de uma teoria. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 9, n.2, p. 219-227. 2004
- MOSÉ, V. Reino dos bichos e dos animais é o meu nome/ Stela do patrocínio. 2ªEd. Rio de Janeiro: Beco do Azougue. 2009
- MUSACHI, G. Corpo. In: **os objetos a na experiência psicanalítica**. Textos preparatórios para o VI Congresso da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), Buenos Aires, 21 a 25 de Abril de 2008. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2008.
- NETO, A.; BRESSAN, R.; FILHO, G. Fisiopatologia da esquizofrenia: aspectos atuais. **Rev. Psiq. Clín.** 34, supl2; 198-203. 2007
- NITZCANER, D. Imaginário. Org: MACHADO, O; RIBEIRO, V. **Um real para o século XXI**. Belo Horizonte: Scriptum, 2014.
- QUINET, A. As funções das entrevistas preliminares. In: QUINET, A. **As 4 + 1 condições de análise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1ª Edição, 1991.

- QUINET, A. Esquizofrenia e paranoia. In: QUINET, A. **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2ª Edição, 2009.
- QUINET, A. O pequeno outro. In: QUINET, A. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2012.
- RIBEIRO, V. Nota à edição brasileira. In: LACAN, J. **Escritos**. Tradução: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1998.
- ROUDINESCO, E. **Jacques Lacan: esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. (Trabalho original publicado em 1994).
- ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Tradução Vera Ribeiro e Lucy Magalhães. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1998
- SALES, L. Posição do estágio do espelho na teoria lacaniana do imaginário. **Revista do departamento de Psicologia – UFF**, v. 17 – nº 1, 2005, p. 113-127.
- SILVA, R. Esquizofrenia: uma revisão. **Psicologia USP**, 17 (4), 263-285. 2006
- STASSE, P. Esquize. In: **os objetos a na experiência psicanalítica**. Textos preparatórios para o VI Congresso da Associação Mundial de Psicanálise (AMP), Buenos Aires, 21 a 25 de Abril de 2008. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2008.
- STEFFEN, R.. A tópica do imaginário. In: FILHO, A [et al.]; CHECCHINATO, D. (coord.). **A clínica da psicose** – Campinas: Papyrus, 1985.
- TIRONI, A. A psicose ordinária e os inclassificáveis das categorias lacanianas. **Opção lacaniana online**, ano1, Nº 1. 2010.
- VIEIRA, M. A. O corpo falante. In: VIEIRA, M.A. **O corpo falante: sobre o inconsciente no século XXI**. Apresentação do X Congresso da Associação Mundial de Psicanálise (AMP). 2014
- ZANOTTI, S.; MAURICIO, T. Fenômenos elementares na psicose: O caso Schreber. **Estudos contemporâneos da Subjetividade**. Vol. 4. N 1. 2014
- ZANOTTI, S.; SANTOS, K.; SIQUEIRA, A.; PACHECO, K. Psicanálise e Universidade: considerações sobre o caso clínico em pesquisas. In: LANG, C., BERNARDES, J., RIBEIRO, M., ZANOTTI, S. **Metodologias: pesquisas em saúde, clínica e práticas psicológicas**. Maceió: EDUFAL, 2015.
- ZALCBERG, M. Como a menina inscreve-se no desejo da mãe? In: ZALCBERG, M. **A relação mãe e filha**. Elsevier Ed. 1ª Edição, 2002.
- ZBRUN, M. A clínica diferencial das psicoses e psicoses ordinárias. **Opção lacaniana online**. Ano 1, nº 3. 2010